



ESCOLA SUPERIOR  
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**AS MULHERES, A IMPRENSA E A POLÍTICA EM  
PORTUGAL: O CASO DO *CORREIO DA MANHÃ***

ANDREIA CATARINA MARQUES NOGUEIRA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUBMETIDO COMO REQUISITO PARCIAL PARA  
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO

Orientadora:

Professora Doutora Filipa Subtil, Professora Adjunta,  
Escola Superior de Comunicação Social

[OUTUBRO, 2022]

## DECLARAÇÃO ANTI PLÁGIO

Declaro ser a autora deste relatório de estágio, requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original nunca submetido, no seu todo ou em parte, a qualquer outra instituição de ensino superior para obtenção de grau académico ou outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações se encontram devidamente identificadas, e acrescento ter plena consciência de que o plágio poderá levar à anulação do presente trabalho.

Lisboa, outubro de 2022

A candidata,

Andreia C. P. Nogueira

O homem português não está habituado a deparar no caminho da vida com as mulheres suas iguais pela ilustração, suas companheiras de trabalho, suas colegas na vida pública; por isso as desconhece, as despreza por vezes, as teme quase sempre.

Ana de Castro Osório, *Às Mulheres Portuguesas*, 1905/2015, pp.13-14

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me acompanharam durante este longo percurso académico e que, de uma forma ou outra, me ajudaram a manter focada e a concretizar mais um objetivo. Apesar de marcada por altos e baixos, esta etapa foi concluída, não podendo deixar de agradecer a todos.

À professora Filipa Subtil, orientadora do relatório de estágio, pelo apoio, disponibilidade, paciência e constantes correções. E, ainda, pelas palavras de motivação e partilha de conhecimento que recebi ao longo dos últimos meses.

À *Cofina* por me dar oportunidade de praticar jornalismo numa redação. À equipa do *Online do Correio da Manhã*, estagiários e jornalistas, que me acompanharam ao longo de três meses, que me deram oportunidade de crescer profissionalmente e que me proporcionaram novas memórias.

À Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS-IPL) por me receber em dois anos tão difíceis para o mundo, proporcionando-me uma nova aventura no mundo académico e novas amizades. Àqueles com que cruzei caminhos nestes anos de aprendizagem e crescimento.

À Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra por me ter acolhido longe de casa pela primeira vez e me ter possibilitado um percurso académico sem igual. A Coimbra e a todas as amizades que lá fiz.

Às minhas amigas e amigos que a vida me juntou ao longo dos anos. Às de sempre. De norte a sul. Agradeço pelo constante incentivo, riso e abraço, pelo companheirismo, pela amizade e pela presença que necessitava.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional e palavra amiga. Aos meus avós, Lurdes, Aldina, Manuel e Daniel.

À minha irmã, pela motivação, apoio, e amor. E por acreditar em mim, mesmo quando a luz não estava tão clara.

A todos o meu mais sincero obrigado.

# AS MULHERES, A IMPRENSA E A POLÍTICA EM PORTUGAL: O CASO DO *CORREIO DA MANHÃ*

## RESUMO

O presente volume resultou do estágio curricular no jornal diário *Correio da Manhã*, que decorreu entre 7 de março e 6 de junho de 2022. Durante o estágio colaborei, como jornalista estagiária, na produção de conteúdos escritos e multimédia na secção *Online*.

Este relatório de estágio integra uma descrição e análise crítica dos três meses de estágio e um exercício investigativo que resulta da experiência profissional adquirida. O objetivo da pesquisa é contribuir para uma reflexão sobre a representação mediática de mulheres com cargos políticos em Portugal, através da análise de peças jornalísticas publicadas no *CM*. A questão de partida que orienta a pesquisa é: *em que medida a representação mediática da política tende a ser genderizada nas peças?*

Apesar de novas medidas legislativas para a igualdade de acesso a cargos políticos, a masculinização da política e a invisibilidade das mulheres na política e nos média continuam a persistir na sociedade portuguesa.

A estratégia metodológica concentra-se em pesquisa de natureza documental, utilizando as seguintes técnicas de recolha de informação: leitura e análise crítica da literatura em áreas como os estudos feministas dos média, movimentos feministas, legislação nacional; e análise de conteúdo temática de 366 peças (que retratam as protagonistas com cargos políticos na Assembleia da República e Governo constitucional). Essa análise está organizada em três dimensões de análise: estrutural, textual e de imagem. Concluiu-se que os estereótipos de género continuam a persistir, resultando na genderização da mulher na política, nos média e na sua sub-representação mediática.

## PALAVRAS-CHAVE

*Cofina* | *Correio da Manhã* | Mulheres que exercem cargos políticos | Representação mediática | Política

# WOMEN, PRESS AND POLITICS IN PORTUGAL: THE CASE OF *CORREIO DA MANHÃ*

## ABSTRACT

The present volume is the result of the curricular internship at the daily newspaper *Correio da Manhã*, which took place between March 7<sup>th</sup> and June 6<sup>th</sup>, 2022. During the internship I collaborated, as a trainee journalist, in the production of written and multimedia contents for the *Online* section.

This internship report integrates a description and critical analysis of the three months of internship and a research exercise that results from the acquired professional experience. The aim of the research is to contribute to a reflection on the media representation of women in political positions in Portugal, through the analysis of journalistic pieces published in *CM*. The starting question that guides the research is: *to what extent does the media representation of politics tends to be genderized in the articles?*.

Despite new legislative measures for equal access to political posts, the masculinization of politics and the invisibility of women in politics and the media continue to persist in Portuguese society.

The methodological strategy focuses on research of a documental nature, using the following information gathering techniques: reading and critical analysis of literature in areas such as feminist media studies, feminist movements, national legislation; and thematic content analysis of 366 pieces (which portray protagonists holding political positions in the Portuguese Parliament and Constitutional Government). This analysis is organized in three dimensions of analysis: structural, textual and image. It was concluded that gender stereotypes continue to persist, resulting in the genderization of women in politics, in the media and in their media under-representation.

## KEYWORDS

*Cofina* | *Correio da Manhã* | Women in political office | Media representation | Politics

# ÍNDICE

<b>DECLARAÇÃO ANTI PLÁGIO</b> .....	II
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	IV
<b>RESUMO</b> .....	V
<b>ABSTRACT</b> .....	VI
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	XI
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I: Caracterização da instituição de acolhimento e descrição e análise do estágio curricular</b> .....	4
1.1. Grupo Cofina .....	4
1.2. Correio da Manhã .....	6
1.2.1. Correio da Manhã Online .....	10
1.2.2. Correio da Manhã TV – CMTV .....	12
1.3. Descrição do estágio curricular.....	14
<b>CAPÍTULO II: Por uma história da luta das mulheres portuguesas por direitos políticos e sociais</b> .....	24
2.1. Origens e desenvolvimentos dos movimentos feministas internacionais: reivindicações e primeiras conquistas.....	24
2.1.1. As lutas e as conquistas da “primeira vaga” .....	24
2.1.2. As lutas e as conquistas da “segunda vaga” .....	29
2.1.3. As lutas e as conquistas da “terceira vaga” .....	33
2.2. As primeiras mulheres portuguesas e a luta por direitos políticos e sociais.....	37
2.2.1. A condição política e social da mulher no Estado Novo.....	42
2.3. A democratização do sistema político português e as primeiras políticas públicas em prol da igualdade de género .....	46
2.3.1. O lento acesso das mulheres a cargos políticos .....	47
2.3.2. A lei da paridade nos cargos políticos.....	52
<b>CAPÍTULO III: Os média, as mulheres e a política em Portugal</b> .....	54

3.1. Os média e a política.....	54
3.2. As figuras políticas femininas e a sua representação nos média portugueses .....	56
3.2.1. Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004) .....	56
3.2.2. Manuela Ferreira Leite (1940-) .....	58
3.2.3. Assunção Cristas (1974-) .....	59
<b>CAPÍTULO IV: Análise da presença das mulheres portuguesas com cargos políticos no Correio da Manhã (março a junho de 2022).....</b>	<b>62</b>
4.1. Objetivos e questões de partida .....	62
4.2. Estratégia metodológica e a apresentação do <i>corpus</i> de análise.....	62
4.3. Apresentação e discussão dos resultados.....	66
4.3.1. Dimensão estrutural.....	71
4.3.2. Dimensão textual.....	77
4.3.3. Dimensão de imagem.....	86
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>102</b>
Anexo 1. Dados sobre colaboradores ativos no grupo Cofina em 2021 .....	102
Anexo 2. Peças publicadas no <i>Correio da Manhã</i> .....	105
Anexo 3. Exemplo de banners no Correio da Manhã .....	114
Anexo 4. Capa do <i>Correio da Manhã</i> de 24 de março de 2022 .....	116

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Grelha de análise: Dimensão estrutural. ....	67
Tabela 2. Grelha de análise: Dimensão textual. ....	68
Tabela 3. Grelha de análise: Dimensão de imagem.....	70
Tabela 4. Grelha de análise: Divisão do estudo por dia/jornal e peças jornalísticas. ....	70

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Total de peças jornalísticas analisadas entre março e abril de 2022. ....	65
Gráfico 2. Quantidade de jornais analisados do Correio da Manhã, entre março e junho de 2022. ....	65
Gráfico 3. Total de peças jornalísticas analisadas entre março e abril de 2022, com distinção de peças com lugar na capa do jornal. ....	71
Gráfico 4. Peças publicadas na capa.....	72
Gráfico 5. Localização das páginas das peças. ....	73
Gráfico 6. Secção das peças. ....	73
Gráfico 7. Quantidade de notícias analisadas de 23 a 31 de março de 2022, com incidência nas secções "Atualidade" e "Política".....	74
Gráfico 8. Géneros jornalísticos analisados. ....	75
Gráfico 9. Dimensão das peças jornalísticas. ....	76
Gráfico 10. Peças com infografias.....	76
Gráfico 11. Géneros jornalísticos com infografias.....	77
Gráfico 12. Origem das peças jornalísticas. ....	78
Gráfico 13. Temas das peças analisadas.....	78
Gráfico 14. Peças retrataram eventos ou temas específicos. ....	79
Gráfico 15. Voz nas peças analisadas.....	80
Gráfico 16. Sexo dos protagonistas. ....	81
Gráfico 17. Número de protagonistas.....	81
Gráfico 18. Partilha de protagonismo por sexo. ....	82
Gráfico 19. Atributos profissionais dos protagonistas. ....	83
Gráfico 20. Representação de mulheres analisadas a partir de atribuição profissional..	84
Gráfico 21. Posição textual do cargo profissional nas peças.....	84
Gráfico 22. Peças com um protagonista mencionam outros nomes políticos? .....	85

Gráfico 23. Peças com um ou dois ou mais protagonistas mencionam familiares ou amigos dos protagonistas? .....	86
Gráfico 24. As peças têm imagem? .....	86
Gráfico 25. Quando têm imagem, quantas imagens são?.....	87
Gráfico 26. Se as peças têm imagem, o que trata? .....	88
Gráfico 27. Quando o protagonista é retratado na imagem, quem mais protagoniza a imagem? .....	89
Gráfico 28. Localização das imagens. ....	90
Gráfico 29. Aspeto dos protagonistas nas imagens. ....	91
Gráfico 30. Aspeto das mulheres nas imagens. ....	91
Gráfico 31. Tipo de ação dos protagonistas nas imagens.....	92
Gráfico 32. Tipo de ação das mulheres nas imagens analisadas. ....	93
Gráfico 33. Quando tem dois ou mais protagonistas femininos ou femininos e masculinos e tem imagem, quem aparece?.....	93

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Exemplo de banner com detalhes, com e sem fotos, do jornal de 25 de março de 2022. ....	114
Figura 2. Exemplo de banner da categoria "Sobe/Desce", do jornal de 7 de março de 2022. Fonte fotográfica: Autoria própria.....	115
Figura 3. Capa disponível em <a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/capas/detalhe/cm-de-hoje-24032022">https://www.cmjornal.pt/mais-cm/capas/detalhe/cm-de- hoje-24032022</a> .....	116

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**BE** – Bloco de Esquerda

**CDS-PP** – Partido do Centro Democrático Social-Partido Popular

**CIG** - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

**CNMP** - Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas

**CM** – Correio da Manhã

**CMTV** – Correio da Manhã TV

**ENIND** - Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação

**GMMP** - Global Media Monitoring Project

**LGBTQIA+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais

**MFL** – Manuela Ferreira Leite

**MLP** – Maria de Lourdes Pintasilgo

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PAIMH** - Plano de Ação para a Igualdade entre Mulheres e Homens

**PAOIEC** - Plano de Ação para o Combate à Discriminação em razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género, e Características Sexuais

**PAVMVD** - Plano de Ação para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica

**PCP** – Partido Comunista Português

**PSD** – Partido Social Democrata

**RTP** – Rádio e Televisão de Portugal

**SIC** – Sociedade Independente de Comunicação

**TVI** – Televisão Independente

**UE** - União Europeia

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## INTRODUÇÃO

A escolha de realização de um estágio curricular e consequente elaboração de relatório de estágio prendeu-se com a possibilidade de colocar em prática conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura em Jornalismo e Comunicação, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), e do mestrado em Jornalismo, pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS-IPL), e pela oportunidade de desenvolver competências profissionais no meio jornalístico, através da experiência em redação e do contacto com profissionais da área. O estágio não remunerado foi realizado no *Grupo Cofina*, na secção do *Online do Correio da Manhã*, e decorreu entre 7 de março e 6 de junho de 2022.

Desta experiência profissional resultou o exercício investigativo que agora se apresenta. O objeto de estudo, a representação mediática das mulheres que exercem cargos políticos, surgiu de um interesse pessoal e preocupação social pelas questões da igualdade entre mulheres e homens que me tem acompanhado ao longo da minha carreira académica.

Desde há pouco mais de 100 anos, o ativismo social e político, maioritariamente feminino, trouxe ao espaço público a importância da luta pela igualdade de género em todos os campos da vida social e pública. Apesar das múltiplas vitórias para a conquista de direitos sociais e políticos nas diversas esferas da vida social, muitos são ainda os entraves para o exercício de uma cidadania plena das mulheres. Vejam-se alguns exemplos: os níveis salariais continuam, em muitos casos, díspares entre mulheres e homens na realização da mesma tarefa, permanecem os tetos de vidro para aceder a cargos de liderança nas empresas, mas também, na vida política, a dificuldade em conciliar a vida profissional e familiar, entre outras.

Na esfera política, a transição democrática permitiu alcançar direitos que até aí tinham sido vedados às mulheres como o direito de voto, o direito ao divórcio ou a legalização da interrupção voluntária da gravidez, entre outros. Pela primeira vez, estes tópicos, estiveram no centro dos debates políticos e públicos.

Apesar deste esforço continuado do ponto de vista legislativo e social no sentido da igualdade de género, em Portugal, a política continua a ser uma área de atividade profundamente masculina. Depois de quase 50 anos de democracia, tivemos apenas uma

mulher Primeira-Ministra durante escassos meses, a sua atuação enquanto deputadas, secretárias de Estado ou ministras continua diminuta e, regra geral, em pastas ministeriais associadas aos domínios sociais e do cuidado.

Esta realidade tende a ser reproduzida pelos média, que insistem em invisibilizá-las ou a apresentá-las não de acordo com a sua competência para o cargo, mas enfatizando características ligadas à maternidade, entre outras.

Como afirma Maria João Silveirinha,

(...) os média não apenas não encorajam a implementação da igualdade entre mulheres e homens, como parecem, de facto, constituir-se em mecanismos que impedem as necessárias transformações que podem conduzir a essa igualdade (2012, p.100).

Num mundo em que persiste a sub-representação e a subalternidade da mulher no espaço público, político e mediático, torna-se relevante estudar como Portugal tem evoluído nesse campo e como os média poderiam contribuir para uma sociedade mais igualitária.

A estratégia metodológica assentou na pesquisa documental. Primeiramente procedeu-se à leitura e análise crítica de literatura nos domínios do feminismo, da história das mulheres, dos estudos feministas e dos média, mulheres e política, com particular destaque para autoras/es como Esteves (2001; 2014), Martins (2015), Silva (1983), Silveirinha (2012; 2017), Souza (2014), Subtil (2009; 2017), Tavares (2008), Vaquinhas (2002), entre outras. Estas leituras foram imprescindíveis para entender os fundamentos históricos, políticos, sociais e culturais sobre as origens e desenvolvimentos do movimento feminista internacional e nacional. Para a análise da representação das mulheres na política o livro de Carla Martins *Mulheres, Liderança Política e Media*, serviu como inspiração para esta pesquisa.

Num segundo momento, e para analisar o *corpus* selecionado de peças jornalísticas, utilizou-se a análise de conteúdo temática. Inicialmente estabeleceu-se a investigação através de conteúdo vídeo de telejornais, mas, não se verificando possível devido à dificuldade em aceder a arquivos, a investigação rumou para um novo campo de observação: os jornais impressos do *Correio da Manhã*. Assim, partiu-se da análise de jornais diários durante o período de estágio, com conteúdo que representasse figuras com cargos políticos (Assembleia da República, Governo e Presidente da República) em Portugal durante um período de três meses, com o objetivo de contribuir para uma

reflexão sobre a representação mediática de mulheres portuguesas com cargos políticos ativos. Todos os géneros jornalísticos foram analisados, assim como todas as imagens dos artigos, mas estas não foram um requisito obrigatório para a análise de cada peça, pois breves têm por costume não ter conteúdo fotográfico.

Com o campo de observação e a metodologia escolhida, procede-se à delimitação da pergunta de partida e das seguintes interrogações: 1. *Em que medida a representação mediática da política tende a ser genderizada nas peças?*; 2. *Quantos homens políticos são retratados? Quantas mulheres políticas são retratadas?*; 3. *Quantas peças jornalísticas sobre política aparecem no Correio da Manhã?*; 4. *Que tipo de voz é utilizada para citar o(s) protagonista(s)?*; 5. *Aparecem outras personagens políticas portuguesas que não o(s) protagonista(s)?*

Este volume organiza-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, num primeiro momento, apresenta-se o órgão de comunicação onde foi realizado o estágio; e, num segundo momento, faz-se uma descrição detalhada do estágio curricular.

No segundo capítulo, enquadra-se teoricamente o exercício investigativo, percorrendo as origens do movimento feminista internacional com base em leituras das que têm vindo a ser designadas por “vagas do feminismo”. Este momento afigurou-se fundamental para, de seguida, enquadrar a receção destas ideias e reivindicações na sociedade portuguesa. Este capítulo termina com as conquistas em termos de direitos de cidadania alcançadas pelas mulheres portuguesas na sequência da instauração do regime democrático. Dá-se conta das primeiras políticas públicas para a igualdade de género, das mudanças na legislação, da paulatina chegada das mulheres a cargos políticos, etc.

O terceiro capítulo reflete a forma como os média representaram as mulheres que ocuparam cargos políticos, como foram os casos de Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-1980), de Manuela Ferreira Leite (1940-) e de Assunção Cristas (1974-).

O quarto e último capítulo apresenta os resultados da análise de conteúdo temática que foi utilizada para analisar as peças jornalísticas publicadas no *CM* durante o período selecionado. Esta análise foi feita a partir de três dimensões: estrutural, textual e de imagem.

# CAPÍTULO I: Caracterização da instituição de acolhimento e descrição e análise do estágio curricular

O presente capítulo tem como principais objetivos caracterizar o *Correio da Manhã (CM)* como a instituição de acolhimento do estágio curricular que realizei entre 7 de março e 6 de junho de 2022 e descrever e analisar criticamente as atividades aí desenvolvidas. Num primeiro momento, será apresentada uma breve história deste órgão da imprensa nacional inserido no *Grupo Cofina*, bem como a multiplataforma onde atua. Num segundo momento, será descrita a experiência do estágio, com a apresentação de métodos de trabalho em redação, aprendizagens e conclusões.

## 1.1. Grupo Cofina

O grupo empresarial, fundado em 1990, é dos principais grupos de média portugueses, detendo quatro jornais, sete revistas (três exclusivamente *online*) e um canal de televisão por cabo<sup>1</sup>. Paulo Fernandes é presidente executivo da *Cofina*, e foi um dos seus fundadores, juntamente com João Oliveira e Domingos Matos. A empresa *Cofina SGPS, S.A.* detém a *holding* e editora *Cofina Media*.<sup>2</sup>

A empresa apresenta como estratégia de desenvolvimento o “reforço da posição competitiva” e a “criação de valor para os acionistas”, declarando-se como líder do mercado de imprensa em Portugal.<sup>3</sup> Como terceira maior empresa no setor de média português, tentou, entre 2019 e 2020, proceder à compra do grupo *Global Media*, a que a TVI pertence, mas sem sucesso.<sup>4</sup> O grupo empresarial tem a ambição de liderar o mercado português no setor dos meios de comunicação social.

A *Cofina* estabeleceu como objetivos o foco no reforço da rentabilidade dos ativos, monetizando a partir dos investimentos em jornais e revistas e no controlo de

---

<sup>1</sup> Para além destes, existe ainda o *Mais Sport*, um suplemento de desporto, com saída nas bancas ao sábado, juntamente com o *CM*.

<sup>2</sup> Informação retirada do website da empresa Cofina. Consultado a 20 de junho de 2022, em <http://www.cofina.pt/>

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> Cofina anuncia renúncia à OPA sobre a Media Capital. (2021). Negócios. Consultado a 20 de junho de 2022, em <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/cofina-anuncia-renuncia-a-opa-sobre-a-media-capital>

custos, o aumento de dimensão da empresa e na internacionalização.<sup>5</sup> O desejo de avançar para o mercado internacional começou em 2007, com o lançamento do jornal *Destak São Paulo*, um jornal diário gratuito brasileiro, que mais tarde se expandiu para outras cidades do Brasil.<sup>6</sup>

Em Portugal, o principal título que a *Cofina Media* detém é o jornal diário *Correio da Manhã*, líder no segmento dos jornais diários nacionais.<sup>7</sup> A empresa detém ainda o jornal desportivo diário *Record*, o *Destak* e o *Jornal de Negócios*, e as revistas *Sábado*, *TV Guia*, *Boa Onda* e *Domingo*. No online é detentora das revistas *Máxima*, *Must* e *Flash!*. Entrou no setor do audiovisual em 2013, lançando o canal de televisão por cabo, *CMTV*.

O grupo é ainda proprietário de doze websites, que contaram, em 2021, com um total de 1 023 231 995 visitas e 3 507 432 671 *page views* (Cofina, 2022, p.112). Nas redes sociais contava com mais de seis milhões de seguidores, sendo quatro milhões no *Facebook* (p.112). Para acompanhar as necessidades e tendências do mercado português, o grupo aposta no desenvolvimento das assinaturas digitais, que cresceram 36% nesse mesmo ano (Cofina, 2022, p.112).

Segundo o Relatório e Contas do grupo *Cofina* relativo a 2021, nesse ano a *Cofina* viu as suas receitas totais ascenderem aos 75.8 milhões de euros, conseguindo um crescimento de 6,2% comparativamente a 2020 (Cofina, 2022, p.11).

Em 2021, os quadros da *Cofina* integravam 679 pessoas. Destas, 42% eram mulheres, maior parte delas com formação académica superior (ver Anexo 1). O Conselho de Administração era composto por seis membros, sendo que apenas duas pessoas eram do sexo feminino (Cofina, 2022, p.101). Na categoria profissional de jornalista, a discrepância é significativa: dos 284, menos de metade (108) eram mulheres (ver Anexo 1).<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Informação retirada do website da empresa Cofina. Consultado a 20 de junho de 2022, em <http://www.cofina.pt/>

<sup>6</sup> Lançamento do *Destak Rio de Janeiro* (2009), *Destak Brasília* (2010) e *Destak Campinas* (2011).

<sup>7</sup> Em 2021, o CM registou uma quota de mercado de 61,4%, em que mais de 61 leitores em 100 adquiriram este jornal.

Dias, S. (2022). *CM é líder na imprensa portuguesa com quota de mercado de 61,4%*. *Correio da Manhã*. Consultado a 20 de junho de 2022, em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/cm-e-lider-na-imprensa-portuguesa-com-quota-de-mercado-de-614>

<sup>8</sup> Dados consultados a partir de informação, enviada por via e-mail, dos Recursos Humanos do grupo. Ver Anexo 1 para mais dados sobre colaboradores ativos no grupo Cofina em 2021.

O grupo *Cofina* implementou uma política de igualdade de género em todas as áreas de atuação. Exemplo disso, como é afirmado no ponto “Política de Diversidade” do *Relatório e Contas 2021* (p.20), foi a eleição de Ana Mendonça, em 2009, para o Conselho de Administração e, posteriormente, em 2020, a eleição de Laurentina Martins. Todos os anos é publicado pelo grupo um Plano para a Igualdade de Género, com objetivos e medidas a implementar:

alcançar uma efetiva igualdade de tratamento e de oportunidades entre mulheres e homens, promovendo a eliminação da discriminação em função do sexo e fomentando a conciliação entre a vida pessoal, familiar e profissional (Cofina, 2022, p.20).

No Plano referente a 2022, o Conselho de Administração reforça a intenção de promover políticas de diversidade nas áreas de igualdade no acesso ao emprego, igualdade nas condições de trabalho, igualdade remuneratória, proteção na parentalidade e conciliação da atividade profissional com a vida familiar e pessoal. O mesmo documento afirma ainda ter como objetivo assegurar processos de recrutamento justos, reforçar os princípios de igualdade e não discriminação em diversas áreas como a formação ou a proteção da parentalidade, assegurar progressões na carreira igualitárias e possibilitar o trabalho remoto sempre que necessário (pp.7-9). Segundo os relatórios da empresa, não foram registados quaisquer incidentes de discriminação de género durante o ano de 2021 (Cofina, 2022, p.121).

## **1.2. Correio da Manhã**

O *Correio da Manhã*, adquirido pelo grupo *Cofina* em 2000, é um jornal diário que se afirmou no mercado de imprensa português, com características generalistas. Para além da versão impressa, conta também com um *website*, em que o leitor pode acompanhar todos os acontecimentos ao minuto. Este formato permite que a informação chegue a qualquer parte do mundo e a qualquer público-alvo.

A aquisição do jornal permitiu ao *Cofina Media*, detido pelo grupo *Cofina*, expandir-se no mercado e afirmar a sua posição no panorama mediático nacional. Apesar de ter sido adquirido pelo grupo empresarial em 2000, o *CM* começou a ser projetado em novembro de 1978, por Vítor Direito, Carlos Barbosa e Nuno Rocha numa cave em São Bento, em Lisboa, numa época em que Portugal atravessava uma grave crise política e se

adaptava à democracia e à liberdade de expressão e imprensa, depois de décadas de censura e controlo dos meios de comunicação por parte de um estado autoritário.<sup>9</sup>

A primeira edição saiu para as bancas a 19 de março de 1979. Este projeto foi lançado com um capital social de 1350 contos (6733 euros), com a ajuda de um grupo de empresários, e cujo objetivo passava por liderar o mercado português, que se caracterizava na época pela ascensão de jornais de tipo tabloide. Um dos fatores que contribuiu para o rápido crescimento do jornal foi a escolha do nome, que surgiu da necessidade de fugir ao padrão de títulos existentes, como era exemplo o *Diário de Notícias*, o *Diário Popular* e o *Diário de Lisboa*, destacando-se assim no próprio meio.<sup>10</sup>

Os fundadores do *CM* queriam fazer um jornalismo diferente, não politizado, que fugisse à regra e se tornasse num jornal com conteúdos generalistas e que fosse ao encontro das necessidades da população (Duarte, 2014, p.37). Nos seus inícios, o *CM* teve como objetivo trazer novos conteúdos ao povo português, com um formato diferente dos outros diários, oferecendo conteúdos exclusivamente informativos sobre o país e o mundo, e não apenas sobre política. Apresentou uma nova forma de se informar: escrita clara, objetiva e direta, com textos simples. Esta opção permitiria que a informação fosse consumida por qualquer tipo de público oriundo de qualquer classe social. O diário diferenciava-se ainda pelo uso de manchetes chocantes, paginação original e moderna, e dando ao povo protagonismo na informação (Duarte, 2014, p.37).

Ao longo do percurso do jornal, os fundadores passaram por bastantes adversidades, como a falta de financiamento e problemas de distribuição, mas, apesar destas dificuldades, continuou a afirmar-se como referência no meio jornalístico (Duarte, 2014, p.37) até ser adquirido pelo grupo *Cofina*.

O *CM* tentou sistematicamente introduzir novidades que auxiliassem no processo de fidelização dos seus leitores: com a expansão de delegações pelo país, a publicação de diversas revistas, e até o uso de cores no jornal.

A expansão de delegações pelo país teve por objetivo estar mais perto do público e chegar a acontecimentos e eventos de forma mais rápida e eficaz. A primeira delegação do jornal a ser criada foi em Faro, a 27 de maio de 1980, apenas um ano depois da

---

<sup>9</sup> Lusa. (2009). *Correio da Manhã cumpre 30 anos*. Público. Consultado a 22 de junho de 2022, em <https://www.publico.pt/2009/03/18/portugal/noticia/correio-da-manha-cumpre-30-anos-1369744>

<sup>10</sup> *Ibidem*.

publicação do primeiro número do diário (Duarte, 2014, p.37). Outras delegações abriram pelo país ao longo dos anos, como são o caso da delegação do Porto ou, posteriormente, a de Coimbra. Em 1986, sete anos depois da fundação, o *CM* atinge uma circulação diária superior a 60 mil exemplares (Duarte, 2014, p.38), afirmando-se assim no mercado português, mesmo depois de passar por dificuldades financeiras.

A novidade do uso de cores no jornal ajudou a que o jornal se destacasse de outros diários. Em 1992, a primeira página do diário começou a ser impressa a cores, tendo-se um ano depois alastrado essa decisão gráfica para todo o jornal (Duarte, 2014, p.38).

O *CM* foi ainda pioneiro na publicação de suplementos, em formato de revistas, que saíam em três dias da semana distintos. O *Correio de Domingo*, publicado no dia da semana do título, foi criado em 1981, com conteúdo generalista e com páginas a cores, tornando-se algo inédito no país (Duarte, 2014, p.37). Dez anos depois, em 1991, passa a publicar, à sexta-feira, a revista *Correio da Manhã TV*, também impressa a cores, com conteúdos dedicados à televisão, com informação, reportagens, entrevistas e programações televisivas. Em 1993, o jornal lança a *Casa*, que tratava matérias de caráter social, como a moda, receitas ou família, tendo por objetivo alcançar o público feminino; passou a ser incluída na edição das quartas-feiras, também esta a cores.

O contínuo avanço do jornal, no *design*, na informação e nos suplementos de informação, como o *Mais Sport* – que sai com o jornal ao sábado, desde 2006 (Duarte, 2014, p.39) - e a revista *Boa Onda* – sobre celebridades, cultura e entrevista, criada no início de 2022, com saída à sexta-feira<sup>11</sup>-, proporcionou um crescimento contínuo do *Correio da Manhã* em termos de tiragens. Apesar da descontinuidade de algumas revistas, devido à diminuição das vendas, o *CM* continuou a renovar-se.

Dois anos antes da compra pela *Cofina*, o diário lançou um noticiário online, de modo a oferecer aos leitores informação constante e atualizada, conforme as necessidades do novo mundo tecnológico (Duarte, 2014, p.38). O *CM* arrancou a emissão digital durante a primeira fase do ciberjornalismo português<sup>12</sup> com “um menu reduzido das

---

<sup>11</sup> Correio da Manhã. (2021). Revista 'Boa Onda', 'Domingo', televisão e estrelas: 2022 traz novidades no *Correio da Manhã*. Consultado a 22 de junho de 2022, em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/revista-boa-onda-domingo-televisao-e-estrelas-2022-traz-novidades-no-correio-da-manha>

<sup>12</sup> O ciberjornalismo começou a ser implementado em Portugal na segunda metade dos anos 90. Inicialmente as empresas dos média apenas tinham o objetivo de ter outra plataforma em que pudessem replicar o conteúdo da versão impressa, com uma linguagem simples e intuitiva, o que levou a que o ciberjornalismo se revelasse insuficiente e não rentável para essas empresas (Bastos, 2009, pp.3,6). Bastos (2009, pp.1-10) explicou que o ciberjornalismo português se dividiu em três fases até 2007: a primeira fase,

secções de Nacional, Internacional, Espetáculos e Desporto”, que se destacava pelo uso de letras maiúsculas graúdas nos títulos, tal como nas manchetes do papel (Bastos, 2009, p.4; Bastos, 1998). O ano de 2002, é marcado pela aposta no *design* e funcionalidades do *website* com a introdução de recursos interativos entre o jornal e os leitores, permitindo que o público comentasse peças noticiosas publicadas e que ainda pudesse partilhar por correio eletrónico notícias com outros utilizadores (Bastos, 2009, p.11). Atualmente verifica-se o investimento, a transição e a preferência pelo jornalismo digital. O digital possibilita receber informação a cada minuto e a utilização de multimédia, como vídeo, áudio e conteúdos interativos, no entanto os jornalistas continuam a produzir conteúdo de forma demasiado rápida e sem possibilidade de trabalho de terreno, como é o exemplo da secção *online* do *CM*.

Desde julho de 2021 que a direção do *CM* e da *Correio da Manhã TV* está a cargo de Carlos Rodrigues, substituindo Octávio Ribeiro (diretor desde 2002)<sup>13</sup>, que acumula com o cargo de diretor de programação.<sup>14</sup> A direção é ainda composta pelos diretores adjuntos Alfredo Leite, Armando Esteves Pereira, Paulo Oliveira Lima, Paulo Santos, Eduardo Dâmaso e José Carlos Castro e pelo diretor-executivo Pedro Mourato.<sup>15</sup>

Em 2021, apesar da descida de vendas, o jornal manteve a liderança do mercado, com a venda média por dia de 51 mil exemplares impressos e com um *share* nos diários generalistas de 57% (Cofina, 2022, p.9). Em 2022, segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação<sup>16</sup>, entre janeiro e março, o *CM* registou a venda de 46 mil e 569 exemplares, e ocupando o segundo lugar dos diários

---

de 1995 a 1998, foi de euforia, com a criação de websites para os jornais impressos, mas com pouca exploração do alcance que conteúdos online podem ter no jornalismo; na fase dois, de 1999 a 2000, a criação de jornais exclusivamente online, o aumento de investimentos na área e o aumento de contratações; no entanto, a euforia verificou-se não ser suficiente para manter postos de trabalho em redações de online e assistiu-se à deterioração da profissão, o que gerou a terceira fase (2001 a 2007) de depressão e estagnação do ciberjornalismo, com o encerramento de diversos jornais digitais e com despedimentos coletivos criando mais uma crise.

<sup>13</sup> Correio da Manhã. (2021). *Carlos Rodrigues é o novo diretor do Correio da Manhã e da CMTV*. Correio da Manhã. Consultado a 22 de junho de 2022, em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/carlos-rodrigues-e-o-novo-diretor-do-correio-da-manha-e-da-cmtv>

<sup>14</sup> Correio da Manhã. (2021). *Nova direção do CM e da CMTV*. Correio da Manhã. Consultado a 22 de junho de 2022, em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/nova-direcao-do-cm-e-da-cmtv>

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> Informação obtida em <https://www.apct.pt/analise-simples>

generalistas impressos mais vendidos no país, atrás do semanário *Expresso*, tendo registado um *share* de 60,7%.<sup>1718</sup>

“Melhor, Primeiro” é o *slogan* célebre do *CM* e da *CMTV* (televisão), em que os colaboradores se regem pelo lema de entregar informação verídica e com rapidez ao público. O *slogan* está também inscrito no *design* interior da redação do *CM*. O *Correio da Manhã* celebra, em 2022, 43 anos.

### 1.2.1. Correio da Manhã Online

O jornal passou a ter nova edição online em 2002<sup>19</sup>, passando assim a apostar mais na possibilidade de interação com o público, inserindo-se no mercado tecnológico de forma permanente. Deste modo, consegue chegar a um público diferente daquele que apenas consumia a versão do jornal físico. O *CM*, como já mencionado no ponto anterior, inovou no mundo digital ao permitir partilhas de conteúdos noticiosos e ao estabelecer ligação com os próprios utilizadores através de comentários. O *website* foi renovado em 2014, conseguindo ser “mais interativo”.<sup>20</sup>

A secção *Correio do Leitor* possibilita essa proximidade com o público, proporcionando um espaço para o leitor dar a sua opinião e fazer reclamações, servindo, o *CM*, de mediador de informação. Ao longo dos últimos anos, outros formatos foram utilizados com o mesmo objetivo, como é exemplo a secção *Eu Reporter CM*, em que o leitor pode enviar fotografias, vídeos e notícias ao jornal.

A secção *Perguntas CM* é a mais interativa com o público, em que o utilizador pode aceder às perguntas do dia a qualquer momento e conceder a sua opinião através de resposta de “sim” ou “não”. Com a evolução das tecnologias e, principalmente, com o uso massivo de redes sociais, a interatividade com o público passa agora por plataformas como o *Facebook* do jornal ou da *CMTV*, a secção de comentários no *website* ou ainda a

---

<sup>17</sup> Dias, S. (2022). *Correio da Manhã é o jornal mais vendido no País com 60,7% de quota de mercado dos jornais diários*. Correio da Manhã. Consultado a 26 de junho de 2022, em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/correio-da-manha-domina-imprensa-diaria-com-quota-de-607>

<sup>18</sup> Apenas 3,2% da população portuguesa consome jornais em papel como fonte principal de informação, subindo para 22% enquanto uma opção de várias para aceder a informação (Cardoso et al., 2022, p.70), mas verifica-se que o *CM*, lido por 26,4% da população portuguesa que usa internet, reina no campo da imprensa (Cardoso et al., 2022, p.104).

<sup>19</sup> Informação obtida durante o estágio curricular, entre março e junho de 2022.

<sup>20</sup> Duarte, 2014, p.39.

possibilidade de os leitores enviarem e-mails ou mensagens com histórias, queixas, vídeos e fotografias na secção *Fale com o CM*.

Com esta nova plataforma, também as revistas, mesmo as que foram criadas depois de 2000, foram transferidas, em parte, para o digital. São os casos da *Domingo* e da *Vidas*, ambas impressas, mas com secções no *website* do *CM*. A *Vidas* tem um *website* próprio. As revistas *Sábado* e *Máxima* também têm presença *online*, sendo que esta última teve a versão impressa descontinuada no ano de 2020 devido ao pouco sucesso de vendas em banca.<sup>21</sup>

Para além disto, a criação de assinaturas digitais permite que o leitor tenha acesso a conteúdo exclusivo através de um pagamento mensal.

O jornalismo contextualizado, com profundidade e alcance possíveis apenas no ciberespaço, só se concretizou nos média mainstream como conteúdo especial oferecido mediante micro-pagamento (Bastos, 2015, p.12).

Em Portugal, apenas 12% da população pagou, no último ano, notícias em formato digital, estando cinco pontos percentuais abaixo da média mundial, de acordo com novos dados da *Reuters* e *OberCom*, no *Digital News Report Portugal 2022* (p.29); o *Correio da Manhã* é o terceiro formato digital mais subscrito pelos portugueses (21,2%) (p.29). É também no *CM* que os utilizadores menos confiam dos meios de comunicação portugueses, com 25,7% de utilizadores da *Internet* a não confiar na informação partilhada pelo jornal (Cardoso et al., 2022, p.51). Estes dados contrastam com a posição da *RTP*, *SIC* e *Jornal de Notícias*, em que os portugueses afirmam confiar no conteúdo (77,8%, 77,6% e 76%, respetivamente) (Cardoso et al., 2022, p.50).

De acordo com o Relatório e Contas de 2021, o *website* do *CM* contou com 382 990 482 visitas e com um total de *page views* de 1 116 262 363 (p.112), liderando assim o segmento generalista português. Segundo o estudo da *Reuters* e *OberCom* (2022, p.70), 79% dos portugueses já utilizam a *internet* e as redes sociais para aceder a notícias, assim, as redes sociais são utilizadas por 1/5 dessa população (19,6%); a *internet* tem se tornado cada vez mais atrativa para aceder a informação, principalmente para as camadas mais jovens (abaixo dos 35 anos de idade) (Cardoso et al., 2022, p.71) que preferem

---

<sup>21</sup> Sol. (2020). *Revista Máxima chega ao fim em junho*. Consultado a 26 de junho de 2022, em <https://sol.sapo.pt/artigo/696740/revista-maxima-chega-ao-fim-em-junho->

também que os conteúdos noticiosos invistam em conteúdo multimédia (Cardoso et al., 2022 p.75).

Em maio de 2022, o *CM* alcançou o segundo lugar no *ranking* digital do mês, com um alcance de 3.3 milhões e um *reach* de 38,5%, segundo dados do ranking netAudience<sup>22</sup>. Entre fevereiro e maio, o jornal digital ocupou a quarta (em fevereiro e março), terceira e segunda posição, ficando apenas atrás da *TVI* neste último mês. No que diz respeito à tipologia de público, o sexo masculino prefere o *CM* a todos os outros meios.

### **1.2.2. Correio da Manhã TV – CMTV**

O canal de televisão do *Correio da Manhã*, conhecido como *CMTV (Correio da Manhã TV)*, iniciou a sua emissão em março de 2013. A *CMTV* foi criada com o objetivo de diversificar a oferta de televisão, inovando nas formas de informar e entreter o público. Assim como o *CM* ficou conhecido pelas diversas delegações no país, também a televisão se demarcou das demais concorrentes ao conseguir entregar ao telespectador informação sobre regiões fora das grandes áreas metropolitanas. Desta forma, estabeleceu um vínculo de proximidade com os telespectadores, fazendo-os sentir representados em televisão.

Atualmente, a televisão do grupo *Cofina* conta com diversos programas informativos e de entretenimento, apostando durante o dia na emissão informativa, com diversos diretos nos locais de reportagem. A emissão começa às seis da manhã, com o *Notícias CM*, que regressa ao ecrã durante a tarde e madrugada. De seguida, o canal emite o programa de entretenimento *Manhã CM*, com música, comentadores e convidados, e com um espaço para um breve momento de informação com pivô ou diretos com repórteres. O bloco de informação regressa pouco antes das onze da manhã com o *Jornal de Portugal*, seguido do *CM Jornal Hora de Almoço* antes das treze horas. O *Notícias CM* regressa depois do almoço, interrompido durante cerca de uma hora pelo programa *Rua Segura*. A *Tarde CM*, um programa de entretenimento, marca presença à hora do lanche (16 horas) com comentadores e ainda diretos sobre os casos do dia. Pouco depois entra em emissão o *Direto CM* com a atualização de casos mediáticos do dia ou da semana

---

<sup>22</sup> Markttest. (2022). *Ranking auditado netAudience de maio*. Consultado a 26 de junho de 2022, em <https://www.markttest.com/wap/a/n/id~28c3.aspx>

a partir de diretos. Antes do *Jornal às 7*, o público conta com o *Mercado* em que se discute futebol e outras modalidades desportivas. Para acompanhar a hora de jantar, entra em emissão o *CM Jornal 20H*, finalizando com a *Investigação CM*. De seguida, o público pode acompanhar ou o programa *Pé em Riste* ou o *Liga D'Ouro*, ambos desportivos. O *Jornal da Meia-Noite* ocupa o espaço entre a meia-noite e a uma e meia da manhã. Durante a madrugada, a *CMTV* aposta na repetição de alguns programas como o *Notícias CM*, *Investigação CM*, os programas desportivos e outros programas informativos/de entretenimento como o *Falar Global* ou *Sábado Viajante*. À sexta-feira, a *Investigação CM* é substituída pela *Investigação Sábado*, da revista *Sábado*. Durante o fim de semana, emitem-se os novos episódios de *Falar Global*, *Aquela Máquina*, *Sábado Viajante* e *SOS Donos em Apuros*, nos programas informativos é a vez de *Reportagem CM* e *Jornal às 6* se juntarem à programação habitual.

Este canal por cabo é o canal de informação que mais horas dedica ao futebol, com acompanhamento diário, com notícias, análises e debates, entre jornalistas e comentadores. Nos jogos de futebol dos três maiores clubes portugueses (*Sporting Clube de Portugal*, *Futebol Clube do Porto* e *Sport Lisboa e Benfica*), o canal acompanha ao segundo a emissão desportiva, com relato e comentários.

Em 2021, a *CMTV* consolidou uma vez mais a sua presença no mercado televisivo como canal por subscrição, com as receitas totais a ascender até os 17.5 milhões de euros, tendo assim crescido 12,4%; registou ainda um *share* médio diário de 4,35%, sendo o quarto canal televisivo mais visto no país, ficando atrás dos três canais de emissão aberta (*SIC*, *TVI*, *RTP 1*) (Cofina, 2022, p.9). Em junho de 2022, o canal registou “o melhor desempenho da sua história” em horário nobre, com um total de cerca de 1.7 milhões de espetadores por dia e um *share* médio de 4,5%.<sup>23</sup> Portugal continua a ser um dos países em que a televisão é a escolha predominante para acesso a notícias, continuando a ser usada por 74% dos portugueses. Verifica-se ainda que a televisão é utilizada por 53,6% da população como principal fonte de notícias, no entanto também se apura que é a população mais velha (acima dos 35 anos de idade) que mais consome conteúdos televisivos (Cardoso et al., 2022, pp.70-71).

---

<sup>23</sup> Correio da Manhã. (2022). *CMTV bate recorde no horário nobre*. Correio da Manhã. Consultado a 3 de julho de 2022, em [https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/cmtv-bate-recorde-no-horario-nobre?ref=TvMedia\\_DestaquesPrincipais](https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/cmtv-bate-recorde-no-horario-nobre?ref=TvMedia_DestaquesPrincipais)

### 1.3. Descrição do estágio curricular

O estágio curricular, para conclusão do Mestrado em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social (2020/2022), foi realizado entre 7 de março de 2022 e 6 de junho de 2022, na redação do *CM*, na secção do *online*. A redação (e também sede do *Grupo Cofina*) localiza-se na Rua Luciana Stegagno Picchio, em Lisboa.

Apesar de reconhecer o trabalho constante do *CM* e da *CMTV* em dar ao público novas notícias de forma descentralizada, esta não foi a minha primeira escolha para levar a cabo este estágio curricular. Depois de fazer parte da equipa de informação da Televisão da Associação Académica de Coimbra durante a licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o meu desejo em estudar e acompanhar televisão tornou-se mais evidente. Inicialmente, o objetivo para o local de realização do estágio curricular eram as estações televisivas *RTP*, *SIC* ou *TVI* por serem generalistas e de canal aberto e estarem há mais tempo no mercado televisivo português. No entanto, a pandemia da *Covid-19* condicionou as opções disponíveis. A *RTP*, por exemplo, não aceitou estagiários curriculares de modo a assegurar a segurança dos próprios empregados. A *SIC* conta com bastantes candidaturas ao longo do ano letivo, o que se traduz em acordos com a instituição académica para um número específico de estagiários que são aceites em redação. Com sentido de perseverança e persistência, continuei a aguardar por algum tipo de resposta por parte da *SIC* ou *TVI*. Depois de longos meses à espera de possíveis entrevistas, decidi avançar com a candidatura à *CMTV* de modo a conseguir realizar o estágio que pretendia no mundo da informação e da televisão. Independentemente do *CM* não ser a minha escolha original, senti que seria um novo desafio a enfrentar e, apesar de tudo, estaria numa redação a experienciar tudo o que estudei durante cinco anos de ensino superior.

A expectativa inicial era ingressar como jornalista estagiária de modo a acompanhar o trabalho de redação e de terreno, mas tal não foi possível. A secção do *online* é uma secção multimédia, em que se recorre a texto, mas também a imagens, vídeos e interativos. Esta permite que se acompanhe o conteúdo televisivo para complementar o conteúdo publicado no *online*, com a publicação de pequenos vídeos televisivos nas peças escritas.

Durante o primeiro mês, o horário consistiu em fim de semanas livres e, durante a semana, entre as 10 horas às 18 horas. No segundo e no terceiro mês, as oito horas

diárias já variavam de horários entre as 9 horas de entrada e as 21 horas de saída, sendo que nos dois dias que estive no radar, secção de apoio ao *online*, fiz o último turno, com saída às 00h30. Na totalidade, ao longo do decorrer do estágio escrevi 92 peças, sobre os mais variados temas, destas 62 foram publicadas no *CM* (ver Anexo 2).

No primeiro dia de estágio, o diretor-adjunto e responsável por estágios, Alfredo Leite, apresentou-me a redação e as várias secções que coexistem naquele espaço: uma parte está destinada ao online da *Cofina*, com o *Jornal de Negócios*, a *Sábado*, o *CM*, o *Record*, a *Máxima* e o espaço a que chamam radar, destinado a apoiar o *CM* com notícias ao minuto. Há o espaço destinado à imprensa do grupo, sendo que o *CM* se divide por secções como, por exemplo, *Internacional*, *Portugal* ou *Sociedade*. A *CMTV* tem um espaço para os repórteres e pívôs, um espaço para gravar *voz-off* e, ainda, um pequeno estúdio rotativo onde toma lugar pequenas partes dos telejornais diários. Por último, há um espaço para a direção, entre o radar e a secção da *CMTV*, de modo a existir um espaço para maior comunicação entre equipas e superiores. Depois de feitas apresentações à equipa do *CM online*, a coordenadora do estágio, Cátia Pereira de Sá, explicou a funcionalidade do radar, as funções da equipa e dos seus membros e como utilizam o *Skype* para comunicar entre a equipa de modo que todas as peças publicadas não voltem a ser repetidas. Nessa primeira semana, a equipa era composta por 14 jornalistas, duas destes estagiárias (contando comigo). Esta composição mudou ao longo dos três meses, com alguns despedimentos e chegada de novos estagiários. No final do período do estágio, a equipa contava com o mesmo número de jornalistas, mas o número de estagiários aumentou para cinco.

O primeiro dia serviu para praticar a escrita de notícias, com a correção da coordenadora de modo que a escrita se assemelhasse ao tipo de escrita praticado pelo *CM*: curto, respondendo às cinco questões essenciais do jornalismo e que respeitasse o tipo de texto (notícia). Para além disto, um dos conselhos da responsável de estágio foi a importância de ler o jornal *CM* todos os dias, que está disponível em papel na redação gratuitamente (assim como as outras edições em papel dos outros meios de comunicação social do grupo *Cofina* e, até, edições de outros jornais concorrentes).

Esta primeira semana foi dedicada à escrita de notícias, maioritariamente internacionais, de foro muitas vezes insólito ou criminal. Tinha como missão navegar pelos meios de comunicação internacionais e, mais do que o interesse público da notícia, era-me solicitado que encontrasse notícias que pudessem render ao *CM* a atenção do

público e, conseqüentemente, gerar visualizações. Todas as notícias escritas passavam pela revisão de um responsável – por dia, normalmente, haveria duas pessoas que ficariam responsáveis por guiar dois turnos (do dia e da noite). Devido à intensidade do *deadline* e da necessidade das notícias ao minuto, a correção das peças e conseqüente publicação eram adiadas diversas vezes. Inicialmente, escrevia entre três a cinco notícias por dia, com conteúdo hipertextual (links externos, fotografias ou vídeos), apesar de algumas acabarem por não ser publicadas pela falta de tempo dos responsáveis para a correção. Como estagiária, todas as peças publicadas tinham como autor o *CM*. Mais tarde, tive a oportunidade de assinar peças em nome próprio, mas em conjunto com um dos jornalistas da equipa do *online*. Nesta primeira semana, redigi treze peças jornalísticas, destas, oito foram publicadas (ver Anexo 2). A peça “Sangue de veado: O segredo de Putin para aumentar a potência sexual” (publicada a 9 de março de 2022) foi um tema insólito proposto por um dos responsáveis, que, por publicado no primeiro mês da invasão russa em território ucraniano, gerou furor no *website*, com comentários na página *web* e nas redes sociais, produzindo bastantes visualizações e cliques no dia em que foi publicado (ver Anexo 2). Todavia, a peça mais interessante e que permitiu uma maior pesquisa, foi “A guerra dos tempos modernos: Jovens ucranianas recorrem ao TikTok para documentar dia-a-dia na Ucrânia” (publicada a 8 de março de 2022). Para a redação desta peça investiguei vídeos partilhados e entrevistas de jovens que viveram de perto a intensidade da guerra e a destruição nas cidades-natal e de como partilharam isso com o mundo (ver Anexo 2).

Na segunda semana, obtive informação sobre o programa de edição *Dalet Galaxy* para a edição básica (de corte e junção de vídeos) de vídeos da *CMTV*. Estes vídeos podiam ser peças, entrevistas, *voz off* ou intervenções de comentadores nos telejornais do canal, que, posteriormente, seriam publicados no *website* para acompanhar peças escritas ou na secção de multimédia. Até ao início da tarde de cada dia, eram necessários publicar cerca de 30 vídeos para efeitos de publicidade, com um mínimo de 15 a 20 segundos e um máximo de três minutos de duração. Só na terceira semana comecei a editar estes vídeos diariamente. Em simultâneo, continuei a escrever peças sobre assuntos internacionais e a aprender a navegar pelo sistema interno de *e-mails*. Era necessário prestar atenção à receção de *e-mails* que pudessem ter informações sobre atualizações de peças ou novos casos a reportar, para além de *e-mails* que as forças de segurança enviam a relatar missões realizadas. Para fácil acesso dos responsáveis às minhas peças, foi-me

ensinado a submeter peças escritas no *backoffice*, uma plataforma do grupo para publicar peças, vídeos, opiniões, fotografias, e atualizar as *homepages* dos *websites*, entre outras funções. Aqui é necessário inserir título, entrada, texto, *hashtags* e notícias relacionadas com o tema; para conseguir publicar também é necessário inserir a peça numa ou mais secções. As peças necessitam de estar sempre inseridas na secção *CM ao minuto* e noutra(s) como *mundo*, *guerra na Ucrânia*, *Portugal* ou *sociedade*, para que o processo de encontrar a peça fosse mais ágil para o leitor ao estar em diversos locais do *website*. Também nesta semana uma das peças que escrevi gerou bastante tráfego no *website* e, mais uma vez, foi uma peça proposta por um dos responsáveis da equipa: “Menino de 13 anos conduzia em contramão no acidente que matou jovem português nos EUA” (publicada a 18 de março de 2022), um trágico acidente que acabou por originar a morte de nove pessoas, incluindo um jovem português de 18 anos que perseguia uma carreira no golfe numa universidade norte-americana (ver Anexo 2).

A terceira semana foi dedicada à edição dos vídeos e a orientar-me no programa de edição. Por dia, conseguia editar cerca de 15 vídeos, que, com a experiência, foi aumentando para os 30 necessários, ou até mais. Foram-me dadas mais indicações sobre o *backoffice* (como alterar títulos), alterar *frame* (que se retirava do próprio vídeo cortado para ser a imagem e que podia ser de conteúdo generalizado (como da polícia, tribunal ou hospital) ou de conteúdo próprio da peça (com elementos identificadores da peça, por exemplo pessoa entrevistada ou um local específico)), adicionar entradas (*lead*) e *hashtags*. Quando as peças escritas se encontravam publicadas, era necessário copiar o título e a entrada para o *backoffice* sem alterar qualquer informação, de modo que o conteúdo na *multimédia* fosse idêntico à peça escrita; quando não existia peça escrita, escrevia um título e uma pequena entrada de acordo com o conteúdo no vídeo, que depois seria aprovado pelo responsável de turno. Na semana seguinte, foi-me dada autonomia para publicar diretamente no *website* sem necessidade de supervisão. Assim, durante esta semana foquei-me na edição de vídeo, com o objetivo de realizar a tarefa com alguma rapidez, mas com “olho crítico” para decidir quais as peças que ganhariam mais com o complemento de vídeo. Apesar de ser necessário publicar vídeos para efeitos de publicidade, era de igual forma relevante que o conteúdo adicionasse informações às peças escritas.

Como mencionado, a partir da quarta semana de estágio, foi-me autorizada a publicação de vídeos, incluindo ainda os vídeos de conteúdo *premium* a que apenas os

utilizadores com assinatura digital têm acesso. Estes vídeos *premium* normalmente contavam com peças de repórteres ou entrevistas exclusivas à *CMTV*. Esta foi a segunda semana consecutiva de edição de vídeo, de modo a aperfeiçoar as técnicas e a aperfeiçoar o *multitasking*. Era necessário permanecer atenta ao conteúdo televisivo, de modo a cortar vídeos no momento de emissão se se verificasse a sua importância, como a atualização de uma peça com diretos de repórteres. A redação conta com diversos ecrãs, em múltiplos canais de televisão, como a *CMTV*, *RTP 2*, *CNN* ou *SPORT TV*, estando atualizados permanentemente ao que os concorrentes noticiam. Estes dias do fim do mês de março foram marcados pela gala dos *Óscares* e pela polémica da violência do ator Will Smith contra o comediante, e apresentador na gala, Chris Rock. O *CM* e a *CMTV* dedicaram algum tempo a noticiar o incidente, acabando até por analisar a violência com peritos em linguagem corporal. Como dediquei a semana à edição de conteúdos televisivos, este momento serviu de tema para a próxima peça escrita. Publicada dia 30 com o título “Acho difícil haver simulação: Especialista em linguagem corporal examina estalada de Will Smith a Chris Rock” (ver Anexo 2). O conteúdo da peça permitiu que explorasse o conteúdo televisivo, que o transformasse em material escrito e conseguisse ainda utilizar clipes da análise, transformando-a numa peça multimédia.

Para celebrar o primeiro mês na redação, foram-me atribuídas novas funções. Aprendi que há outra *homepage* no *backoffice* destinada apenas à televisão do grupo *Cofina*, assim como um *website* apenas dedicado à *CMTV*. Foi-me explicado por um dos responsáveis de turno, de forma breve, mas clara, que as peças escritas do *CM* tinham de ser também transferidas para o *website* da *CMTV* e depois publicadas no *Facebook*. As peças com maior importância ou urgência do *CM* eram depois postadas na *CMTV online*, sendo apenas necessário reescrever ou editar pequenos pormenores do título e da entrada, copiar o corpo de texto e as *hashtags*, adicionando ainda notícias relacionadas com o tema, para que o utilizador conseguisse aceder a várias notícias; se for uma notícia com urgência ou noticiabilidade, pode ser ativado (e deve) o *chrome push* de forma a enviar notificações aos utilizadores. Há a preferência de utilizar fotografias diferentes da peça original, principalmente se fossem fotos generalistas. Em peças de conteúdo exclusivo, apenas fica disponível o primeiro parágrafo, de modo a instigar a curiosidade do leitor em aceder a conteúdo por assinatura. Depois de receber o acesso às redes sociais do *CM*, aprendi o processo de publicação dos *links* e das entradas das peças da *CMTV* e o que chamam de “madrugadas” *CMTV*; as “madrugadas” são o agendamento de peças do

*website* no *Facebook* para recordar o leitor de notícias com mais impacto e, para além disso, ter um sistema em que existe a publicação contínua nas redes sociais para o fluxo de leitores prosseguir durante horários em que são publicadas peças em menor número, ou até nenhuma. Entre as 19 horas e a meia-noite e entre as seis da manhã e as nove da manhã são partilhadas, de meia em meia hora, peças noticiosas do dia anterior, respetivamente; esta tarefa realiza-se, normalmente, a meio da tarde. A par com o trabalho da pessoa responsável pela edição de vídeos, a pessoa responsável pela manutenção da *CMTV online* adiciona os vídeos editados às peças, principalmente os diretos de repórteres ou filmagens do público. Para além disto, explicaram-me a funcionalidade da *homepage* e como alterar ordem de conteúdos ou adicioná-los à página principal do *website* consoante a noticiabilidade das peças. A partir da *homepage*, permitiram-me alterar os conteúdos “em manchete”, “em destaque” e em “informação”. Aprendi ainda a publicar clipes de vídeo do programa de entretenimento *Tarde CM*, que é enviado já cortado pela equipa do programa à equipa do *online*, na *CMTV online*; antes de ser publicada no *website*, é necessário visualizar o vídeo para conseguir nomear um título e uma entrada, que são aprovados por um responsável de turno. No fim da semana, tive a oportunidade de ler um estudo sobre relações interpessoais e resultados da pandemia, que originou a peça “Pessoas que ainda não tiveram Covid-19 terão mais problemas de socialização, diz médico sul coreano” (publicada a 8 de abril de 2022) (ver Anexo 2).

A sexta e oitava semana, segunda e última semana de abril, respetivamente, foram semanas dedicadas à edição de vídeos, com cortes também de conteúdos para a revista *Sábado*, que, às sextas-feiras, partilhava num telejornal da *CMTV* a reportagem da semana ou outros conteúdos. Nesses dias, fiquei também responsável pela publicação dos conteúdos da *Tarde CM*, que eram normalmente enviados à equipa do *online* depois das 17 horas. No que respeita a edição de vídeos, comecei a ter maior atenção ao conteúdo, de forma a publicar vídeos com informações relevantes e não apenas para preencher o reportório necessário para a publicidade diária. Durante este período apenas foram publicadas três peças. Na sexta semana o que mais furor fez na redação foram as viagens de finalistas de estudantes do ensino secundário, sendo que uma delas acabou por ter um desfecho trágico com a morte de um jovem, o que originou a publicação da peça “Funeral de jovem que morreu na viagem de finalistas em Espanha realiza-se esta quinta-feira em Alcobça” (publicado a 13 de abril de 2022) (ver Anexo 2). Na oitava semana, escrevi a

peça internacional “Cidade chinesa obriga a testar 5.6 milhões de pessoas à Covid depois de ser detetado um caso” (publicada a 28 de abril de 2022) (ver Anexo 2).

No decurso da semana sete e das semanas dez a doze, as minhas funções enquanto jornalista estagiária passaram, essencialmente, por tratar dos conteúdos para o *website* da *CMTV*, com a manutenção da *homepage* e o agendamento de conteúdos nas redes sociais. Para além dessas tarefas, tive também a oportunidade de poder escrever e propor temas que pudessem gerar visualizações e tráfego. Na semana sete, tive o privilégio de escrever uma peça sobre uma estória de guerra de uma família ucraniana que sofreu com um bombardeamento e acabou por perder o pai e marido. Esta foi a primeira peça publicada a nome próprio: “Victor saiu de casa para comprar pão mas acabou morto num bombardeamento em Kharkiv” (publicado a 22 de abril de 2022) (ver Anexo 2). Este tipo de estória acabava sempre por ser uma boa forma para obter cliques e atenção dos utilizadores. Já na semana dez, das três peças escritas publicadas, duas geraram a curiosidade dos leitores, maioritariamente por os protagonistas serem celebridades: “Historial de violência e abuso de substâncias: Filho de Nick Cave morre dias depois de sair da prisão” (publicada a 9 de maio de 2022) e “Infeção matou André Ratão durante férias em Bali ao lado da noiva. Saiba quem é o dentista, modelo e barman” (publicada a 11 de maio de 2022) (ver Anexo 2). Nesta última, a liberdade de tempo de construção de texto permitiu-me investigar mais a fundo toda a informação necessária para descrever a vida pública e pessoal do protagonista, o que originou que esta peça fosse publicada como conteúdo exclusivo e assinado a nome próprio. Ocupou o lugar da notícia mais lida do *CM* durante dois dias consecutivos.<sup>24</sup> Outra peça que ocupou o pódio de mais visualizada da semana onze, e que envolve, uma vez mais, celebridades sendo, desta vez, uma portuguesa, foi “Morreram os sobrinhos gémeos de Fanny Rodrigues” (publicada a 19 de maio de 2022) (ver Anexo 2); apesar de ser um conteúdo forte por se tratar do falecimento de bebés, os utilizadores têm por hábito interessar-se pela vida das celebridades portuguesas, incluindo as suas famílias. Noutra nota, também nesta semana, um dia antes desta, pude publicar uma peça com conteúdo cultural internacional (e insólito), com a publicação de “Restaurante “mais romântico” de Londres transforma-se num verdadeiro pesadelo após infestação de ratos”. No decorrer da décima segunda semana de estágio, teve lugar a última semana do julgamento do caso de difamação do ator Johnny Depp

---

<sup>24</sup> Segundos dados estudados na plataforma *Chartbeat* utilizada pelo grupo *Cofina* para acompanhar as visualizações e cliques nos diversos *websites*, assim como a influência da partilha nas redes sociais e o número de utilizadores que acedem no momento aos *websites* e, inclusive, o histórico dos últimos meses.

contra a atriz (e ex-esposa) Amber Heard, que se realizou nos Estados Unidos da América. Este caso provocou, novamente, uma onda de popularidade no *online* português (e mundial), e, assim, produzi a peça ““Nunca me empurrou ou pontapeou”: O que disse Kate Moss para desmentir Amber Heard e defender Johnny Depp em tribunal” (publicada em nome próprio a 25 de maio de 2022) sobre a modelo norte-americana e ex-namorada do ator (ver Anexo 2).

Apesar destas semanas concentradas em melhorar e trabalhar com a *CMTV online* e em produzir peças escritas, na nona semana, no início de maio, tive a oportunidade de aprender, apenas durante dois dias, a trabalhar a partir do radar. Com quatro ecrãs, os jornalistas que ficam responsáveis pelo radar (inicialmente, o radar era composto por dois jornalistas do *CM online* e um da *Sábado online*, no entanto, no início de junho, o radar passou apenas a pertencer ao *CM* de modo a que o responsável de turno também ocupasse um lugar, e conseguisse efetuar as suas diversas tarefas de forma mais eficaz e com maior rapidez) têm a função de atualizar a secção *CM ao minuto*, de navegar diversos meios de comunicação internacionais e portugueses (utilizam o *tweetdeck* para receberem informações internacionais e, neste momento, informações sobre a guerra na Ucrânia, assim a gestão de tempo é mais eficiente), contactar com forças de segurança ou de socorro para atualizações e encarregados de publicar conteúdo proveniente da Agência Lusa. Num dos ecrãs, a partir do programa *VLC*, o jornalista assiste, em direto, à *CMTV*, *RTP 3*, *SICNotícias* e *TVI24*, para conseguir ter acesso a informações que o *CM* possa ainda não ter publicado. Nos outros, divide-se entre o *e-mail* profissional, o grupo de equipa no *Skype*, o *Whatsapp Web* para acesso mais fácil de conteúdos que outros jornalistas (ou o público) enviam, o programa *Millenium* – aqui tinha acesso às peças da Lusa e da Reuters -, o *tweetdeck*, o *backoffice*, o *Reuters Connect* ou o *Getty Images* e, claro, o *Correio da Manhã online*. O último turno, com entrada às 16h30 e saída às 00h30, tem também como funções a edição de vídeo e publicação de pequenas peças sobre o programa *Investigação CM*, publicado na *CMTV*, assim como a publicação do *Euromilhões* às terças e sextas-feiras, do programa *3 Minutos* e do programa de futebol *Pé em Riste*. Ademais, neste turno são realizadas ainda as “rondas”, em que o jornalista do radar contacta todos os números de uma lista pré-definida (como as forças de segurança) à busca de uma resposta para “há alguma ocorrência a registar?”, com o objetivo de atualizar informações. O radar pode ser considerado como uma subdivisão do *CM online*, em que se produz a informação da forma como o jornal é conhecido: com

rapidez. A cada minuto, se não segundo, os jornalistas recebem diversas informações que depois têm de selecionar como verídicas e relevantes, acabando por ser um trabalho desgastante, com a pressão do *deadline* ao minuto e a pressão em não cometer erros apesar da necessidade de rapidez de publicação. Estes dois dias no radar permitiram-me reconhecer a pressão a que jornalistas se encontram diariamente para produzir conteúdo jornalístico rápido e sem investigação profunda de modo a oferecer ao leitor mais conteúdo que os concorrentes. Uma vez mais, a semana também foi dedicada à escrita de notícias de foro internacional, cultural e até astronómico, neste último pude investir algum tempo em pesquisa sobre astronomia para a peça “Esta noite não se esqueça de olhar para cima: Há chuva de meteoros durante a madrugada” (publicada a 5 de maio de 2022). Já a peça, escrita por mim no mesmo dia e com direito a uma fotogaleria, com um pouco mais de impacto durante a semana, foi sobre o Papa Francisco e a sua saúde, visto que a religião e o Sumo Pontífice são ambos temas, relacionados, que interessam ao público português: “Papa Francisco surge pela primeira vez em cadeira de rodas no Vaticano. Veja as imagens” (ver Anexo 2).

Por fim, a última e décima terceira semana foi preenchida pela realização de diversas funções. Editei vídeos da *CMTV* e, ao fazê-lo, partilhei os meus conhecimentos e conselhos com outras duas estagiárias curriculares para que estas depois o pudessem executar e, ainda, auxiliiei uma das estagiárias na publicação dos vídeos ao longo da semana. Assim como para a *CMTV*, foi-me explicado o processo das “madrugadas CM,” em que apenas difere os horários de agendamento praticados para as “madrugadas *CMTV*”, o agendamento do próprio dia estende-se até à 01h30 e o do dia seguinte acaba às 7 da manhã, horário a que o primeiro turno inicia e começa a produzir conteúdo para o *CM*. Não seria um estágio em redação se, mais uma vez, não mencionasse as publicações de peças escritas da semana, que passaram por conteúdo mundial, insólito e de famosos. “Portuguesa Daniela Melchior confirmada no filme da Marvel 'Guardiões da Galáxia: Volume 3'” foi publicada a nome próprio a 2 de junho de 2022 (ver Anexo 2). Para fechar este ciclo, no último dia de estágio curricular no *CM online*, consegui uma visita aos estúdios da *CMTV* e da produção, que se situam no mesmo edifício que o *CM*, tendo tido o privilégio de assistir, em direto, ao telejornal da hora do almoço.

O estágio curricular no *Correio da Manhã online* permitiu-me compreender a facilidade de cometer erros pela pressão da rapidez e, ao mesmo tempo, da necessidade de noticiabilidade. Apesar de neste formato jornalístico existir a possibilidade de corrigir

erros (desde que mínimos) depois da publicação de peças, é essencial que tal seja evitado, principalmente depois de ser partilhado nas redes sociais e, conseqüentemente, já ter sido acessado por diversos utilizadores. Isto permite a que se desenvolva a escrita e a atenção dada a esta. A minha escrita jornalística melhorou ao longo das semanas, devendo-se isto à própria prática e à correção por parte dos responsáveis de equipa, incidindo em pontos que melhor beneficiassem o meio de comunicação e se enquadrasse no tipo de escrita pretendido, contrastando com a escrita da primeira semana de estágio. Outra constatação foi a contínua necessidade de contratar mais jornalistas, principalmente no *online*. As redações sofrem com o problema de salários baixos, redução de equipas e um nível de dependência em estagiários não remunerados, que acaba por prejudicar a própria saúde mental e física dos jornalistas que ficam sobrecarregados, afetando a sua capacidade de fornecer conteúdos de excelência. Assim, este estágio possibilitou entrar no mundo jornalístico durante um curto espaço de tempo, mas que me demonstrou como é um ambiente de trabalho no meio e a importância do jornalismo e da comunicação no mundo atual.

## **CAPÍTULO II: Por uma história da luta das mulheres portuguesas por direitos políticos e sociais**

Se é verdade que Portugal não esteve na vanguarda das lutas pelos direitos das mulheres, tal não significa que não tenham existido, ainda que de forma muito tímida, mulheres e homens que lutaram dentro das suas possibilidades, desde o final do século XIX, pela melhoria das condições de vida das mulheres e da conquista por direitos político-sociais. Inspiradas pelo movimento feminista internacional que se começava a organizar em Inglaterra e nos Estados Unidos da América, várias foram as mulheres, em particular oriundas das classes sociais mais abastadas e escolarizadas da sociedade, que se envolveram nestas reivindicações.

É difícil falar da existência de um movimento feminista estruturado em Portugal até meados do século XX. A realidade histórico-política do país foi sistematicamente um obstáculo difícil de contornar para o florescimento de uma mentalidade liberal, que incorporasse os princípios do feminismo, como a igualdade de género ou igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

### **2.1. Origens e desenvolvimentos dos movimentos feministas internacionais: reivindicações e primeiras conquistas**

#### **2.1.1. As lutas e as conquistas da “primeira vaga”**

Internacionalmente, a literatura académica identifica como textos fundadores do pensamento feminista, a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* de Olympe De Gouges (1748-1793), publicado em França, em 1791, *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher* de Mary Wollstonecraft (1759-1797), impresso um ano depois em Londres e, décadas mais tarde, *A Sujeição das Mulheres* (1869) da autoria de Harriet Taylor (1807-1858) e de John Stuart Mill (1806-1873). Entre os seus anseios, estavam o direito à educação, à participação política, à propriedade, ao trabalho e ao divórcio. De Gouges reivindicou a igualdade de direitos da mulher e do homem com um texto de foro jurídico que denunciou a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” de 1789, aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte Francesa. A ativista francesa defendeu a igualdade de direitos entre mulheres e homens, o direito das mulheres à opinião e ao

pensamento e o direito à propriedade, reivindicando a necessidade de as mulheres terem acesso à educação (de Gouges, 2021, pp.4-7). Nas suas palavras, “esta revolução só terá lugar quando todas as mulheres estiverem conscientes do seu destino deplorável, e dos direitos que perderam na sociedade” (de Gouges, 2021, p.2): De Gouges pedia a todas as mulheres que se manifestassem por esta igualdade, chegando a dirigir o mesmo apelo à Rainha Maria Antonieta (de Gouges, 2021, pp.1-2). Acabou por ser morta na guilhotina pelos seus ideais revolucionários<sup>25</sup>.

Mary Wollstonecraft assumiu a luta pela plena cidadania das mulheres (e dos homens), criticando o patriarcado e as instituições que perpetuavam o feminino como o sexo fragilizado e obediente: “à medida que uma política se difunde a liberdade, a humanidade, incluindo a mulher, tornar-se-á mais sábia e mais virtuosa” (Wollstonecraft, 2017, p.84). A filósofa afirma, então, que todos os seres humanos são dignos dos mesmos direitos, assim como os mesmos deveres, numa época em que o feminino privava de direitos sociais, económicos, culturais e civis (Ferreira, 2017, p.20).

Wollstonecraft reivindicou a importância do acesso das mulheres a um sistema de educação:

(...) o meu principal desejo é reforçar a necessidade de educar os sexos em conjunto para aperfeiçoamento de ambos e de fazer que as crianças durmam em casa para que assim possam aprender a amar o lar; contudo, para que as virtudes privadas apoiem as públicas virtudes em vez de as sufocarem, as crianças deveriam ir à escola para conviverem com um grupo de seus pares, pois só conseguimos formar uma justa opinião sobre nós próprios através dos safunões da igualdade (Wollstonecraft, 2017, p.305).

A filósofa critica as mulheres, assim como os homens. Estes precisavam de ser educados a combater o patriarcado, pois “a política de emancipação feminina implica uma política de emancipação social” (Ferreira, 2017, p.19).

Em 1869, o filósofo John Stuart Mill publicou *A Sujeição das Mulheres*, livro que se viria a descobrir mais tarde contou com o forte empenho e dedicação da sua mulher Harriet Taylor. Assim como Wollstonecraft, Mill e Taylor eram apoiantes da abolição da escravatura, acabando por comparar a condição destes com a condição das mulheres na sociedade, em que a ambos os grupos são negada a liberdade e o direito de escolha do seu

---

<sup>25</sup> Informação consultada a 21 de julho de 2022, em <https://www.olympedegouges.eu/>

futuro (Mill, 2006, p.194; Ferreira, 2017, p.20). Estes pensadores defendiam a emancipação das mulheres, que significava a garantia dos seus direitos políticos, civis e pessoais, onde se incluíam o direito à propriedade e ao voto. Stuart Mill e Taylor lutaram pela liberdade da mulher e do direito de esta ter poder sobre a vida familiar e profissional, sem ser obrigada a depender de um familiar do sexo masculino. Na sua perspectiva, a sociedade necessitava deste avanço nos direitos para que pudesse progredir, tal como ocorreu quando os homens lutaram pela sua liberdade e direitos (Mill, 2006, pp.191-192). Se metade da população não era livre, a sociedade não estava a utilizar o seu pleno potencial. Mill (2006, pp.200-202) acreditava que, com o estímulo de competição entre os sexos e a aposta na igualdade de educação entre mulheres e homens, as mulheres poderiam contribuir para o avanço da sociedade com participação em áreas como a saúde, educação ou política. A competição permite o desenvolvimento de todos os envolvidos, até na vida privada, em que as mulheres se viam sob coação dos maridos e, diversas vezes, sofriam violência doméstica, podendo, com o ajuste da legislação e a abertura da mulher na sociedade, resguardar-se e insurgir-se contra os maus-tratos (Mill, 2006, p.191). Stuart Mill e Taylor defendiam que todas as mulheres mereciam exercer as suas escolhas de forma livre, não sendo criadas qualquer tipo de condições especiais que as diferenciasses dos homens, para enriquecer a sociedade e a sua progressão:

Não deveria haver restrição que não fosse exigida pelo bem comum, e que a lei não deveria particularizar pessoas, mas sim tratar todos por igual, salvo quando a diferença de tratamento fosse exigida por motivos positivos, quer de justiça ou de política (Mill, 2006, p.182).

As “ondas do feminismo”, quatro no total, marcam períodos políticos e culturais distintos. O feminismo, termo cunhado em 1837, por Charles Fournier, caracterizava-se pelas suas múltiplas formas, mas recaía, principalmente, na libertação das mulheres de posições subjugadas, seja em ambientes públicos ou privados, impactando as sociedades modernas e o avanço nas suas políticas, economia e cultura (Malinowska, 2020, p.1). Foram as manifestações pelo direito ao voto da mulher, no início do século XIX, que originaram o termo genérico “feminismo” (Malinowska, 2020, p.1). O ideal feminista tem desde essa altura por objetivo a erradicação das desigualdades de género em todos os domínios da sociedade: na vida política, familiar, no percurso profissional, na legislação e na cultura, etc.

A primeira onda, que correspondeu em grande medida à luta pelos direitos políticos das mulheres, corresponde grosso modo ao período entre o início do século XIX e as primeiras décadas do século XX, altura em que se iniciou o ativismo feminista que lutou afincadamente pelo sufrágio das mulheres e deu origem à criação, em 1904, da Aliança Internacional do Sufrágio das Mulheres<sup>26</sup>. O objetivo desta aliança era promover os direitos das mulheres, a igualdade entre mulheres e homens e o seu empoderamento.<sup>27</sup> O movimento começou por vingar nos Estados Unidos da América e na Europa Ocidental. Nesta primeira onda, os intervenientes do movimento feminista demonstravam o seu descontentamento pelos direitos limitados das mulheres – seja no percurso profissional, na educação, nos relacionamentos familiares e amorosos, na propriedade, na gravidez e maternidade e na vida social – com campanhas sociais, que passavam por manifestações públicas (por vezes violentas), por discursos e pela escrita de artigos, livros ou artigos jornalísticos (Malinowska, 2020, pp.2-3). Esta fase do movimento feminista concentrou-se, deste modo, na luta pela igualdade de direitos, com incidência no direito ao voto, acesso à propriedade, acesso a uma vida profissional e livre escolha no casamento. A luta pela igualdade juntou homens e mulheres nas ruas com um objetivo comum: a não discriminação de direitos e deveres com base no sexo.

A atenção que era dada a esta causa pelos meios de comunicação, em particular os jornais e as revistas, tendia a ser depreciativa relativamente às reivindicações destes grupos. A cobertura feita por estas publicações reproduzia o estereótipo de que as ativistas eram mulheres com feições menos atrativas e menos femininas que advogavam pela libertação da mulher e que odiavam os homens (Malinowska, 2020, p.3). A morte da sufragista Emily Davison (1872-1913)<sup>28</sup>, em 1913, numa corrida de cavalos em Epsom Derby, em Inglaterra, provocou reações negativas por parte dos média, que caracterizaram o momento como “sensacional” e “horroroso”; os média introduziram o

---

<sup>26</sup> Organização não-governamental que continua em funções. É composta por 41 organizações.

<sup>27</sup> Informação recolhida a 21 de julho de 2022, em <https://www.womenalliance.org/what-is-iaaw/>

<sup>28</sup> Emily Davison tornou-se um mártir do sufrágio feminino depois de se lançar para uma pista de cavalos, no Epsom Derby, chocando contra o cavalo do rei Jorge V, acabando por morrer quatro dias depois. O objetivo passaria por colocar uma bandeira no cavalo a apoiar o sufrágio das mulheres, no entanto, este ato foi reconhecido como desrespeitoso para com o rei; outros acreditam que o objetivo apenas passaria pela morte, para atrair atenção à causa sufragista e devido às suas ações suicidas na prisão (atirou-se diversas vezes de escadas). Davison era uma ativista pelo direito ao voto das mulheres, tendo sido várias vezes presa e sujeita a torturas, como alimentação forçada e inundação da cela por guardas. A ativista partiu janelas, arremessou pedras e incendiou caixas de correio, fazendo parte do grupo de sufragistas radicalizadas que, para atrair mais atenção à causa feminista, quando presas, submetiam-se a greves de fome ou isolavam-se nas celas.

Informação consultada a 21 de julho de 2022, em <https://www.britannica.com/biography/Emily-Davison>

termo “militante” para descrever as ações de ativismo de sufragistas a partir deste momento (Malinowska, 2020, p.3). Esta partilha de conteúdos pelos média teve consequências negativas na forma como o público percecionava esta causa, associando a luta pelo sufrágio às sufragistas radicalizadas, que utilizavam a violência para se fazer notar pela sociedade e dirigentes.

Todavia, no panorama mediático da altura, houve exceções a este tipo de visão, oriundas particularmente de jornais e revistas editados por mulheres, mas não só. Um dos exemplos foi o *The Lily*, o primeiro jornal nos Estados Unidos editado por mulheres (Malinowska, 2020, p.2). Os artigos aqui publicados apresentavam uma visão mais equilibrada de feminilidade e da vida das mulheres, propagando a ideia de equilíbrio entre a vida doméstica e a vida profissional da mulher (Malinowska, 2020, p.3). Alguns destes jornais deram inclusive espaço às mulheres negras (Malinowska, 2020, p.3).

A primeira grande conquista foi o direito ao voto das mulheres alcançada em diversos países. O primeiro país a garantir o sufrágio feminino universal foi a Nova Zelândia, em 1893, seguido da Finlândia em 1905. Nos anos seguintes, outros países viabilizaram esse direito na sua totalidade apesar de já o terem garantido, de forma limitada, antes, como a Dinamarca – em 1908. Aqui, as mulheres começaram por poder votar nas eleições locais e só em 1915 é que o direito se tornou universal para todas as eleições. No caso da Islândia, em 1915, apenas votavam mulheres acima dos 40 anos, cinco anos depois a idade diminuiu para a mesma dos homens, 25 anos.<sup>29</sup> Em 1920, foi a vez dos EUA garantir o direito de voto às mulheres, excluindo, no entanto, as mulheres (e homens) negras, indígenas e de origem asiática, que foram impedidos de votar até 1965.<sup>30</sup> Mais recente, em 2015, a Arábia Saudita garantiu finalmente este direito às suas cidadãs.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Miller, Z. (2020). *When women got the right to vote in 25 places around the world*. Insider. <https://www.insider.com/when-women-around-the-world-got-the-right-to-vote-2019-2>

<sup>30</sup> Em 1965, o então presidente norte-americano Lyndon B. Johnson assinou a Lei dos Direitos de Voto, que possibilitou, sem quaisquer restrições, o sufrágio para homens e mulheres negros, que até então sofriam de intimidações e violência por parte da comunidade caucasiana em locais de voto.

Informação consultada a 21 de julho de 2022, em <https://www.insider.com/when-women-around-the-world-got-the-right-to-vote-2019-2>

<sup>31</sup> *Ibidem*.

## 2.1.2. As lutas e as conquistas da “segunda vaga”

Se a primeira onda se centrou no direito ao sufrágio das mulheres, a segunda onda avançou para o questionamento dos papéis de géneros (e da heteronormatividade) e da sexualidade das mulheres, nunca esquecendo, claro, a luta pela igualdade de direitos (Malinowska, 2020, p.3). A feminilidade começa a ser pensada como construção social e não como algo meramente de carácter biológico. Esta nova visão deve-se à publicação de *O Segundo Sexo*, da escritora feminista Simone de Beauvoir<sup>32</sup>. Beauvoir considerava que a ciência biológica se demonstrava insuficiente para explicar a divisão de profissões e outros trabalhos que resultavam na subordinação das mulheres (Beauvoir, 1970, pp.31-34). Esta explicação era resultado de uma cultura de discriminação. A ela se deve a célebre frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Beauvoir influenciou o feminismo radical (Tavares, 2008, p.49), defendendo a luta das mulheres contra um sistema patriarcal, em que prevalecia a opressão das mulheres e a dominação dos homens na esfera pública e privada (Beauvoir, 1970, pp.307-309).

O livro foi rejeitado por muitas associações feministas pelos ideais radicais e progressivos. No entanto, serviu de base para o movimento da segunda vaga, apelando ao “corte com a tradição sufragista” e colocando em debate público as sexualidades, maternidade e família (Tavares, 2008, p.49).

A partir da década de 60, os média passaram a ter uma presença constante no quotidiano das populações ocidentais (com a democratização da televisão, os fluxos informacionais 24 sobre 24 horas aumentaram significativamente os consumos), quer para fins de informação, quer de entretenimento. Tal como nos média anteriores, a televisão perpetuou uma visão diminuída e estereotipada das mulheres. Era um meio dominado por homens, cabendo às mulheres cargos técnicos, administrativos ou de entretenimento, afastando-as de posições de autoridade (como as chefias, por exemplo) (Malinowska, 2020, p.4)<sup>33</sup>. Com o intuito de alterar este estado de coisas, foram criadas

---

<sup>32</sup> Simone de Beauvoir nasceu a 1908, em Paris, foi escritora e dedicou-se ao pensamento feminista e ao existencialismo. Escreveu livros feministas, ficcionais, filosóficos e autobiográficos e colaborou com jornais. As obras com mais reconhecimento do público são *O Segundo Sexo*, de 1949 – que contribuiu para o feminismo contemporâneo -, *A Ética da Ambiguidade*, de 1947, *Os Mandarins*, de 1954, e *Memórias de uma Menina Bem Comportada*, de 1958.

Dados biográficos consultados a 21 de julho de 2022, em <https://www.britannica.com/biography/Simone-de-Beauvoir>

<sup>33</sup> A autora (2020) refere que, nos anos 80, a *BBC* indicou que existiam apenas cinco mulheres a trabalhar em televisão, em contraste com 150 homens (p.4).

organizações feministas, como a Organização Nacional para Mulheres (grupo norte-americano, fundado em 1966), que apoiava e pretendia a inclusão igualitária de género e raça em diversos espaços profissionais, e *The Media Workshop* (também norte-americano, fundado em 1966), que encorajava a inclusão igualitária no espaço mediático (Malinowska, 2020, p.4).

Datam deste período as primeiras tentativas de organizações internacionais no sentido de pressionar os governos e as instituições a promover uma maior igualdade entre mulheres e homens nos média.

A ONU e a UNESCO, agência para as questões da educação, ciência e cultura, desde 1975 priorizaram a promoção da igualdade de género. Estas entidades realizaram diversas atividades concentradas no problema da discriminação das mulheres, apontando a necessidade de “serem consideradas politicamente uma minoria social” (Subtil & Silveirinha, 2017b, p.44). As Conferências Mundiais sobre as Mulheres que ocorreram no México (1975), Copenhaga (1980), Nairobi (1985) e Pequim (1995) e a Década Internacional das Mulheres (1975-1985), que levou à instauração do Dia Internacional da Mulher a 8 de março, problematizaram a condição histórica de subalternidade das mulheres em todo o mundo e impuseram orientações mundiais favoráveis a políticas vantajosas à igualdade de género (Subtil & Silveirinha, 2017b, p.44). Os direitos de comunicação das mulheres e a relação destas com os média surgiram como novas preocupações destas iniciativas. Todavia, como afirma Subtil e Silveirinha, “A afirmação desta preocupação em termos políticos desenvolveu-se de modo muito lento e incompleto” (2017b, p.44).

Resultado das discussões na IV Conferência Mundial sobre as Mulheres de 1995, a Declaração e a Plataforma de Ação da Conferência de Pequim assumiu que os média “falham em eliminar os estereótipos de género que se encontram nas organizações de média locais, nacionais e internacionais, públicas e privadas”<sup>3435</sup>. Sob o título “As mulheres e os *media*”<sup>36</sup>, identificam-se dois objetivos estratégicos: “incrementar a participação e o acesso das mulheres à expressão e à tomada de decisão nos média e nas

---

<sup>34</sup> Tradução de: “the failure to eliminate the gender-based stereotyping that can be found in public and private local, national and international media organizations”.

<sup>35</sup> Nações Unidas. (1995). *Beijing Declaration and Platform for Action*.

Consultado a 17 de outubro de 2022, em

<https://www.icsspe.org/system/files/Beijing%20Declaration%20and%20Platform%20for%20Action.pdf>

<sup>36</sup> *Ibidem*.

novas tecnologias da comunicação”<sup>37</sup>, e “promover uma imagem equilibrada e não estereotipada das mulheres nos média”<sup>38</sup>. Estas intenções deveriam estimular ações por parte dos governos, sistemas de média, entidades não-governamentais, entre outros (Subtil & Silveirinha, 2017b, p.45).

Também o Conselho Europeu adotou, em 1984, um decreto para a promoção da igualdade no espaço mediático (eletrónico e impresso), implementando medidas para a sua concretização de modo a fomentar a participação das mulheres no meio e a inclusão por parte das empresas. O decreto R(84) 17, adotado a 25 de setembro, pelo Comité de Ministros do Conselho Europeu, recomendava que os estados-membros promovessem a igualdade entre mulheres e homens nos média, através de uma série de medidas, como por exemplo a distribuição de documentação e informação sobre iniciativas para a igualdade realizadas pelas autoridades às empresas de média, coordenação de pesquisas sobre preferências e satisfações sobre notícias e programas de entretenimento, minuciando o sexo, idade, nível de educação, entre outros parâmetros; estudo do impacto de programas de entretenimento e a estereotipização de sexo; garantir a aplicação da lei de igualdade de tratamento em recrutamentos, formações, remuneração e promoções; entre outras medidas.<sup>39</sup>

A segunda onda feminista influenciou o interesse entre a experiência vívida das mulheres e a estruturação da feminilidade (os especialistas referem-na como *womanhood*) na representação mediática e nas práticas sociais, com influência do movimento pós-estruturalista<sup>40</sup>, da desconstrução<sup>41</sup> e da psicanálise<sup>42</sup> (Malinowska, 2020, p.3).

---

<sup>37</sup> Tradução de: “Increase the participation and access of women to expression and decision-making in and through the media and new technologies of communication”.

<sup>38</sup> Tradução de: “Promote a balanced and non-stereotyped portrayal of women in the media”.

<sup>39</sup> Informação consultada a 17 de outubro de 2022, em <https://rm.coe.int/16804ec678>

<sup>40</sup> Pós-estruturalismo é um movimento intelectual que emergiu para criticar o movimento anterior, o estruturalismo. O movimento critica e questiona a diferença e identidade sexual e de género, descartando a ideia de interpretar os média, por exemplo, com estruturas pré-construídas socialmente. Rejeita as verdades absolutas e os factos, de forma a desconstruí-los.

Consultado a 22 de julho de 2022, em <https://www.encyclopedia.com/philosophy-and-religion/philosophy/philosophy-terms-and-concepts/poststructuralism>

<sup>41</sup> Desconstrução é uma forma de análise que questiona conceitos distintos, examinando a linguagem e a lógica de textos. No feminismo, esta análise desconstrói os conceitos “mulher” e “homem”, assim como género e identidade sexual.

Consultado a 22 de julho de 2022, em <https://www.britannica.com/topic/deconstruction/Deconstruction-in-literary-studies>

<sup>42</sup> O movimento feminista desafia a psicanálise, usando-a para reavaliar as fundações da filosofia, que excluía o feminino e a feminilidade numa filosofia masculina. A psicanálise trata de problemáticas como a formação da identidade feminina e masculina de forma inconsciente, formulando que a racionalidade e o

Outro livro que configurou às reivindicações do movimento feminista neste período foi “The Feminine Mystique”, da ativista Betty Friedan. Publicado em 1963, revela, através do termo *feminine mystique*, que existe idealização da imagem da feminilidade na sociedade norte-americana, supondo-se que a realização das mulheres provinha apenas do trabalho doméstico, casamento, cuidado de filhos e da passividade sexual, sem desejo de educação superior ou carreira profissional.<sup>43</sup> A autora queria provar que as mulheres estavam insatisfeitas com a sua situação e que a situação “mulher de casa” estava a transformar-se. Este termo cruza-se com *male gaze*, ao este associar masculinidade hegemónica à objetificação da mulher, sob um olhar masculino<sup>44</sup>.

Nestas décadas, as mulheres continuaram a inovar nas formas de resistir à sociedade com tendências machistas, através da escrita feminina, do estudo da literatura feminina (Malinowska, 2020, p.3) e da formação de grupos de ativismo em diversas áreas<sup>45</sup> (Rampton, 2008). Estas formas de resistência expressavam a importância de as mulheres desenvolverem uma consciência crítica da sua condição (Malinowska, 2020, p.3).

As ativistas da segunda onda lutaram pela libertação sexual, o direito ao prazer, o fim da discriminação de género e raça, o direito ao aborto, o direito ao mercado de

---

conhecimento são inconscientemente genderizados. Autores feministas estudam e utilizam a psicanálise para provar que estas instâncias se apresentam suspeitas.

Consultado a 22 de julho de 2022, em <https://www.rep.routledge.com/articles/thematic/feminism-and-psychoanalysis/v-1>

<sup>43</sup> Informação consultada a 22 de julho de 2022 em <https://www.britannica.com/topic/The-Feminine-Mystique>

<sup>44</sup> Um termo importante para a teoria cinematográfica feminista, introduzida por Laura Mulvey nos anos 70. *Male gaze* (olhar masculino) é uma forma de tratar o corpo das mulheres como objetos ou de forma inferior em interações sociais ou na representação destas nos média ou na cinematografia. Mulvey, na teoria cinematográfica, defende que as mulheres eram mais frequentemente representadas como objetos sexualizados, como fetiche e como personagens secundárias, pois os homens são os “sujeitos do olhar” e os que moldam a ação enquanto as mulheres são “objetos do olhar” e são moldadas pela ação. O corpo da mulher, nesta perspetiva, é visto como algo que o homem heterossexual pode olhar, conquistar e possuir, refletindo os valores da sociedade patriarcal.

Dados consultados a 22 de julho de 2022 em

<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100128610>

<sup>45</sup> Em 1985, foi fundado o grupo ativista *Guerrilla Girls*, que detém a missão de expor a desigualdade de representação no mundo artístico, combatendo o sexismo e machismo. Surgiu depois da exibição *An International Survey of Painting and Sculpture* no Museu de Arte Moderna (Nova Iorque, Estados Unidos da América), também em 1985, em que de 169 artistas expostos, apenas 13 eram mulheres. O grupo anónimo partilhava posters com estatísticas sobre discriminação na arte, com mensagens sarcásticas, problematizando o retrato da nudez feminina, a remuneração desigual, a falta de representação na história de arte, falta de exposições para mulheres. As ativistas assumiram pseudónimos de anteriores artistas (mulheres) famosas e usam máscaras de gorilas para colocar cartazes em público e para inaugurar exposições de arte. O objetivo passava por demonstrar a dominação de homens brancos no mundo artístico e a sub-representação de mulheres artistas e artistas de cor. O grupo continua no ativo.

Informação consultada a 24 de julho de 2022 em <https://www.britannica.com/topic/Guerrilla-Girls>

trabalho e o fim da violência contra a mulher. Rampton (2008) descreve esta onda como “radical”, o que pode ter prejudicado o termo “feminismo”, mas que conseguiu alcançar diversos objetivos, como o acesso à contraceção oral, direito ao aborto, o aumento do número de mulheres em posições de liderança e o acesso à educação.

### **2.1.3. As lutas e as conquistas da “terceira vaga”**

Nos anos 90, pode afirmar-se que as reivindicações do movimento feminista tomaram outras direções, o que deu origem, segundo a literatura, à terceira onda do feminismo ocidental. Diversos conceitos do feminismo, como o corpo, género, sexualidade e heteronormatividade, foram desconstruídos – apesar de já o terem sido na segunda onda, mas de forma distinta e não tão radical. A anterior discussão sobre o uso do corpo da mulher como forma opressora do homem tornou-se na discussão sobre o uso do corpo da mulher como arma contra esse mesmo machismo, através do uso de maquilhagem, saltos altos, decotes (Rampton, 2008). A liberdade de escolha do uso do corpo apresentou as mulheres como sujeitos e não como objetos da sociedade, como empoderadas e que apropriavam termos degradantes, como “cabra” ou “vadia”, de forma a reverter o sexismo e retirar-lhe poder verbal (Rampton, 2008).

Instaurou-se uma nova consciência sob o papel da mulher na evolução tecnológica. Emergiram oportunidades para a contribuição do feminino na evolução tecnológica (as novas tecnologias eram dominadas por homens) e para o uso do ciberespaço na agenda feminista, com novas possibilidades de comunicação e de representação (Malinowska, 2020, p.4).

As ativistas feministas tiveram acesso a uma nova forma de manifestar e partilhar as suas lutas pela igualdade de oportunidades, surgindo deste modo, a cultura do *do it yourself* (DIY) com a difusão e a autorrepresentação por mulheres (Malinowska, 2020, p.4). O movimento feminista viu formar assim um novo ramo: o ciberfeminismo.

O ciberfeminismo permitiu que se partilhassem histórias, atuais e do passado, sobre mulheres em ambientes tecnológicos, políticos e sociais. O ciberespaço tornou-se num espaço de partilha de conteúdos feministas, com a possibilidade de as lutas ocidentais viajarem até outros pontos do globo. Assistiu-se, deste modo, ao aparecimento

de “ícones” feministas como o movimento *Riot Grrrl*<sup>46</sup>, à contínua popularização do grupo *Guerrilla Girls* e à idolatração de cantoras e grupos musicais, como a Madonna<sup>47</sup> (Malinowska, 2020, p.5).

A internet possibilitou uma maior abertura à discussão das causas feministas, incluindo os ramos do movimento que sentiram necessidade de distinguir a sua luta, como o *womanism*, que apela à inclusão de questões de raça, e da minoria *queer* (Malinowska, 2020, p.5), influenciado pelo pós-colonialismo.

No entanto, o feminismo iniciou um período de silêncio nos movimentos e reivindicações feministas, sem vozes tão ativas como na década anterior, devido ao conformismo da situação melhorada da mulher, com a inclusão destas no mercado de trabalho e de maior igualdade social (como direitos reprodutivos, de propriedade, de casamento e divórcio, de trabalho).

Apesar da terceira vaga também se caracterizar por ser uma vaga de “silêncio”, em que as mulheres se conformaram com os direitos alcançados previamente, isto provocou uma nova reviravolta nos movimentos feministas no fim da década. As mulheres manifestaram pela igualdade salarial, direitos reprodutivos (principalmente o direito ao aborto), e pelo fim da violência contra mulheres.

---

<sup>46</sup> O movimento *Riot Grrrl* começou, oficialmente, em 1991, com a publicação do manifesto do grupo, no qual se procurava a igualdade e a inclusão das mulheres no estilo musical punk, liderado maioritariamente por homens, se demonstravam contra o sexismo e a sociedade patriarcal e apoiavam a entrada da mulher na indústria. O movimento combina o feminismo, a política e a música punk. Contou com a formação de diversas bandas, com membros femininos, que tocavam músicas com conteúdo sobre violação, violência doméstica, racismo, patriarcado, sexualidade e sobre o empoderamento da mulher. Kathleen Hanna, cantora da banda punk *Bikini Kill*, criou pequenas revistas – com o mesmo nome da banda – em que partilhava conteúdos sobre música, igualdade de género, violência e em que acabou por publicar o manifesto do movimento. A banda *Bikini Kill*, era uma das bandas *Riot Grrrl*, assim como *Bratmobile* e *Heavens to Betsy*. O slogan *Girl Power*, introduzido por uma das revistas de *Kathleen Hanna*, acabou por se instalar também na cultura pop, pela banda *Spice Girls*, o que pode ter originado a extinção deste movimento depois dos anos 90, mas que tomou outras formas ao longo dos últimos anos, como é exemplo o grupo punk rock *Pussy Riot* que realiza eventos e performances feministas desde 2011. Informação consultada a 24 de julho de 2022 em <https://www.nme.com/blogs/nme-blogs/brief-history-riot-grrrl-space-reclaiming-90s-punk-movement-2542166>

<sup>47</sup> A cantora e atriz norte-americana conquistou fama entre a década de 80 e 90 do século XX, demarcando-se dos demais artistas, através de uma posição de controlo e poder que quase nenhuma mulher tinha alcançado na indústria. Madonna foi a primeira artista feminina a explorar os videoclipes de música, com símbolos sexuais ou satíricos. A cantora já estava em controlo da sua própria situação financeira, servindo de exemplo para outras artistas, para além de ser reconhecida como *sex symbol*, associada ao prazer e sexualidade. Em 1991, vendeu 70 milhões de álbuns internacionalmente. Dados consultados a 25 de julho de 2022 em <https://www.britannica.com/biography/Madonna-American-singer-and-actress>

É também nesta altura que se começam a manifestar movimentos antifeministas. O antifeminismo, que acredita que não existe desigualdade de género, surgiu como uma “guerra contra mulheres” (Malinowska, 2020, p.5) e que, a partir dos média, “propaga mitos antifeministas” (Malinowska, 2020, p.5), diversas vezes os média, mais conservadores, associavam o “feminismo” com o ódio aos homens e com o extremismo ou radicalismo (Rampton, 2008), o que ajudou ao silenciamento do movimento. As novas conquistas, que a primeira e a segunda onda alcançaram, não se encaixavam na luta da última década do século XX. As pós-feministas (parte do antifeminismo) defendiam uma nova forma, mais equilibrada, de abordagem das necessidades das mulheres, que combinasse “prazeres liberais” (carreira profissional em qualquer área) com “papéis tradicionais” (casamento ou filhos) (Malinowska, 2020, p.5). Emergiu a necessidade, então, de combinar valores conservadores e liberais.

As ativistas feministas da terceira vaga recusavam o termo “feminista”, pois consideravam-no limitador e não-inclusivo de todas as mulheres, por as lutas anteriores terem sido lideradas por mulheres brancas e de classe média-alta (Rampton, 2008). O feminismo da terceira onda celebra as diferenças étnicas, de classe, de orientação sexual, de identidade de género, coloca-se no mundo para o mundo sem se posicionar como feminismo (Rampton, 2008).

O ciberespaço permitiu o aparecimento de redes sociais ao longo dos anos, onde o movimento ressurgiu com mobilizações online e com campanhas e *hashtags*. As mobilizações são partilhadas em redes como o *Facebook*, o *Twitter* ou o *Instagram*, onde também as *hashtags* são criadas e partilhadas, como é exemplo de *#MeToo*<sup>48</sup>, *#HeForShe*<sup>49</sup> e *#TimesUp*<sup>50</sup>, assim como publicadas campanhas, com o exemplo de

---

<sup>48</sup> O movimento *#MeToo* foi fundado em 2006, por Tarana Burke, com o objetivo de apoiar vítimas de violência sexual, com incidência em mulheres jovens de cor de comunidades de classe baixa. Em 2017, o movimento tornou-se viral em forma de *hashtag*, com inúmeras alegações de assédio sexual contra o produtor de cinema Harvey Weinstein. Juntamente com as vítimas de *Hollywood*, milhares de outras ao redor do mundo utilizaram a *hashtag* para partilharem as suas experiências - principalmente contra homens em posições de poder - e encontrarem um lugar de refúgio.

Informação consultada a 1 de agosto de 2022, em <https://www.britannica.com/biography/Tarana-Burke#ref1295029>

<sup>49</sup> Em 2014, *HeForShe* foi criado pela *UN Women*, visando a consciencialização do género masculino para a igualdade de género e para a sua importância nas comunidades. O movimento teve por base a ideia de que a desigualdade de género afeta negativamente a sociedade, social, política e economicamente.

Dados consultados a 1 de agosto de 2022, em <https://www.heforshelisboa.org/sobre-n%C3%B3s/quem-somos>

<sup>50</sup> Fundado em 2018 por mais de 300 mulheres do mundo do entretenimento (como Shonda Rhimes, Reese Witherspoon e Natalie Portman), esta organização sem fins lucrativos tem por objetivo angariar fundos para apoiar vítimas de assédio sexual nos locais de trabalho, providenciando ajuda legal e de relações

*Everyday Sexism Project*<sup>51</sup>, *Feministing*<sup>52</sup> e *Counting Dead Women Project*<sup>53</sup> (Malinowska, 2020, p.5).

A quarta vaga do feminismo começou a desenhar-se por volta de 2010. Marca uma nova agenda feminista, com novos problemas ou novas evoluções nos problemas das ondas anteriores: assédio e violência sexual, discriminação profissional, discriminação de género, sexismo nos média (Malinowska, 2020, p.5). O feminismo da quarta onda caracteriza-se por ser globalmente inclusivo, aberto às vozes das mulheres fora da conjuntura ocidental, e em que diferentes gerações de mulheres partilham experiências (Malinowska, 2020, pp.5-6). A partilha de experiências tem por base uma nova tendência – o xenofeminismo, um movimento que defende a abolição de género e o antinaturalismo (em que existe mais de dois géneros) e incorpora a tecnologia, e acredita que o feminismo devia ser o princípio fundamental da sociedade.<sup>54</sup> A quarta vaga apela ao empoderamento das mulheres.

Os média são uma porta para abrir o feminismo ao mundo, de forma democrática. A vaga na qual nos encontramos sustenta-se também a partir da ação dos média e de como estes retratam o movimento feminista e as causas que este defende. É importante a partilha das mulheres no *online* e a partir dos média para superar as distinções de classe social

---

públicas. O movimento surgiu pela influência do *MeToo*, ambos recorrem à proteção das vítimas de violência, com incidência em mulheres e em pessoas de cor de classe baixa.

Informação consultada a 1 de agosto de 2022, em <https://timesupnow.org/about/our-story/>

<sup>51</sup> Laura Bates, escritora feminista britânica, fundou o *website Everyday Sexism Project* em 2012, onde são publicados relatos de mulheres sobre experiências sexistas em todo o mundo. Os relatos podem ser submetidos no *website*, por e-mail ou através do *Twitter* oficial do *website*, que está disponível em diversas línguas para ser acessível a qualquer possível vítima.

Consultado a 1 de agosto de 2022, em <https://www.nytimes.com/2013/06/01/world/europe/charting-the-impact-of-everyday-sexism-across-the-world.html>

<sup>52</sup> *Blog* feminista criado em 2004 pelas irmãs norte-americanas Jessica e Vanessa Valenti, mas a sua última publicação foi partilhada a dezembro de 2019. O *blog* advogava por justiça social, reconhecia o sexismo, racismo e homofobia, e colocou o feminismo na lente dos média. Os textos partilhados no *blog* pretendiam identificar problemas na sociedade patriarcal que não eram cobertos pelos média ou política, facultando um espaço de informação para ativistas jovens.

Informação acedida a 2 de agosto de 2022, em <https://www.hillmanfoundation.org/hillman-prizes/2011/samhita-mukhopadhyay-jessica-valenti-courtney-e-martin-vanessa-valenti-chloe>

<sup>53</sup> O grupo *online* australiano *Destroy The Joint*, fundado em 2012 pela jornalista Jenna Price, utiliza o *Facebook* e o *Twitter* para criar uma comunidade *online* preocupada com a violência contra as mulheres. Uma das campanhas do grupo – *Counting Dead Women* – pesquisa e publica todos os casos de violência contra mulheres que resultaram em morte, todos os anos, na Austrália, nas redes sociais.

Dados consultados a 2 de agosto de 2022, em <https://socialimpact.uts.edu.au/case-study/counting-dead-women-hard-truth-australias-domestic-violence-victims/>

<sup>54</sup> O movimento é também inclusivo da população queer.

Informação acedida a 2 de agosto de 2022, em <http://diannbauer.net/xenofeminism>

(Malinowska, 2020, p.6) e a luta feminista se tornar cada vez mais universal e não particular de cada classe (Rampton, 2008).

## **2.2. As primeiras mulheres portuguesas e a luta por direitos políticos e sociais**

O movimento feminista português, surgido nos finais do século XIX, sempre se caracterizou como sendo moderado, e até pacifista. As figuras feministas nacionais fizeram-se valer pelo uso da persuasão, com discursos públicos e publicações periódicas e literárias, para reivindicar os seus direitos (Silva, 1983, p.875), sem recurso à força como noutros movimentos internacionais, nomeadamente o inglês.

Uma pequena elite feminina portuguesa, onde se inseriam escritoras, médicas e professoras, começou a questionar a subordinação da mulher e os males que daí advinham. Um deles, e o grande motor do movimento português, era a educação das mulheres. Ainda em regime monárquico<sup>55</sup>, a taxa de analfabetismo das mulheres era muito elevada: 85,4%, em 1890, e 85%, em 1900, condicionando a própria escolha profissional e a libertação da mulher das amarras dos pais e dos maridos (Esteves, 2001, p.87).

À mulher reservava-se o trabalho de casa, como doméstica, esposa, mãe e educadora, sem qualquer independência financeira. A pequena elite feminina, escolarizada e com acesso a atividade profissional, reunia-se em salões literários e tentava fazer ouvir a sua voz nos jornais e revistas femininas, onde procuravam partilhar ideais feministas (Esteves, 2001, p.88). A primeira revista declaradamente feminista radical foi *A Voz Feminina*, criada em 1868<sup>56</sup>. Esta publicação serviu de base para partilhar e

---

<sup>55</sup> A Monarquia Portuguesa viu o seu fim a chegar em 1910, depois da Proclamação da República a 5 de outubro de 1910. No entanto, já a 1 de fevereiro de 1908, a Monarquia tinha visto o seu fim de perto com o regicídio do rei Dom Carlos e do príncipe herdeiro Luís Filipe, em Lisboa, devido à crescente popularização da oposição republicana. O país encontrava-se numa situação de pobreza, com ordenados muito baixos, elevado custo de vida e um elevado nível de analfabetismo, que piorava a situação de subordinação das mulheres. Entre 1908 e 1910, a Monarquia foi liderada por Dom Manuel II, o segundo filho de Dom Carlos.

Informação consultada a 2 de agosto de 2022, em <https://www.museudelisboa.pt/pt/acontece/noticias/o-regicidio-de-1908-na-rua-do-arsenal-foi-ha-113-anos>

<sup>56</sup> A revista apenas publicou números durante um ano, assim como várias revistas e jornais que surgiram nesta época.

propagar a emancipação feminina na sociedade portuguesa (Silva, 1983, p.876), tendo depois sido seguida por diversos jornais.

As mesmas mulheres que se fizeram ouvir nos salões literários também se fizeram ouvir em discursos públicos e participaram na criação de organizações e na Maçonaria. Guinote (2015) considera que estas mulheres integraram uma “geração em que a luta pela difusão dos ideais feministas e pelos direitos políticos das mulheres se alia ao republicanismo e à sua propaganda” (p.208).

Escritora de livros infantis, jornalista e ativista pelos direitos das mulheres, Ana de Castro Osório é “a teórica mais notável do feminismo e uma das militantes mais empenhadas” (Silva, 1983, p.876). Nasceu em Mangualde, em 1872, e faleceu em Lisboa, em 1935<sup>57</sup>. Escreveu o primeiro manifesto feminista português<sup>58</sup> - “Às Mulheres Portuguesas” (1905), onde defendia a igualdade salarial entre mulheres e homens e a escolarização daquelas. Nas suas palavras, “(...) tanto ou mais do que o homem, necessita a mulher ser educada e ilustrada, e é, a meu ver, por onde deve principiar a remodelação duma sociedade que seja progressiva” (1905/2015, p.52). Defendia que a educação está sempre na base do progresso de um Estado, e que, por isso, apenas com a educação das mulheres (e dos homens) é que estas poderiam usufruir do direito ao voto, acabando por apoiar o voto restritivo, em que apenas certa classe social e escolarizada se incluía (Silva, 1983, p.893). Para Osório, a educação permite que a mulher se liberte do trabalho em condições de exploração (que, apesar de no mundo do trabalho, não se traduz em liberdade) (Silva, 1983, p.896) e consiga operar o trabalho familiar e doméstico de forma livre e não submissiva ao homem (Silva, 1983, p.903).

Foi fundadora de algumas das primeiras organizações feministas, como o Grupo Português de Estudos Feministas (1907-1908)<sup>59</sup>, a Liga Republicana das Mulheres

---

<sup>57</sup> Dados biográficos consultados no Relatório de Estágio *Exposição – Rostos da República: no âmbito das comemorações do Centenário da República em Espinho* (2010, p.35), de Ana Patrícia Cordeiro de Sousa Amorim, passível de consulta em <http://hdl.handle.net/10216/63244>

<sup>58</sup> Considerado assim pela investigadora Regina Tavares da Silva, pois aborda “de forma muito clara e radical questões relacionadas, por um lado, com a situação da mulher, o seu estatuto legal e os condicionalismos culturais inerentes e, por outro lado, questões de índole mais teórica, sobre o feminismo, a igualdade dos sexos, o direito à educação e ao trabalho, o direito a salário igual” (Silva, 1993, p.286, citado por Esteves, 2001, p.88).

<sup>59</sup> O Grupo Português de Estudos Feministas, criado em 1907, tornou-se a primeira agremiação a assumir a palavra “feministas” no seu nome. Para além de sua fundadora, Ana de Castro Osório também a presidiu; outras feministas aderiram à organização, como Adelaide Cabete e Carolina Beatriz Ângelo. O Grupo tinha como objetivo difundir os ideais feministas através da fundação de uma biblioteca, com obras sobre a mulher, os problemas sociais através do pensamento feminista, a educação infantil (Esteves, 2001, p.98).

Portuguesas (1908/9-1919)<sup>60</sup> – que teve como grande vitória o direito ao divórcio em 1910 - e, ainda, a primeira organização sufragista no país, a Associação de Propaganda Feminista<sup>61</sup> em 1911.

A luta pela igualdade de direitos civis e políticos, a independência económica e a instrução e educação das mulheres foram a grande bandeira deste período do movimento feminista português, que reuniu apoiantes monárquicas e republicanas. Estas mulheres tiveram como aliados alguns homens, veja-se o caso do jornalista Carlos Lemos, do ex-primeiro-ministro Afonso Costa e do político Fernão Botto Machado<sup>62</sup> e já na década de 1920, do jornalista são-tomense, Mário Domingues, que no jornal anarcossindicalista *A Batalha*, publicou vários textos a defender os direitos das mulheres (Garcia, 2022). Ao longo dos últimos anos do século XIX e na primeira década do século seguinte, os dirigentes republicanos prometeram defender a emancipação da mulher, nomeadamente o seu direito ao voto, no entanto, tal como ocorreu com a Revolução Francesa de 1789, a República<sup>63</sup> não cumpriu as suas promessas (Silva, 1983, p.877).

Entre 1910 e 1918, as feministas dirigiram à I República petições<sup>64</sup> com reivindicações do movimento – direitos civis e políticos, sufrágio e direito à educação -, e, de um total de 14 petições, seis (apresentadas em 1910, 1911, 1912, 1915 e 1918) exigiam o voto da mulher nas mesmas condições que os homens (Esteves, 2014, p.474). Para Ana de Castro Osório (1911) (citada por Esteves, 2014, p.475), “o direito de voto é o mais legítimo e imprescindível de todos os direitos numa sociedade constituída”.

---

<sup>60</sup> A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas foi a primeira organização com ideais republicanos a defender o estatuto das mulheres, com ligação ao Partido Republicano e à movimentação política que se sentia (o regicídio de 1908 e o desejo de derrubar de vez a Monarquia). Os objetivos passavam por instruir a mulher portuguesa para a tornar numa cidadã autónoma e promover a revisão de leis (Silva, 1983, pp.876-877).

<sup>61</sup> Criada em 1911, a Associação de Propaganda Feminista surgiu por divergências de ideais com a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. A Associação, que teve o seu fim em 1918, tinha por objetivo final o direito ao sufrágio, restritivo, da mulher nas mesmas condições a que era permitido aos homens. Afiliou-se na *Internacional Woman Suffrage Alliance* (Silva, 1983, p.877).

<sup>62</sup> Como é de exemplo, Carlos de Lemos (que dirigiu a revista *Viseu Ave Azul* (1899-1900) com a esposa Beatriz Pinheiro, tendo a revista publicado uma série de artigos sobre a emancipação da mulher), Afonso Costa, ex-primeiro-ministro e professor universitário, e Fernão Botto Machado, deputado e jornalista (Esteves, 2001, pp.93-100).

<sup>63</sup> A I República foi implementada a 5 de outubro de 1910, mas, vários governos depois, sofreu o golpe de Estado de 28 de maio de 1926, dando origem à ditadura militar.

<sup>64</sup> O feminismo português sofreu uma mudança de ativismo pacifista para um ativismo ativo, apesar de permanecer moderado.

Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911), com um curto percurso no mundo do ativismo feminista por morte precoce aos 33 anos, foi a primeira mulher a votar no país.<sup>65</sup> Especializou-se em ginecologia, tendo também sido a primeira mulher no país a realizar uma cirurgia.<sup>66</sup> A 28 de maio de 1911, conseguiu votar nas eleições da Assembleia Constituinte.<sup>67</sup> No entanto, esse ato não foi fácil: não era permitido que toda a população votasse, muito menos o sexo feminino, contudo, sendo viúva, fonte de sustento da filha menor e sabendo ler e escrever (aliás, detinha formação superior) considerou-se como chefe de família.<sup>68</sup> A estes a lei garantia o direito ao voto e, vendo uma oportunidade, aproveitou-a. Após recorrer duas vezes a tribunal, para o desagrado do Estado, conseguiu recensear-se e exercer o seu direito, com o número de eleitor 2513, e com uma comitiva de outras feministas e jornalistas à porta do local de eleição.<sup>69</sup> Com este feito, Carolina Beatriz Ângelo conseguiu dar início à discussão acerca da política como espaço público para mulheres e homens. E, apesar de curta vida no ativismo, também fundou e integrou várias associações como o Grupo Português de Estudos Feministas, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e a Associação de Propaganda Feminista.<sup>70</sup>

A própria República desprezou o papel das mulheres como cidadãs ativas, reescrevendo a Lei Eleitoral de 1913, definindo como chefes de famílias apenas o sexo masculino, impedindo as mulheres de voltarem a votar até ao fim da I República (Lagarto, 2021, p.40).

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947) (CNMP), criado por Adelaide Cabete, foi a organização sufragista mais duradora, depois do desmantelamento da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e da Associação da Propaganda Feminista em 1918 (Esteves, 2014, p.505). O objetivo do Conselho era propagar o ideal feminista através de publicações, conferências, exposições e das relações com o movimento internacional, com o intuito ainda da melhoria da situação legal da mulher, melhoria da saúde das mulheres e das crianças, de lutar pela educação da mulher e pelo sufrágio e pela remuneração equitativa (Pimentel, 2011, pp.195-198).

---

<sup>65</sup> Esteves, J. (2014). Da esperança à decepção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *Historia Constitucional*, (15), 481.

<sup>66</sup> *Ibidem*.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

<sup>68</sup> Silva (1983) escreve que “(...) a sua situação satisfazia os requisitos da lei, que dispunha serem cidadãos eleitores os maiores de 21 anos, sabendo ler e escrever e sendo chefes de família” (p.892).

<sup>69</sup> Esteves, J. (2014). Da esperança à decepção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *Historia Constitucional*, (15), 481-487.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p.480.

Adelaide Cabete nasceu a 1867 em Elvas, acabando por falecer em 1935 em Lisboa.<sup>71</sup> Foi médica ginecologista, professora e ativista, participando na fundação de várias organizações feministas. Presidiu durante mais de 20 anos o CNMP.<sup>72</sup> Como presidente do conselho, reivindicou o direito a um mês de descanso antes do parto e o direito ao voto das mulheres<sup>73</sup>, tendo até sido a única (e primeira) mulher a votar no plebiscito da Constituição Portuguesa de 1933 quando vivia em Luanda<sup>74</sup>. Defendia as mulheres grávidas e pobres, as crianças, a igualdade de direitos e posicionava-se contra as touradas, defendendo também a causa animal.<sup>75</sup> Pertenceu ainda à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, ao Grupo Português de Estudos Feministas, à Associação de Propaganda Feminista e, em 1928, fundou ainda a Associação das Mulheres Universitárias de Portugal.<sup>76</sup>

Estas feministas, e tantas outras, conseguiriam iniciar em Portugal um movimento que permanece até hoje, com as mesmas lutas, apesar de objetivos diferentes. O I Congresso Feminista e da Educação de 1924, organizado pelo CNMP, Cabete e outras ativistas apresentaram teses, propostas e reivindicações, como a educação das mulheres, o direito ao trabalho, e o sufrágio feminino (Pimentel, 2011, pp.195-196). Apesar de organizarem ainda outro congresso em 1928, com ainda mais apoiantes, a instauração do regime ditatorial do governo de Salazar acabou por proibir o Conselho anos mais tarde, tendo, desde 1926, condicionado as suas ações mais progressistas (Pimentel, 2011, p.198).

---

<sup>71</sup> Dados biográficos consultados no *Relatório de Estágio Exposição – Rostos da República: no âmbito das comemorações do Centenário da República em Espinho* (2010, p.30), de Ana Patrícia Cordeiro de Sousa Amorim, passível de consulta em <http://hdl.handle.net/10216/63244>

<sup>72</sup> *Ibidem*, p.30-31.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.31.

<sup>74</sup> Almeida, S. J. (2010). *Quando as feministas influenciaram o poder*. Público. Consultado a 25 de agosto de 2022, em <https://www.publico.pt/2010/08/27/jornal/quando--as-feministas-influenciaram--o-poder-19991625>

<sup>75</sup> Dados biográficos consultados no *Relatório de Estágio Exposição – Rostos da República: no âmbito das comemorações do Centenário da República em Espinho* (2010, p.30-31), de Ana Patrícia Cordeiro de Sousa Amorim, passível de consulta em <http://hdl.handle.net/10216/63244>

<sup>76</sup> *Ibidem*, p.31.

### 2.2.1. A condição política e social da mulher no Estado Novo

Portugal, apesar da inicial neutralidade, apoiou os Aliados, a partir de 1916<sup>77</sup>, na I Guerra Mundial (1914-1918), resultando em instabilidade política e financeira. A República Portuguesa não oferecia à população estabilidade nem uma vida de qualidade, que resultou também dos constantes governos republicanos e das suas quedas e a falta de crença da população no método republicano; isto originou a que o golpe militar de Gomes da Costa, a 28 de maio de 1926, reunisse apoio das classes médias urbanas (Rosas, 1994, pp.16-17).

Com a instituição da Ditadura Militar, em 1926, os aclamados “anos de ouro” do feminismo esfumaram-se (Martins, 2015, p.27). Apesar dos pequenos avanços do movimento feminista da primeira vaga portuguesa – lei do divórcio, as eleições de 1911, o debate público -, a Ditadura Militar acabou com as representações oficiais do governo em congressos internacionais feministas<sup>78</sup> e a taxa de analfabetismo, apesar de ter diminuído, continuava com valores bastantes altos – 69,9% em 1930 – (Vaquinhas, 2002, p.215).

Todavia, antes de António Salazar (1889-1970) implementar o Estado Novo em 1933<sup>79</sup>, a Ditadura permitiu a abertura do campo político à elite de mulheres ao “conquistarem” o direito ao voto restritivo a 5 de maio de 1931 (Vaquinhas, 2002, p.216). O decreto eleitoral 19694 permitia que as mulheres com mais de 21 anos e com educação secundária ou superior, ou “chefes de família”, pudessem exercer o direito ao voto.<sup>80</sup>

A nova visão sobre o papel das mulheres na sociedade acentua o papel da mulher como mãe e esposa, e o marido como fonte de sustento (Rodrigues, 1983, citado por

---

<sup>77</sup> Portugal viu-se obrigado a participar na guerra mundial para proteger as suas colónias, já em 1914, em territórios africanos das forças alemãs, tendo depois, em 1916, apreendido navios alemães e austríacos no país, ilhas e colónias. Informação consultada a 25 de agosto, em <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/Portugal-Grande-Guerra.aspx>

<sup>78</sup> Costa, 2021 citado por Lagarto, 2021, p.47.

<sup>79</sup> António Salazar, depois do êxito na pasta das Finanças a partir de 1926 com políticas de austeridade financeira, alcançou a Presidência do Conselho de Ministros em 1932, conseguido implementar um ano depois o Estado Novo. No Estado Novo, conciliou o poder legislativo ao executivo, criou documentos como o Ato Colonial, a Constituição de 1933 e o Estatuto Nacional de Trabalho (que valorizava ruralismo à indústria, evitando que ideais comunistas se propagassem na indústria), criou o Secretariado de Propaganda Nacional para divulgar os valores do regime ditatorial, com a glorificação do chefe de Estado e do lema “Deus, Pátria, Família”. A ditadura portuguesa apenas teve o seu fim com a Revolução dos Cravos, em 1974 (Lagarto, 2021, p.49).

<sup>80</sup> Diário do Governo nº104/1931, Série I de 1931-05-05, pg.789-791. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/19694-1931-526415>

Martins, 2015, p.31). Atribuiu-se à mulher o papel de “esteio da família”, pela maternidade, reforçando o seu papel “tradicional” no campo privado (Pimentel, 2011, pp.32-36). O conservadorismo de direita acaba por prevalecer, submetendo a mulher ao papel de subalternizadas aos homens; as pequenas conquistas do movimento feminista voltam quase à estaca zero, tornando-se impopular entre a população. Assiste-se também à extinção de organizações feministas e à criação de outras com objetivos de acordo com os valores do Estado Novo, como a Mocidade Portuguesa Feminina (1938-1968)<sup>81</sup> e a Obra das Mães para a Educação Nacional (1934-1974)<sup>82</sup> (Lagarto, 2021, p.50).

A situação de direito ao voto da mulher volta a mudar em 1933, com a permissão de voto, desta vez, para eleições para juntas de freguesia, câmaras municipais e eleições presidenciais, a mulheres solteiras, desde que maiores e emancipadas, e com curso secundário ou superior (Martins, 2015, p.33).<sup>83</sup> Todavia, a Constituição de 1933 instaurava, de forma legal, o princípio de igualdade, exceto as mulheres pela sua “natureza” e pelo “bem da família”<sup>84</sup>, contribuindo para o efetivo estado de submissão da mulher (Martins, 2015, p.32).

De forma a integrar as mulheres portuguesas no Estado Novo e nos seus valores conservadores, o Presidente do Conselho António Salazar, em novembro de 1934, declara ao país que também elas fariam parte da Assembleia Nacional, com a inserção das primeiras três deputadas na I Legislatura (Martins, 2015, pp.38-39). Salazar não pretendia que a medida fosse de acordo com as reivindicações anteriores das feministas, mas que as mulheres do país tivessem um objetivo em comum: a maternidade e o consequente trabalho doméstico (Martins, 2015, p.39). As deputadas escolhidas foram Maria

---

<sup>81</sup> A Mocidade Portuguesa, criada em 1937, detinha a missão de impingir valores militares e patriotas a crianças e jovens. Assim, também foi criada uma secção feminina, que ensinava às jovens o ideal da mulher (que deveria ser a doméstica). Esta organização era de inscrição obrigatória (Pimentel, 2011, citado por Lagarto, 2021, p.50).

<sup>82</sup> De caráter voluntário, a Obra das Mães para a Educação Nacional tinha por objetivo educar as mulheres para o papel de mãe e de esposa, obediente ao marido (Lagarto, 2021, p.50).

<sup>83</sup> Também em 1934, uma nova disposição passou a incluir mulheres eleitoras e elegíveis para a Assembleia Nacional e Câmara Corporativa desde que sobre certos parâmetros: com mais de 21 anos, solteiras, com rendimento próprio ou trabalhadoras, ou ainda às chefes de família e casadas com diploma secundário ou que cumprissem o pagamento da contribuição predial (Pimentel, 2011, citado por Martins, 2015, p.33). Pouco depois, a lei eleitoral incluiu o voto de mulheres casadas com educação mínima e que alcançassem um montante pré-estabelecido de capacidade tributária (Amaral, 1998, citado por Martins, 2015, p.33).

<sup>84</sup> Art.5º de 22 de fevereiro de 1933: “A igualdade perante a lei envolve o direito de ser provido nos cargos públicos, conforme a capacidade ou serviços prestados, e a negação de qualquer privilégio de nascimento, nobreza, título nobiliárquico, sexo, ou condição social, salvas, quanto à mulher, as diferenças resultantes da sua natureza e do bem da família, e, quanto aos encargos ou vantagens dos cidadãos, as impostas pela diversidade das circunstâncias ou pela natureza das coisas”. Disponível em <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1933.pdf>

Guardiola (1895-1987)<sup>85</sup>, Domitília de Carvalho (1871-1966)<sup>86</sup> e Cândida Parreira (1877-1942)<sup>87</sup>. Nenhuma tinha estado ligada ao movimento feminista. Todas eram católicas (fundamental para que propagassem a relação com a Igreja), oriundas de uma elite feminina, com estudos superiores, solteiras e com carreiras profissionais (Martins, 2015, p. 39). Os seus percursos profissionais cingiam-se às áreas sociais, como a educação, cultura, assistência social, “áreas entendidas como de competência feminina” (Martins, 2015, p.41).

O fim da II Guerra Mundial (1939-1945), com a vitória dos Aliados<sup>88</sup>, pressionou António Salazar a rever a Constituição e a dissolver a Assembleia Nacional, convocando eleições legislativas, de modo a passar a imagem internacional que Portugal era um país “livre” (Lagarto, 2021, p.53). Assim, foram criados movimentos contra o fascismo e pela democracia, que também reuniram apoio de mulheres em comissões próprias como a Comissão de Mulheres do Movimento de Unidade Democrática, que utilizaram para denunciar a injustiça da lei eleitoral para a população feminina (Tavares, 2008, pp.89-90). Apesar da aparente liberdade durante a campanha eleitoral, Salazar utilizou as aparências públicas para iniciar uma onda de opressão (com detenções) em 1946<sup>89</sup>, incluindo sob as mulheres da oposição política (Tavares, 2008, p.91-92). Também o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas foi proibido pelas suas ligações aos ideais democráticos (Pimentel, 2011, p.198), e por ser presidido por Maria Lamas<sup>90</sup>, jornalista que fez parte do movimento feminista português, e pela sua presença no Congresso do Conselho Internacional das Mulheres após a segunda guerra (Tavares, 2008, p.91).

---

<sup>85</sup> Foi comissária da Mocidade Portuguesa Feminina e vice-presidente da Obra das Mães para a Educação Nacional (Martins, 2015, p.40).

<sup>86</sup> Foi a primeira mulher a frequentar a Universidade de Coimbra nos cursos de Matemática, Filosofia e Medicina; dedicou-se em grande parte ao ensino e à política. Antifeminista e contra o sufrágio feminino na I República (Esteves, 2001, p.105).

<sup>87</sup> Mostrou-se contra o divórcio e as suas políticas recaíam sobre a educação, família e assistência social. Apoiou a reforma do Ministério da Instrução e a proposta da licença de maternidade, por 30 dias, subsidiada para mulheres empregadas e com mais de um ano de serviço. Dados consultados a 26 de agosto de 2022, em <https://debategraph.org/Details.aspx?nid=396568>

<sup>88</sup> António Salazar impôs uma política de neutralidade durante a guerra, não envolvendo Portugal nos combates. No entanto, o ditador mantinha relações económicas e políticas com a Itália e Alemanha (países sob influência fascista) e, apenas no fim da guerra, declarou apoio aos Aliados, por estratégia (a vitória destes estava iminente) (Lagarto, 2021, p.53).

<sup>89</sup> Ainda em 1946, uma nova lei eleitoral é posta em curso com o alargamento do direito ao voto para mulheres casadas, alfabetizadas ou analfabetas desde que contribuintes (Vaquinhas, 2002, p.216).

<sup>90</sup> Maria Lamas (1893-1983) defendeu e lutou pela igualdade das mulheres, baseada na independência económica e na educação, e pelo direito a exercer profissão. Foi jornalista (dirigiu a revista *Modas e Bordados*, de 1928 a 1947), escritora, poetisa e traduziu obras. Dados consultados a 26 de agosto de 2022, em <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/maria-lamas-dp16.html>

Aproveitando, em 1949, a candidatura de Norton de Matos - que defendia a não discriminação sexual -, as mulheres ousaram regressar ao espaço público para criar uma nova agenda feminista através dos comícios do Núcleo Feminino da Propaganda (Martins, 2015, p.33). Nestes, as mulheres envolvidas pediam independência económica, igualdade jurídica, sufrágio universal, assistência social para todas as mulheres e, até, a abolição da regulação da prostituição (o regime cobrava imposto às mulheres que a praticavam) (Tavares, 2008, p.91). Não obstante a desistência de Norton de Matos da corrida eleitoral, os apoiantes do candidato foram, novamente, perseguidos e presos. Entre 1949 e 1951, 61 mulheres foram presas e torturadas por motivos políticos (Tavares, 2008, p.95).

As mulheres em Portugal nunca deixaram de perseguir uma carreira profissional (Martins, 2015, p.36), apesar das tentativas de Salazar de as manter na esfera privada. Porém, faziam-no em condições precárias e menos promissoras, sem acesso a direitos e sem acesso igual à educação. Todas as mudanças de leis eleitorais durante o período de ditadura existiram, de algo modo, para servir o Estado Novo e a contínua imagem de mulher submissa, dedicada à família, à religião e à nação.

Com a ascensão, em 1968, de Marcello Caetano a Chefe de Estado, Portugal, apesar da Guerra Colonial (1961-1974) e com a paulatina inserção das mulheres no mercado do trabalho e o acesso à escola, assistiu-se a uma última alteração à lei eleitoral antes da Revolução democrática do 25 de abril, a que foi atribuído o voto às mulheres nas mesmas condições dos homens<sup>91</sup>, encerrando um ciclo de discriminação de sexo no que dizia respeito ao direito ao voto (Martins, 2015, p.34). Não obstante, o país tinha ainda uma legislação deficiente relativamente à condição feminina, o que gerou descontentamento social e crescente oposição política (Martins, 2015, pp.34-35).

As feministas renasceram das cinzas diversas vezes, mesmo que, por vezes, com consequências legais, criminais ou jurídicas. Como aconteceu com a obra de coro feminista *Novas Cartas Portuguesas* das três Marias (Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta) em 1972, que abordou o desejo sexual das mulheres, o amor e o prazer, denunciando a opressão feminina no espaço privado e público e a situação do país e a estratificação social (Martins, 2015, p.37). O conteúdo do livro levou

---

<sup>91</sup> Poderia votar toda a população desde que “maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português”, segundo a lei nº 2137, de 26 de dezembro de 1968. Disponível em <https://dre.tretas.org/dre/234288/lei-2137-de-26-de-dezembro>

à sua apreensão e à acusação das Marias “de pornografia e ofensas à moral pública” (Martins, 2015, p.37).<sup>92</sup> Apesar de num Estado de regime ditatorial, o feminismo esteve sempre à espreita.

### **2.3. A democratização do sistema político português e as primeiras políticas públicas em prol da igualdade de género**

O trabalho das mulheres em Assembleia Nacional tinha pouco poder e protagonismo, quando comparado com o mesmo trabalho realizado por homens. Ao contrário do que sucedia ao sexo masculino, as conquistas no campo político, por parte da mulher, não eram tomadas com a mesma importância ou reconhecimento. Em 1975, os portugueses mobilizaram-se para as primeiras eleições livres, com uma participação de 91,2%<sup>93</sup>, a maior taxa que Portugal alguma vez viu. Foram eleitos 250 deputados, destes apenas 20 eram mulheres (Martins, 2015, p.52). Em 1976, nas eleições autárquicas, cinco foram eleitas para presidentes de câmaras municipais, num total de 304.<sup>94</sup> Para um estado livre e igualitário, a desigualdade de género continuava a ser profunda.

Maria de Lourdes Pintasilgo (MLP) (1930-2004) foi a primeira e única primeira-ministra (1979-1980) de Portugal. Defensora da igualdade de género, desde muito cedo que defendia que, como mulher, tinha voz para discutir assuntos tradicionalmente tutelados por homens (Tavares, 2008, p.355).

Pintasilgo entrou num mundo dominado por homens, e não foi bem-vinda. Em diversas entrevistas, afirmou ter sido alvo de injúrias e provocações, por parte de deputados em debates parlamentares, muitas vezes através da violência, com “murros nos tampos das bancadas”. Era desta forma que demonstravam o descontentamento para com o cargo que ocupava (Tavares, 2008, pp.354-355). Pintasilgo escolheu discutir assuntos tendencialmente vistos como masculinos, não para sobrepor as suas ideias (Tavares, 2008, p.355), mas para que ela e outras se afirmassem “enquanto mulheres capazes de ter

---

<sup>92</sup> O prefácio da segunda edição da obra foi, posteriormente, escrito por Maria de Lourdes Pintasilgo em 1974, e em 1980 foi a vez do prefácio da terceira edição (Tavares, 2008, p.358).

<sup>93</sup> Morais, J. R. (2020). *1975 – A eleição de todos os portugueses*. Público. Consultado a 10 de setembro de 2022, <https://www.publico.pt/2020/04/19/politica/noticia/1975-eleicao-portugueses-1912535>

<sup>94</sup> Borges, L. (2020). *Portugal teve 35 ministras em democracia. Hoje, há 91 mulheres no Parlamento*. Público.

Consultado a 10 de setembro de 2022, em <https://www.publico.pt/2020/03/08/politica/noticia/portugal-39-ministras-481-ministros-democracia-hoje-ha-91-mulheres-parlamento-1906773>

poder, um outro poder, capaz de construir uma história de dimensão humana e global” (Tavares, 2008, pp.356-357).

MLP para além de se inserir em assuntos de teor “masculino”, fez sentir a sua presença em assuntos relacionados com a igualdade de género em diversas áreas. Tal como Subtil e Silveirinha (2017b, p.48) enunciam, existiram diversas iniciativas, entre os anos de 1970 e 1995, que contaram com a liderança e apoio de MLP, como o Grupo de Trabalho para a Definição de uma Política Nacional Global acerca da Mulher (1970), o Grupo de Trabalho para a Participação da Mulher na Vida Económica e Social (1971) e a Comissão da Condição Feminina (1975). Pintasilgo, ainda em período ditatorial, cria o primeiro Grupo dedicado às condições de trabalho das mulheres, e, alcançado o sucesso, criou o segundo Grupo.<sup>95</sup> Mas não parou por aí, em 1975, como ministra dos Assuntos Sociais, funda a Comissão, que se estudou a opressão e discriminação da mulher, tendo implementado várias medidas, desde a Constituição de 1976 ou alterações no Direito da Família, no Código Civil.<sup>96</sup>

### 2.3.1. O lento acesso das mulheres a cargos políticos

Ao longo dos quase cinquenta anos de democracia, várias foram as mulheres que desempenharam cargos políticos, seja como deputadas, ministras, secretárias de Estado, presidentes de juntas de freguesia ou de câmaras municipais. Até 2022, a democracia portuguesa contou com 52 ministras, apesar de terem existido mais de 450 ministros desde 1974.<sup>97</sup> Em 2021, num universo de 308 autarquias, o número de presidentes mulheres em câmaras municipais diminuiu de 32, em 2017, para 29.<sup>98</sup> Apesar do aumento

---

<sup>95</sup> Informação consultada a 12 de setembro de 2022, em <https://www.cig.gov.pt/area-a-cig/historia-da-cig/>

<sup>96</sup> *Ibidem*.

<sup>97</sup> Segundo dados consultados no *website* da República Portuguesa e do Parlamento, desde os Governos Provisórios, de 459 ministros, 407 são pertencentes ao sexo masculino e 52 ao feminino. O XXIII Governo Constitucional é o primeiro governo com mais mulheres como ministras. Os secretários de Estado contam já com uma totalidade de 1029, contudo apenas 115 mulheres ocuparam estes postos. Estes dados têm em consideração o novo Governo Constitucional que tomou poder a março de 2022 e não têm possíveis informações acerca de eventuais alterações nos cargos dos Governos *a posteriori*.

Informação consultada em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/composicao> e em <https://www.parlamento.pt/RegistoInteresses/Paginas/XXIII-Governo.aspx>

<sup>98</sup> Apenas um em cada dez presidentes de câmaras municipais são mulheres. Também são mais os homens que ocupam a cabeça de lista candidata à presidência.

CIG. (2021). *Mulheres e homens nas presidências das câmaras municipais*. <https://www.cig.gov.pt/2021/10/igualdade-em-genero-em-numeros-poder-e-tomada-de-decisao-politica-mulheres-e-homens-nas-presidencias-das-camaras-municipais-2021/>

significativo de deputadas na Assembleia da República nos últimos anos e de se ter alcançado um valor histórico em 2019 (com 89 deputadas), 2022 viu o parlamento perder quatro deputadas.<sup>99</sup><sup>100</sup> Existe, claramente, uma sub-representação de mulheres no campo político geral e em cargos superiores: “nos últimos 40 anos, raramente as mulheres alcançaram as posições de maior liderança e visibilidade nas instituições políticas” (Martins, 2015, p.60).<sup>101</sup>

Com a liberdade, veio a oportunidade de todos/as enveredarem por uma vida política profissional. Porém, continuou a ser um espaço maioritariamente composto por homens. Apesar da contínua chegada de mulheres à cena política portuguesa nos últimos anos do século XX, há reservas acerca da igualdade de representatividade entre homens e mulheres na política e na divisão das pastas de trabalhos políticas (com as denominadas áreas *soft* e *hard*). As pastas de trabalho *hard* como as finanças, economia ou infraestruturas são áreas de intervenção associadas a homens, em contraste, as *soft* a educação, questões sociais ou emprego são associados a mulheres, mesmo na política. Apesar das exceções, continua a existir uma divisão genderizada do tipo de trabalho, tendo por base os estereótipos sociais associados aos géneros: homens são mais austeros e duros, ao passo que as mulheres são mais emocionais e compreensivas (Lisboa & Teixeira, 2016, p.110). As reproduções de estereótipos sociais contribuem para a secundarização da mulher na sociedade e, em específico, na política, onde a conciliação entre vida familiar e profissional é ténue, devido aos longos horários de trabalho praticados. A mulher é assim, de certa forma, empurrada para cargos com menos influência política, que consigam conciliar com a vida familiar. A vida política continua a ser dirigida maioritariamente por homens, o que acaba por resultar em medidas

---

<sup>99</sup> PORDATA. (2022). *Mandatos nas eleições para a Assembleia da República: total e por sexo*. <https://www.pordata.pt/Portugal/Mandatos+nas+elei%C3%A7%C3%B5es+para+a+Assembleia+da+Rep%C3%BAblica+total+e+por+sexo-2258>

<sup>100</sup> Pela maioria absoluta, o Partido Socialista é o que conta com mais deputadas na Assembleia, com 46 assentos ocupados por estas. Porém, apenas o Bloco de Esquerda (BE) e o Pessoas, Animais e Natureza (PAN) contam com contagem de deputadas superior ao de deputados (o BE, de 5 deputados, 3 são mulheres, enquanto o PAN é partido de assento parlamentar único, ocupado por isso por uma deputada). Informação consultada em <https://www.legislativas2022.mai.gov.pt/resultados/globais>

<sup>101</sup> As atuais ministras do XXIII Governo Constitucional representam os seguintes ministérios: da Presidência (Mariana Vieira da Silva), da Defesa Nacional (Helena Carreiras, primeira mulher neste cargo), da Justiça (Catarina Sarmento e Castro), dos Assuntos Parlamentares (e ministra Adjunta, Ana Catarina Mendes), da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Elvira Fortunato), do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (Ana Mendes Godinho), da Saúde (Marta Temido), da Coesão Territorial (Ana Abrunhosa), e da Agricultura e Alimentação (Maria do Céu Antunes).

Consultado em <https://www.parlamento.pt/RegistoInteresses/Paginas/XXIII-Governo.aspx>

“masculinas” e na falta de apoio a possíveis candidatas, afastando-as dos círculos políticos.

O mercado de trabalho e o meio académico abriram portas às mulheres no início da democracia portuguesa, contudo o meio político continua a não acompanhar os constantes progressos ou, pelo menos, não com a mesma rapidez.

Ao abrigo da Constituição Portuguesa de 1976 devemos, como cidadãos, respeitar e não discriminar com base no género, assim como também promover a igualdade. Porém são necessários mecanismos para esta igualdade se concretizar na sociedade, e na política portuguesa, como os Planos para a Igualdade de Género, postos em curso desde 1997. Portugal, enquanto membro da Organização das Nações Unidas (ONU), do Conselho Europeu, da União Europeia (UE) e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), tem como missão a dinamização de projetos que visem o alcance da igualdade de género em diversas áreas. Portugal tomou os primeiros passos em 1980, com a ratificação da Convenção das Nações Unidas para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, em 1980 (Subtil & Silveirinha, 2017b, p.48).

As políticas públicas para a promoção da igualdade começaram a fazer o seu caminho em Portugal a partir de 1997 com, então, o Plano Nacional para a Igualdade de Oportunidades, com vista a igualdade de oportunidades para o desenvolvimento económico e o enriquecimento da democracia e, em pequena nota, a sensibilização dos média para a “mudança de mentalidades quanto ao papel da mulher na sociedade” (Subtil & Silveirinha, 2017b, p.49). Seguiram-se o II Plano Nacional para a Igualdade (2003-2006), que reconheceu o papel relevante dos média na promoção da consciência do público e reconhece a necessidade de formação de jornalistas contra a representação de desigualdades; o III Plano Nacional para a Igualdade – Cidadania e Género (2007-2010), que assumiu a promoção de uma possível linguagem inclusiva nos média; o IV Plano Nacional para a Igualdade – Género, Cidadania e Não Discriminação (2011-2013) promoveu a divulgação de materiais nos média sobre mulheres em cargos de liderança; o V Plano Nacional para a Igualdade: Cidadania, Género e Não Discriminação (2014-2018), que realçou a contribuição dos média para combater a sub-representação das mulheres (Subtil & Silveirinha, 2017b, pp.51-56); e, atualmente em prática, a Estratégia

Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação – Portugal + Igual (ENIND) (2018-2030).<sup>102</sup>

Atualmente, a ENIND integra três Planos de Ação, em períodos de implementação de quatro anos: o Plano de Ação para a Igualdade entre Mulheres e Homens (PAIMH), o Plano de Ação para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica (PAVMVD), e o Plano de Ação para o Combate à Discriminação em razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género, e Características Sexuais (PAOIEC).<sup>103</sup> No fim de cada período de implementação, os planos são revistos pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG). O principal objetivo da ENIND é eliminar os estereótipos sociais, principalmente os que originam a discriminação de género e a consequente subalternidade da mulher. Também têm em vista a eliminação de estereótipos baseados na idade, etnia, orientação sexual ou identidade de género.<sup>104</sup>

As metas de ação até ao ano de 2030 passam pelo combate à discriminação baseada no sexo, orientação sexual, identidade ou expressão de género em todos os domínios da sociedade, pela participação plena e igualitária nas esferas públicas e privadas, pelo desenvolvimento científico e tecnológico inclusivo e igualitário, e pela eliminação de qualquer forma de violência contra a mulher e contra pessoas LGBTQIA+.<sup>105106</sup>

Outras políticas para garantir a igualdade de género, igual acesso à saúde, igual acesso a oportunidades ou garantir o respeito dos direitos humanos universais, têm sido postas em prática. São disso exemplo, os Planos Nacionais de Ação para a implementação

---

<sup>102</sup> Diário da República nº97/2018, Série I de 2018-05-21, p.2220-2245.  
<https://data.dre.pt/eli/resolconsmin/61/2018/05/21/p/dre/pt/html>

<sup>103</sup> *Ibidem.*

<sup>104</sup> *Ibidem.*

<sup>105</sup> *Ibidem.*

<sup>106</sup> O PAIMH tem como medidas a garantia do combate à discriminação do sexo e a promoção de igualdade nas políticas em todos os níveis da Administração Pública; a garantia de uma educação e formação livre de estereótipos; a promoção da igualdade no ensino superior, na saúde e na comunicação social. O PAVMVD considera importante promover uma cultura de não violência e não discriminação; apoiar as intervenções e qualificar profissionais para tal; combater práticas violentas, como a mutilação genital feminina e casamentos infantis. Por último, o PAOIEC pretende promover o conhecimento acerca da realidade vivida de pessoas LGBTQIA+; combater a discriminação baseada na orientação sexual, identidade e expressão de género, combatendo ainda a violência contra estas nas esferas públicas e privadas.  
*Ibidem.*

da RCSNU 1325<sup>107</sup>, a Lei nº14/2008, que proíbe a discriminação de sexo no acesso a bens e serviços<sup>108</sup>, a Lei nº62/2017, que estabelece a representação igualitária “entre mulheres e homens nos órgãos de administração e de fiscalização das entidades do setor público empresarial e das empresas cotadas em bolsa”<sup>109</sup>, a Lei nº26/2019 que procura a igualdade de oportunidades no pessoal dirigente nos órgãos da Administração Pública<sup>110</sup>. A Lei nº16/2007 foi um marco na história portuguesa pela liberdade do corpo da mulher e pela tomada de decisão, com a legalização da interrupção voluntária de gravidez até à décima semana de gravidez.<sup>111112</sup>

No âmbito da proteção do corpo e mente de outrem, principalmente o da mulher, a Lei nº57/2021 visa o alargamento da proteção das vítimas de violência doméstica previsto na Lei nº112/2009, que estabelece a prevenção da violência doméstica e a proteção e assistência das vítimas.<sup>113</sup> No entanto, ano após ano, as mulheres têm vindo a

---

<sup>107</sup> Estes Planos têm por âmbito a inclusão da igualdade de género na construção da paz e da segurança. O Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou esta Resolução em 2000, estando Portugal sob o III Plano Nacional de Ação atualmente. CIG. (2020). *RCSNU 1325 – Planos Nacionais*. <https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-entre-mulheres-e-homens/mulheres-paz-e-seguranca-1325/rcsnu-1325-planos-nacionais/>

<sup>108</sup> Proíbe e sanciona a discriminação com base no género “a recusa de fornecimento ou o impedimento da fruição de bens ou serviços, o fornecimento ou a fruição desfavoráveis de bens ou serviços, a recusa ou o condicionamento de compra, arrendamento ou subarrendamento de imóveis, e a recusa ou o acesso desfavorável a cuidados de saúde prestados em estabelecimentos públicos ou privados”, como consta no ponto 2 do artigo 4º. Diário da República nº51/2008, Série I de 2008-03-12, 1561-1563. <https://data.dre.pt/eli/lei/14/2008/03/12/p/dre/pt/html>

<sup>109</sup> Diário da República nº147/2017, Série I de 2017-08-01, 4414-4416. <https://data.dre.pt/eli/lei/62/2017/08/01/p/dre/pt/html>

<sup>110</sup> Segundo o 1º Relatório sobre a Aplicação da Lei nº26/2019, de 28 de março, realizado pela CIG para o ano de 2019, verificou-se uma proporção média de mulheres no total “atinge valores muito significativos” (p.13), considerando o limiar mínimo de inclusão de 40%. Apesar disto, notam-se bastantes diferenças nas mulheres dirigentes superiores de 1º grau, verificando-se uma média inferior ao limiar mínimo. Passível de consulta em <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-Lei-26-2019-Versao-Final.pdf>

<sup>111</sup> O aborto também é permitido até às 16 semanas ou 24 semanas se, respetivamente, tiver sido consequência de um ato de violação sexual ou se o feto apresentar malformação. Para além destes períodos, é possível o aborto a qualquer momento caso haja risco para a vida da grávida. A Lei foi possível por meio de referendo em 2007.

Diário da República nº75/2007, Série I de 2007-04-17. <https://data.dre.pt/eli/lei/16/2007/p/cons/20160229/pt/html>

<sup>112</sup> Depois de quase 50 anos da aprovação da Lei da interrupção voluntária de gravidez, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América revogou a lei que protegia as mulheres e o seu direito ao aborto. Vários estados norte-americanos proibiram todo e qualquer tipo de aborto, em quaisquer circunstâncias, como Arkansas, Dakota do Sul e Alabama. 21 estados proibiram ou restringiram o acesso ao aborto. Esta revogação de lei preocupa o mundo e de como pode também afetar outros países.

Lusa. (2022). *Aborto banido ou restringido em 21 estados após revogação federal pelo Supremo dos EUA*. Público.

Consultado a 15 de setembro de 2022, em <https://www.publico.pt/2022/07/02/mundo/noticia/aborto-banido-restringido-21-estados-apos-revogacao-federal-supremo-eua-2012245>

<sup>113</sup> Diário da República nº158/2021, Série I de 2021-08-16, 6-13. <https://data.dre.pt/eli/lei/57/2021/08/16/p/dre/pt/html>

ser violentadas e mortas por companheiros ou, inclusive, ex-companheiros. Os dois primeiros trimestres de 2022 registam o mesmo número de mortes por violência doméstica que o ano de 2021.<sup>114</sup> Apesar de crime público desde 2000, são necessárias mais medidas para prevenir os casos de violência e a proteção das vítimas.

Portugal está ainda sob efeito de estereótipos sociais e com necessidade de medidas eficazes para os prevenir. Na política portuguesa, o sexismo e subalternidade da mulher também ganham espaço, mas uma nova lei foi posta em prática, em 2009, de modo a introduzir mais mulheres nos lugares políticos. Não obstante, o percurso na política continua a ser um campo novo para a população feminina: em Portugal está-se “longe de alcançar a paridade de género” (Martins, 2015, p.61), com a “existência de mecanismos e de práticas discriminatórias intrapartidárias” e preconceitos contra mulheres (Martins, 2015, p.67).

Como Martins confessa, existirá sempre uma “eterna novidade do feminino na política” (2015, p.316). A democratização e feminização da política e de políticas públicas trazem novas vitórias para a igualdade de género e, por consequência de inúmeros anos sob uma sociedade extremamente patriarcal, são conquistas que alcançam novos patamares constantemente na luta pela igualdade de oportunidades e de representação.

### **2.3.2. A lei da paridade nos cargos políticos**

Como forma de contribuir para a igualdade de representação na política portuguesa, em 2006, o ex-Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, promulgou a Lei Orgânica nº3/2006: a Lei da Paridade. Esta lei introduziu, inicialmente, quotas de género nas listas candidatas a órgãos representativos (Assembleia da República, Parlamento Europeu e autarquias locais), com uma representação mínima de 33,3% de cada sexo.<sup>115</sup> Esta foi proposta e aprovada com o objetivo de promover a igualdade de

---

<sup>114</sup> No primeiro trimestre, registaram-se oito mortes por violência doméstica, sete dos quais mulheres e uma criança. No segundo trimestre, nove mulheres foram vítimas mortais deste crime. O ano de 2021 contou com um total de 23 mortes, destas 16 eram mulheres, cinco homens e duas crianças.

CIG. (2022). *Portal da Violência Doméstica*. Consultado a 15 de setembro de 2022, em <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/portal-violencia-domestica/indicadores-estatisticos/>

<sup>115</sup> Diário da República nº160/2006, Série I de 2006-08-21. <https://data.dre.pt/eli/leiorg/3/2006/p/cons/20190329/pt/html>

oportunidades e garantir a participação política das mulheres. Esta lei obrigou os partidos a debruçarem-se sobre este problema e a tomar medidas no sentido de as cumprir.

Santos (2017) refere que foi “um grande passo relativamente à promoção da igualdade de género na política”, mas que “a política continua a ser estruturada pela divisão sexual do trabalho e a ‘feminização’ ainda não é acompanhada por uma verdadeira partilha do poder entre os homens e as mulheres políticos/as”.

A lei foi revista em 2019, com a alteração da percentagem mínima de representação de mulheres para 40%<sup>116</sup>. A medida promove uma participação política mais significativa das mulheres, contribuindo para um maior equilíbrio entre a política e a sociedade.

No entanto, é apenas uma medida. A sub-representação continua a ser um problema na política: “a expressão eleitoral feminina não correspondeu à real participação das mulheres nas bancadas do hemiciclo” (Martins, 2015, p.53). As mulheres não podem servir apenas para “tapar os buracos” da Lei da Paridade, mas sim enchê-los de igual de forma que os seus colegas. Monteiro (2011) adianta até que a lei:

reclama a cedência do poder masculino nos partidos e na política, visibiliza a especificidade da situação feminina na sociedade e questiona argumentos meritocráticos (2011, p.46).

Apesar de questões feministas fazerem parte da agenda, principalmente dos últimos governos, como a legalização do aborto, os direitos humanos (e a igualdade independentemente do género, raça ou orientação sexual) ou a igualdade salarial, a mudança deve também partir de dentro da Assembleia. A Lei não obriga a que um partido tenha uma mulher num cargo, mas sim que tenha igual nível de oportunidades que um homem no mesmo partido. Apesar destes esforços, as mulheres continuam a ser uma minoria nos cargos políticos.

---

<sup>116</sup> Diário da República nº63/2019, Série I de 2019-03-29, 1767-1769.  
<https://data.dre.pt/eli/leiorg/1/2019/03/29/p/dre/pt/html>

## CAPÍTULO III: Os média, as mulheres e a política em Portugal

### 3.1. Os média e a política

Os média desempenham um papel decisivo para a construção da realidade social, e a sua linguagem “interfere na construção e na difusão de referenciais de identidades e, particularmente, nas representações convencionais de género” (Souza, 2014, p.92). Cabe aos média combater esta representação genderizada, para que a própria sociedade não o faça:

os *media* não apenas não encorajam a implementação da igualdade entre mulheres e homens, como parecem, de facto, constituir-se em mecanismos que impedem as necessárias transformações que podem conduzir a essa igualdade (Silveirinha, 2012, p.100).

Num mundo político predominantemente masculino, torna-se evidente que serão estes os que mais visibilidade mediática têm. São regra geral apresentados como sérios, competentes e profissionais. Já as mulheres tendem a ser retratadas conforme a sua aparência ou dramas familiares:

“os media continuam a produzir imagens desequilibradas e desiguais entre homens e mulheres, contribuindo para o ‘aniquilamento simbólico’” (Martins, 2015, p.73).

A constante dramatização das características físicas e emocionais das mulheres que exercem cargos políticos faz com que os seus feitos enquanto profissionais se tornem invisíveis. Estão regra geral sujeitas a um “manto da invisibilidade”.

As mulheres são representadas em relação a laços familiares em 19% das notícias, já os homens rondam os 4% (GMMP, 2021, p.9). Líderes como Assunção Cristas, ex-líder do CDS-PP e ex-deputada, Catarina Martins, líder do BE e deputada, ou Marta Temido, Ministra da Saúde, estão constantemente a ser colocadas, ou estavam, no espectro público por características como a idade (muito recorrente com a ex-ministra Manuela Ferreira Leite), a maternidade e a aparência (por usar um batom vermelho ou um decote “impróprio”).

Segundo o estudo do Global Media Monitoring Project (GMMP) de 2010, existe uma tendência para a “persistência de certos padrões na representação das mulheres nas

notícias” (Martins, 2015, p.74): as mulheres tiveram a sua idade mencionada, foram mais vezes retratadas como vítimas, identificadas pelo seu estatuto familiar (o espaço pessoal versus o espaço profissional) e ainda mais representadas visualmente nos jornais, e também mais despidas, do que os homens (GMMP, 2010, pp.12-17).

Dez anos depois, a realidade não é muito distinta. O relatório de 2020 da mesma organização mostra uma contínua visão centrada no homem e a persistência de estereótipos de género nas notícias, com “um quadro misto de progresso, estagnação e regressão” (GMMP, 2021, p.7). As mulheres tiveram, num dia de notícias, 34% de presença na cobertura informativa nacional, acima dos 28% registados no contexto europeu. Apesar destes progressos, apenas uma em cada três pessoas protagonistas em notícias eram mulheres.<sup>117</sup>

Na política, 31% das notícias tinham como fonte de informação mulheres políticas (GMMP, 2021, p.9), porém, na imprensa, rádio e televisão, apenas existia uma representação feminina de 27%, um aumento de dois pontos percentuais relativamente a 2015, no tópico da política e governo, em comparação com 73% de predomínio masculino (GMMP, 2021, p.19).<sup>118</sup> Como protagonistas neste tópico, somente se verificou uma representação de 3% de mulheres (GMMP, 2021, p.35). Com estes dados, o relatório demonstra a invisibilidade mediática das mulheres na política, em comparação com os homens.

Os meios de comunicação social tendem a identificar as mulheres políticas “como ‘mulheres’ do que como ‘políticas’” (Gallagher, 2001, pp.80-81).<sup>119</sup> O discurso noticioso ajuda à difusão de ideais estereotipados sobre mulheres com cargos políticos, quando deveria ajudar e apelar à sua desconstrução:

a representação mediática das mulheres políticas e a representação jornalística das suas iniciativas desempenham um papel importante na criação, junto do eleitorado, de perceções e atitudes favoráveis que reforçam uma praxis política mais igualitária (Baptista, 2017, p.167).

Este *gender gap* também se pode explicar pela sub-representação de mulheres jornalistas nas redações. Apesar do processo de feminização das redações, iniciado na

---

<sup>117</sup> GMMP, 2021, p.8.

<sup>118</sup> O único tópico em que a representação das mulheres está em maioria é o do “Social e Legal”, como direitos humanos ou questões sociais, com uma percentagem de 52 (GMMP, 2021, p.19).

<sup>119</sup> Tradução de “(...) by trying to situate them as ‘women’ rather than as ‘politicians’”.

década de 1980 e que prossegue até ao presente (Subtil, 2009; Subtil & Silveirinha, 2017) em termos do universo de jornalistas com carteira profissional, os homens continuam na maioria<sup>120</sup>. Também são os homens repórteres que mais conteúdo de política produzem (20%),<sup>121</sup> algo que pode influenciar a representação feminina política nos média.

A mudança destes discursos precisa de começar pelos jornalistas e outros profissionais de comunicação; com a mudança, a mulher pode passar a ser vista da mesma forma que um homem: a exercer a sua profissão. A igualdade de género apenas é possível atingir se todos na sociedade assim o concretizarem.

## **3.2. As figuras políticas femininas e a sua representação nos média portugueses**

### **3.2.1. Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004)**

Maria de Lourdes Pintasilgo (MLP), nascida em 1930, ocupou o lugar de primeira-ministra do governo provisório dos 100 dias em 1979, tendo sido a primeira mulher, e única até ao presente, a ocupar este cargo na hierarquia do Estado. Aceitou o convite do então Presidente da República General Ramalho Eanes. O Presidente propôs o seu nome a 13 de julho de 1979 e tomou posse a 1 de agosto. O seu governo, que ficou conhecido como “Governo dos 100 dias”, foi dissolvido a 3 de janeiro de 1980 (Martins, 2015, pp.123-127). Esteve como líder do Governo de Portugal durante cerca de cinco meses.

Formada em engenharia químico-industrial, dedicou-se à política e à causa feminista e católica, inclusive presidiu a Juventude Universitária Católica Feminina (1952-1956) e a Pax Romana – Movimento Internacional de Estudantes Católicos (1956 e 1958), o que lhe permitiu viajar por diversos países. Fundou o movimento internacional Graal português, para apoiar as mulheres, principalmente as mais desfavorecidas. Entra pela primeira vez na política portuguesa pela mão de outro homem, Marcello Caetano,

---

<sup>120</sup> Em Portugal, 3177 titulares de Carteira Profissional de Jornalista (em 2022) são homens, 2222 são mulheres. Predominantemente, há mais homens (968) na faixa etária dos 51 aos 60, e mais mulheres (763) dos 41-50.

Dados da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, em <https://www.ccpj.pt/media/1686/cp.pdf>

<sup>121</sup> GMMP, 2021, p.33.

para exercer mandato como deputada da Assembleia Nacional e depois como procuradora na Câmara Corporativa (Martins, 2015, pp.125-126).

Após o 25 de abril de 1974, prossegue na política, integrando os três primeiros governos provisórios, como secretária de Estado e como ministra. Acaba por presidir a Comissão da Condição Feminina (atual CIG) e, pouco depois, viajar até Paris para representar o país na UNESCO, como embaixadora, onde começa a ganhar respeito e reconhecimento internacional (Martins, 2015, p.127).

A partir do momento em que é proposta como primeira-ministra, começa a ser objeto de representação mediática. Passa a ser segunda pessoa com mais influência na hierarquia do Estado. Só no mês em que se anunciou o seu novo cargo, foi personalidade mediática de jornais impressos, nacionais e internacionais, em mais de 70 artigos (também artigos de felicitações, como telegramas e cartas de personalidades ou entidades, como a UNESCO), a maior parte de opinião. Destes mais de 50 foram em publicações internacionais.<sup>122</sup>

No dia 20 de julho de 1979, o jornal *O Diário* imprime como sua primeira página “Maria de Lurdes Pintasilgo PM indigitado”, em que é escolhida uma palavra no masculino para retratar a nova Primeira-Ministra (Martins, 2015, p.132). Apesar de a notícia se referir ao facto de ser a primeira mulher a chefiar um governo, o jornal decide não corrigir o uso de pronome masculino. Começa aqui uma longa discussão acerca do uso do masculino para se referir a primeira-ministra. Muitos defendiam que, por ser um “tempo diferente”, em que ainda não existiria a probabilidade de existência de uma mulher no cargo, o uso dos pronomes errados justificava-se, por ser algo novo e ainda não explorado pelos meios de comunicação social (Martins, 2015, p.165). Isto levou a que a masculinização da política prosseguisse.

Num Portugal renovado pela democracia era expectável que os média acompanhassem a evolução da feminização da política, no entanto *O Jornal* considerou a mudança inoportuna e, segundo Martins “a introdução do feminino criará uma ‘distinção de géneros’” (2015, p.166).

Pintasilgo, nos artigos noticiosos, nunca foi retratada de forma dura ou séria, transmitia sempre ou alegria ou calma. Muitos dos jornais optavam por retratar a

---

<sup>122</sup> Dados consultados em <https://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/Default.aspx>

Primeira-Ministra desta forma, recorrendo ao “lado feminino” da política (Martins, 2015, p.191). MLP era vista primeiro como mulher num novo cargo e não como com capacidade para preencher a vaga:

a sua singularidade política é indissociável do percurso como ativista e intelectual católica. A identidade como mulher católica é constitutiva da sua visão política, mas este subtexto é também glosado, em moldes depreciativos, na forma como é representada pública e politicamente (Martins, 2015, pp.185-186).

### **3.2.2. Manuela Ferreira Leite (1940-)**

Ao contrário de Maria de Lourdes Pintasilgo, Manuela Ferreira Leite (MFL) casou, teve filhos e é avó, o que dá aos média uma maior humanização da personalidade, apesar de esta desejar a separação de ambas as dimensões da sua vida. Licenciada em Economia, lecionou no Instituto Superior de Economia. Antes, tinha trabalhado no Centro de Estudos de Economia e Finanças da Fundação Calouste Gulbenkian (Martins, 2015, pp.243-244).

A partir da década de 80, deu início à sua vida política, primeiro como chefe de gabinete do então ministro das Finanças, Aníbal Cavaco Silva, tendo sido, em 1993, indigitada para assumir o cargo de ministra da Educação. Nesta pasta ministerial, enfrentou o desafio da contestação estudantil que pedia a diminuição de propinas no ensino superior. Começou aqui a sua fama de “dama de ferro”, por se mostrar sempre austera. Era muitas vezes comparada a Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra do Reino Unido. Enquanto deputada, presidiu a Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano. Em 2001, presidiu ainda o grupo parlamentar do PSD (Martins, 2015, pp.244-247).

Em 2002, é convidada por Durão Barroso para ministra de Estado e das Finanças do XV Governo (até 2004), tendo sido assim a primeira mulher em Portugal a assumir esse cargo. Em 2008, ganha as eleições da Comissão Política Nacional do PSD, tornando-se a primeira mulher portuguesa a liderar um partido político.

Os média retratam-na durante todo o seu percurso como ministra das Finanças como com ar antipático, cara dura e ar sério (Martins, 2015, p.254). Este cargo, ao ter sido anteriormente ocupado por homens, é associado ao sexo masculino pela necessidade de firmeza e de escolhas inteligentes, o que permitiu, de certa forma que os meios de

comunicação também a retratassem de uma forma mais masculinizada. Sem deixar de utilizar expressões que fizessem esquecer que se tratava de alguém do sexo feminino, como o uso da “intuição feminina” ou “o Cavaco de saias”, aliás como tinha ocorrido com Maria de Lourdes Pintasilgo (Martins, 2015, pp. 254-256).

Estas características permanecem durante todo o mandato como ministra, no entanto, a própria apresenta-se desta forma, talvez para continuar a distanciar a sua vida profissional da sua vida pessoal.

Como candidata a presidente do PSD um outro fator genderizado foi revelado: o da idade, que revela o *gender gap* entre políticos e políticas. De forma geral, um homem nunca é tido como “velho demais” para a política, porém, para uma mulher, já pode ser fator de exclusão (Martins, 2015, pp.262-263). Gerou-se discussão entre ser “velha de mais” para exercer a profissão, algo não questionado aos colegas homens, e entre ser “antiga” de ideias, tendo sido comparada a Passos Coelho (novo de idade e de ideias) (Martins, 2015, pp.263-266).

Os média representaram-na com base na sua maternidade (mais precisamente, como avó) durante a campanha para as eleições do PSD, porque a humanizava como mulher na política. Assiste-se a mais um caso de genderização da política, em que se procura as características denominadas como femininas para aproximar uma candidata do público (Martins, 2015, p.270).

### **3.2.3. Assunção Cristas (1974-)**

Assunção Cristas nasceu em Luanda, mas cedo se mudou para Portugal. Licenciou-se e doutorou-se em Direito, em Lisboa. Em 2002, entrou no mundo da política enquanto diretora do Gabinete de Política Legislativa e Planeamento do Ministério da Justiça. Em 2005, abandonou a política para iniciar uma carreira académica. Regressou à vida política em 2009 como deputada na Assembleia da República pelo CDS, onde se manteve até 2011; de 2011 a 2015, liderou o Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território, que, em 2013, passa a Ministério da Agricultura e Mar. Em 2016, torna-se a primeira presidente do partido CDS-PP.<sup>123</sup>

---

<sup>123</sup> Dados biográficos consultados a 17 de setembro de 2022, em <https://novalaw.unl.pt/assuncao-cristas/>

Em 2011 e 2016, continuou-se a alcançar vitórias históricas ao Assunção Cristas se tornar a primeira mulher como ministra da Agricultura e do Mar e a primeira mulher como presidente do CDS. Mediatizada como “a mãe” e “a católica”, Cristas acabou mesmo por tornar essas características suas, apresentando-se dessa forma nos média.

Tanto como antes de preencher o cargo de ministra como durante o mandato, as imagens escolhidas nos média espalham o sentido de alegria.<sup>124</sup> Raras são as expressões mais sérias<sup>125</sup>, que expressam uma maior rigidez própria do cargo. Assunção Cristas assume sempre a sua posição como mulher na política, afirmando, aliás, que não tem medo de tomar decisões, acabando por ser capa da *Revista Única*, a 2 de julho de 2011,<sup>126</sup> onde se apresenta com cuidado físico e visual, mas com enxada e luvas na mão. Concilia a feminilidade com a profissão, não deixando espaço para a construção de diferentes narrativas mediáticas.

No entanto, a sua vida privada foi constantemente invadida. As entrevistas realizadas tinham sempre alguma questão acerca da vida familiar, o que não acontecia, nem acontece, pelo menos com tanta frequência, com um político. Inclusive, em 2013, engravidou, ainda como ministra, o que levou a que os meios de comunicação a interrogassem sobre o que “iria fazer”.<sup>127</sup> Quando os homens são pais, essa questão nunca lhes é dirigida. Continua a manter-se o pressuposto que é a mulher que fica em casa com o filho e que a sua vida profissional fica em pausa (ou em causa). É o fator da maternidade na política.

---

<sup>124</sup> De exemplo, foram publicados os seguintes artigos:

Almeida, S. J. & Rodrigues, S. (2016). *Assunção Cristas admite Governo com PSD e PS sem Costa*. Público.

Consultado a 17 de setembro de 2022, em <https://www.publico.pt/2016/02/28/politica/entrevista/cristas-admite-governo-com-psd-e-ps-sem-costa-1724526>

Oliveira, O. L. & Marcelino, V. (2016). *Oficial. Assunção Cristas é a nova presidente do CDS*. Diário de Notícias. Consultado a 17 de setembro de 2022, em <https://www.dn.pt/portugal/oficial-assuncao-cristas-e-a-nova-presidente-do-cds-5074882.html>

<sup>125</sup> Como demonstra o artigo:

Rodrigues, S. (2016). *Assunção Cristas promove crítico de Portas*. Público. Consultado a 17 de setembro de 2022, em <https://www.publico.pt/2016/03/13/politica/noticia/assuncao-cristas-promove-critico-de-portas-1726000>

<sup>126</sup> Cardoso, J. (2011). *Assunção Cristas na capa da Única nº2018*. Expresso. Consultado a 17 de setembro de 2022, em <https://expresso.pt/sociedade/assuncao-cristas-na-cap-a-da-unica-n-2018=f658520>

<sup>127</sup> Henriques, J. P. (2013). *Pela primeira vez, uma ministra grávida*. Diário de Notícias. Consultado a 17 de setembro de 2022, em <https://www.dn.pt/politica/pela-primeira-vez-uma-ministra-gravida-2979676.html>

Na representação mediática, Assunção Cristas ficou, por vezes, “diminuída” à condição de mãe e esposa, e não aos seus feitos políticos. Quando, por vontade da própria, os meios de comunicação social portugueses deveriam ter acentuado ambas as condições.

Estas três figuras são o protótipo da representação das mulheres na política portuguesa nos média. As mulheres continuam num estado de subalternidade, num mundo predominantemente masculino, que não inclui o feminino de igual forma. A sub-representação feminina continua a marcar presença na política e nos média. Cabe aos meios de comunicação e às entidades responsáveis ajudar a transformar esse panorama.

## **CAPÍTULO IV: Análise da presença das mulheres portuguesas com cargos políticos no Correio da Manhã (março a junho de 2022)**

### **4.1. Objetivos e questões de partida**

A investigação presente tem por objetivo contribuir para uma reflexão sobre a representação mediática de mulheres portuguesas com cargos políticos, analisando as notícias que sobre elas foram publicadas no *CM*, através da análise dos jornais impressos.

Tendo por base a pesquisa exploratória realizada, o estudo propõe-se a responder à seguinte questão de partida:

1. *Em que medida a representação mediática da política tende a ser genderizada nas peças?*

A esta questão juntam-se um conjunto de interrogações complementares:

2. *Quantos homens políticos são retratados? Quantas mulheres políticas são retratadas?*
3. *Quantas peças jornalísticas sobre política aparecem no Correio da Manhã?*
4. *Que tipo de voz é utilizada para citar o(s) protagonista(s)?*
5. *Aparecem outras personagens políticas portuguesas que não o(s) protagonista(s)?*

### **4.2. Estratégia metodológica e a apresentação do *corpus* de análise**

De forma a responder às perguntas de investigação, adotou-se como estratégia metodológica a pesquisa documental e não documental.

Primeiramente, quanto à pesquisa documental, procedeu-se à leitura e análise crítica de literatura, em áreas de interesse como os estudos feministas, a política, as mulheres e a política, o feminino, a história feminista portuguesa e internacional, etc. Esta leitura e análise de literatura desenrolaram-se ao longo dos capítulos de enquadramento teórico do presente trabalho. De seguida, utilizou-se a análise de conteúdo temática, que

partiu da perspectiva de análise quantitativa. Quanto à pesquisa não documental, optou-se pelo método de observação-participante, pelo envolvimento na redação do *CM*, como jornalista estagiária, durante os três meses de estágio curricular.

A análise de conteúdo temática, através de uma análise quantitativa, caracteriza-se pelo maior objetivismo e atenção ao detalhe na recolha e análise de dados (Berger, 2016, p.400). O investigador vê o objeto de estudo apenas como observador não-participante, sem interagir com os sujeitos de análise, como refere Bryman (2004):

O pesquisador quantitativo adota a postura de um observador de fora num mundo social. Ele ou ela aplica uma estrutura pré-estabelecida sobre os sujeitos que estão a ser investigados e está envolvido o mínimo possível nesse mundo (p.96).<sup>128</sup>

Analisar conteúdos dos jornais impressos, permitiu-me ter acesso a conteúdos exclusivos, apenas disponíveis *online* com a assinatura mensal, para além de permitir o acesso a todas as secções de forma mais eficaz com um simples folhear de páginas. O impresso permite ainda perceber que artigos noticiosos têm maior nível de importância para o leitor e para o jornalista, através da página em que estão inseridos ou o espaço que ocupam nas páginas. Outro ponto tido em consideração foi o facto de o jornal impresso ser um dos jornais mais lidos em Portugal; como analisado no capítulo de caracterização de estágio, o *CM* ocupa o segundo lugar no *ranking* de diários generalistas impressos mais vendidos no país entre janeiro e março de 2022. De acordo com informação do jornal de 3 de junho de 2022, em maio o jornal contou com uma tiragem média diária de 73 950 jornais.

O *corpus* de análise é constituído por 366 peças jornalísticas. Estas encontram-se divididas por 64 jornais, da edição nº 15593 (7 de março de 2022) à edição nº 15680 (3 de junho de 2022), excluindo as edições de fim de semana e de feriados. O feriado 25 de abril foi analisado devido ao seu conteúdo político, pertinente para a análise. Estas edições correspondem ao período de estágio curricular de três meses no *CM online*.

Nestas 64 edições, selecionaram-se os artigos que diziam respeito a peças com protagonistas com cargos políticos ativos na Assembleia da República, incluindo o Presidente da República, visto serem os dois órgãos de soberania eleitos pelos eleitores.

---

<sup>128</sup> Tradução da citação “The quantitative researcher adopts the posture of an outsider looking in on the social world. He or she applies a pre-ordained framework on the subjects being investigated and is involved as little as possible in that world”.

Como o Governo está sob alçada da Assembleia, os seus membros (Primeiro-Ministro, Ministros e Secretários de Estado) também se consideraram na pesquisa. Em janeiro de 2022, Portugal votou nas eleições legislativas, depois da dissolução do Parlamento em dezembro de 2021, tendo sido imposta a XV Legislatura e o XXIII Governo Constitucional. No entanto, como o novo Governo apenas tomou posse a 30 de março, a análise de 7 a 29 de março incide em protagonistas da XIV Legislatura e do XXII Governo Constitucional e de 30 de março a 3 de junho, o Governo e Parlamento atual.<sup>129</sup> Assim, não se consideram como protagonistas na análise partidos políticos sem assento parlamentar ou ex-políticos.

Todos os géneros jornalísticos (notícia, breve, reportagem, perfil, entrevista, artigo de opinião, nota editorial e infografia) foram considerados na análise, assim como as diversas secções (“Atualidade”, “Especial”, “Portugal”, “Sociedade”, “Economia”, “Política”, “Desporto”, “Cultura & Espetáculos”, “Televisão & Media”, “Vidas” e outras).

Durante a análise dos jornais, uma série de decisões foram tomadas em relação ao tipo de conteúdo que seria analisado, assim como ao tipo de protagonistas. Para uma análise mais eficiente, decidiu-se que apenas peças jornalísticas do corpo de texto dos jornais seriam analisadas, isto é, qualquer tipo de peça depois do *banner*. O *banner* nos jornais do *CM* têm pequenas informações noticiosas acerca dos temas principais do corpo de texto, podendo ter ou não uma pequena imagem a acompanhar, como é de exemplo o Anexo 3, mas apenas partilha pequenos detalhes, não se verificando por isso relevante para a pesquisa. Também no mesmo local é diversas vezes utilizada a categoria “Sobe/Desce” que apenas classifica a popularidade de um personagem, não se verificando conteúdo noticioso nesta, mesmo que classifique figuras políticas (ver Anexo 3).

Nem todas as peças noticiosas com políticos destes Governos ou Parlamentos são protagonistas: não se considera parte da análise artigos que não coloquem políticos como protagonistas (ou que apenas mencionem nomes sem protagonismo) ou artigos com imagens de políticos sem ter protagonistas no texto, por não deter relevância para o estudo.

Assim, procedeu-se à construção de um quadro de análise com dimensões e variáveis no *Excel*. Foram selecionadas todas as peças noticiosas que preenchessem os

---

<sup>129</sup> As alterações nos cargos políticos depois de 3 de junho de 2022 não foram tidas em conta na análise.

parâmetros anteriores, tendo totalizado 366 peças jornalísticas (Gráfico 1) com protagonistas políticos portugueses.

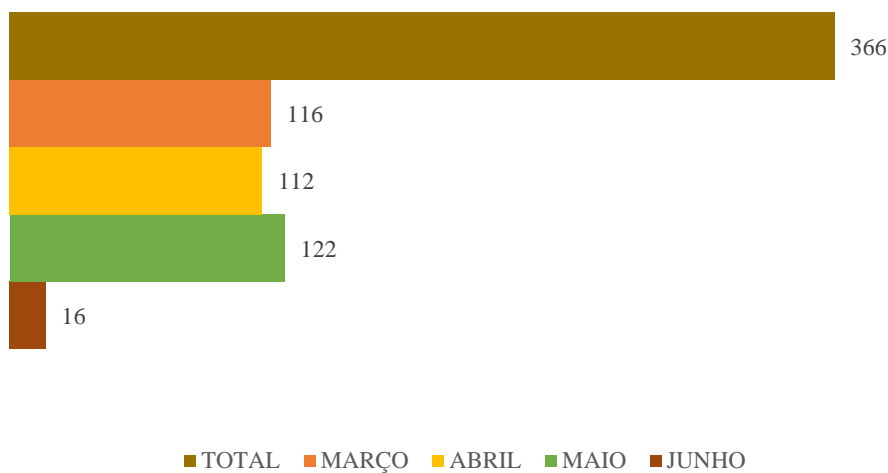


Gráfico 1. Total de peças jornalísticas analisadas entre março e abril de 2022.

O mês de maio foi o mês com mais jornais analisados, estando contabilizados 22 jornais (34%) (Gráfico 2), não obstante os meses de março e abril têm valores muito próximos ao de maio, com 30% e 31% respetivamente.

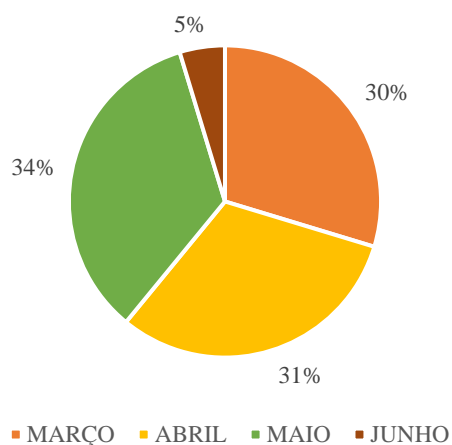


Gráfico 2. Quantidade de jornais analisados do Correio da Manhã, entre março e junho de 2022.

### 4.3. Apresentação e discussão dos resultados

As dimensões de análise dividiram as variáveis de modo a analisar todas as peças com vários pormenores e conseguir cruzar informações importantes para a investigação. Optou-se por analisar as seguintes dimensões: estrutural, textual e de imagem. Cada uma das dimensões tem diversas variáveis, e algumas com sub-variáveis, como é possível verificar na grelha de análise (Tabela 1 a 3) utilizada na investigação:

<b>Dimensão estrutural</b>		
<b>Data das peças</b>	Dia	1 a 31
	Mês	3 a 6
	Ano	2022
<b>Jornal</b>	Correio da Manhã	
<b>Posicionamento da peça no jornal</b>	Capa/Manchete	Segunda página
	Capa/Destaque	Quarta/Quinta página
	Capa/Coluna	Meio do jornal
	Capa/Banner	Contracapa
		Outra
<b>Dimensão da peça</b>	1/3 da página	
	Meia página	
	Página inteira	
	Coluna	
	2 ou mais páginas	
<b>Secção</b>	Atualidade	
	Portugal	
	Especial	
	Sociedade	
	Economia	
	Política	
	Cultura & Espetáculos	
	Televisão & Media	
	Vidas	
	Outra	

<b>Género jornalístico</b>	Notícia Breve Reportagem Perfil Entrevista Artigo de opinião Nota editorial Infografia
----------------------------	---

Tabela 1. Grelha de análise: Dimensão estrutural.

<b>Dimensão textual</b>	
<b>Origem da peça</b>	Nacional Internacional
<b>Sexo do(s) protagonista(s)</b>	Feminino Masculino Outro
<b>Atributo profissional do(s) protagonista(s)</b>	Deputada(o) Deputada(o) das Regiões Autónomas Eurodeputada(o) Ministra(o) Secretária(o) de Estado Primeiro-Ministro Presidente da República Presidente da Assembleia da República Presidentes dos Governos Regionais Presidentes das Assembleias das Regiões Autónomas
<b>Tema da peça</b>	Pandemia Covid-19 Saúde Política Educação Guerra Internacional Outro

<b>Voz</b>	Sem citações Protagonista(s) Grupos ou associações Família/amigos Autoridades oficiais Colegas de trabalho Fontes oficiais
<b>Posição em que fica o cargo no texto</b>	Antes do nome Depois do nome
<b>Peça descreve um evento ou apenas um tema específico</b>	Evento (diversos temas) Tema específico
<b>Número de protagonistas políticos portugueses</b>	Um Dois ou mais
<b>Em peças com um protagonista, são mencionados outros nomes de políticos portugueses?</b>	Sim Não
<b>São mencionados familiares/amigos do(s) protagonista(s)?</b>	Sim Não

Tabela 2. Grelha de análise: Dimensão textual.

<b>Dimensão de imagem</b>	
<b>Imagem</b>	Sim Não
<b>Se tem imagem, quantas são usadas?</b>	Uma Duas Três Quatro ou mais

<b>Se tem imagem, o que retrata?</b>	<p>Ilustração</p> <p>Fotografia genérica</p> <p>Retrata protagonista(s) políticos</p> <p>Retrata outro(s) sujeito(s) político(s)</p> <p>Retrata sujeito(s) comuns ou não-político(s) portugueses(es)</p>
<b>Quem é retratado nas fotografias quando retrata o(s) protagonista(s)?</b>	<p>Apenas o protagonista</p> <p>Dois ou vários protagonistas</p> <p>Protagonista e outro(s) sujeito(s)</p> <p>Apenas um dos protagonistas</p> <p>Protagonista(s) e outro(s) sujeito(s) políticos</p> <p>Protagonista(s) e fotografias genéricas</p>
<b>Localização da imagem</b>	<p>Espaço público</p> <p>Instituições de saúde</p> <p>Parlamento</p> <p>Instituições de educação/científicas</p> <p>Instituições militares</p> <p>Banco de Portugal</p> <p>Instituições culturais</p> <p>Instituições políticas</p> <p>Outras</p> <p>Não identificável</p>
<b>Aspeto das personagens</b>	<p>Atenta(o)</p> <p>Defensiva(o)</p> <p>Descontraída(o)</p> <p>Sorridente/Feliz</p> <p>Rude</p> <p>Séria(o)</p> <p>Incrédula(o)</p> <p>Acusador(a)</p> <p>Neutra(o)</p> <p>Chateada(o)</p>

<b>Tipo de ação das personagens</b>	Posar para a foto
	Quotidiano
	Socializar
	Diálogo/Discurso
	Ripostar
	Sem ação

Tabela 3. Grelha de análise: Dimensão de imagem.

Outro aspeto que importa apontar é o da análise de imagem: as peças com mais de duas imagens apenas são analisadas em mais detalhe quando retratam o(s) protagonista(s) da peça, se retratar sujeitos comuns ou sujeitos políticos não protagonistas, o aspeto e o tipo de ação não é analisado.

Como o processo de investigação recaiu sobre diversas peças, o método mais eficaz para identificar notícias por edição de jornal foi pelo seguinte quadro (Tabela 4) com a identificação de “Notícia n<sup>o</sup>” ao invés da utilização de títulos que seriam extensivos para este trabalho. Assim, foi utilizado como parte da grelha de análise no *Excel*:

<b>MÊS/ VARIÁVEIS</b>		<b>VARIÁVEIS</b>
<b>DATA</b>	<b>Notícia 1</b>	
	<b>Notícia 2</b>	
	<b>Notícia 3</b>	
	<b>Notícia 4</b>	
	<b>Notícia 5</b>	

Tabela 4. Grelha de análise: Divisão do estudo por dia/jornal e peças jornalísticas.

Como a metodologia detalhou, será realizada a apresentação dos resultados decorrentes da análise de 366 peças jornalísticas. Os artigos foram pré-selecionados a partir da análise do título, superlead, imagens e, claro, conteúdo do corpo de texto, de modo a identificar os possíveis protagonistas, desde que pertencentes à categoria de político com cargo na Assembleia da República ou no Governo Constitucional, não excluindo o chefe de Estado.

### 4.3.1. Dimensão estrutural

Seguindo as dimensões e as variáveis apresentadas anteriormente, começamos por observar a dimensão estrutural, visto retratar o jornal e as respectivas peças jornalísticas escolhidas para a análise. A primeira impressão do leitor, e até, eventualmente, a razão pela compra da edição diária, é a capa do jornal. Das 366 peças jornalísticas selecionadas e analisadas, apenas 49 integravam a capa, como se observa no Gráfico 3.

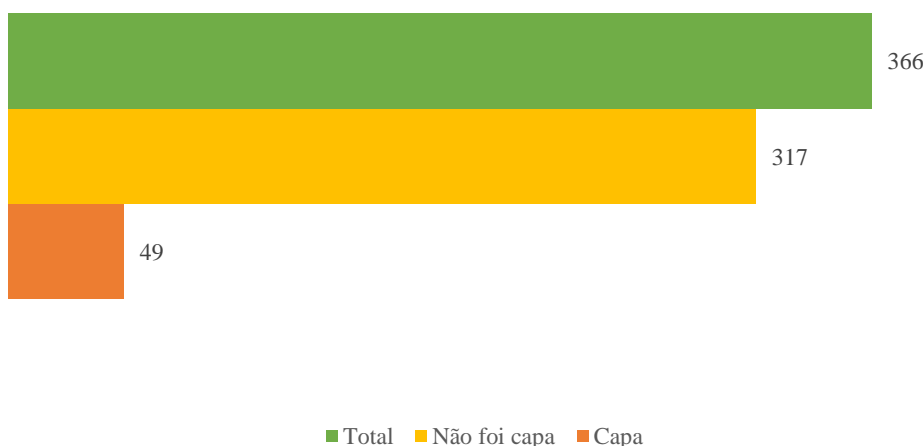


Gráfico 3. Total de peças jornalísticas analisadas entre março e abril de 2022, com distinção de peças com lugar na capa do jornal.

A invasão da Ucrânia pela Rússia do presidente Vladimir Putin em fevereiro de 2022 e o contínuo massacre do território e população no decorrer do ano tomaram conta da atenção dos média internacionais e nacionais, incluindo do *CM*, acabando por ser objeto de maior parte das capas dos jornais ao longo dos três meses de estágio. Isto acabou por “roubar”, de alguma forma, a atenção a outros temas.

Os temas sobre personagens políticas foram, quando publicadas na capa, colocadas em colunas, muitas depois da manchete e destaque, diminuindo a sua relevância para o leitor. Em 14% de peças publicadas na capa, o valor mais alto de 9% foi o da publicação em colunas na primeira página (Gráfico 4).

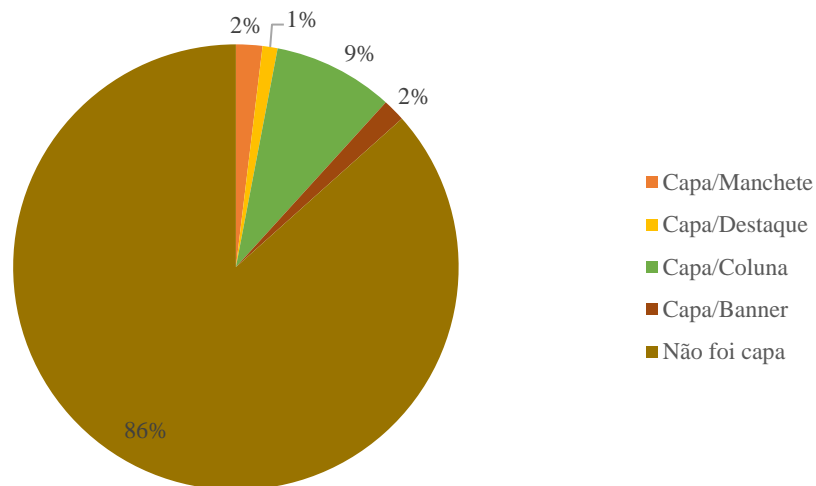


Gráfico 4. Peças publicadas na capa.

As páginas em que as peças estão publicadas aumenta ou diminui o nível de interesse do leitor. As variáveis escolhidas para classificar as páginas foram as seguintes: “Segunda página”, “Quarta/quinta página”, “Meio do jornal”, “Contracapa” e “Outro”. A decisão de escolha destes parâmetros baseou-se na observação, escolha e vivência pessoal ocorrida durante o estágio, e do tempo que colegas jornalistas despendiam à leitura do jornal. As páginas designadas por “outro” vão desde a página seis até ao meio do jornal (que se dedica exclusivamente a peças especiais entre as páginas 24-26), e desde a página 27 até à penúltima página de fecho. 78% das peças localizam-se na variável “outro”, que é revelador do desinteresse pela política portuguesa, tantos pelos jornalistas como pelos leitores (Gráfico 5). De 366 peças, apenas 28 se localizam entre a segunda e a quinta página (Gráfico 5).

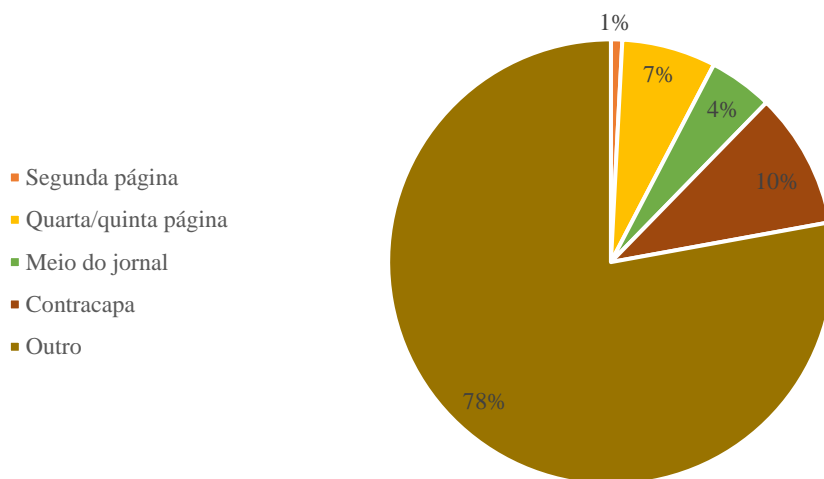


Gráfico 5. Localização das páginas das peças.

Com a apresentação e discussão do “posicionamento da peça”, segue-se as próximas variáveis: “dimensão da peça”, “secção” e “género jornalístico”. Das várias secções do jornal impresso, apenas a de “Desporto” não contou com peças com protagonistas políticos portugueses, mas foi a de “Política” que se destacou com 133 peças publicadas, seguida da secção “Atualidade” com 111, e “Outra” com 41 peças (Gráfico 6).

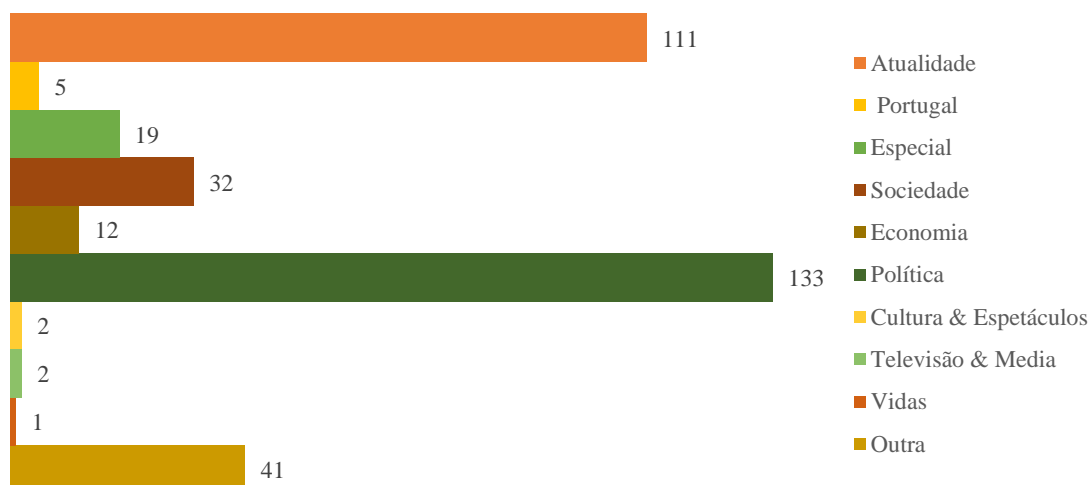


Gráfico 6. Secção das peças.

Apesar de a “Atualidade” ser a primeira secção do jornal que o leitor pode ler, as peças que têm como objeto a política estão, a maioria das vezes, concentradas na sua secção específica (“Política”). No entanto, a exceção foi o período de tomada de posse do Governo (de 23 de março a 31 de março), onde as notícias surgiram na secção na “Atualidade” (Gráfico 7). Durante este curto espaço de tempo foram selecionadas 51 peças jornalísticas, sendo que 45 pertenciam à “Atualidade” e à “Política”, com ênfase nas 34 peças publicadas na primeira secção.

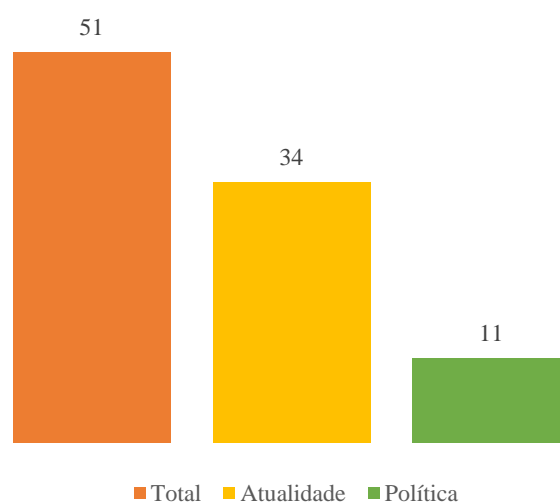


Gráfico 7. Quantidade de notícias analisadas de 23 a 31 de março de 2022, com incidência nas secções "Atualidade" e "Política".

Durante este período específico, pode-se mencionar a análise da capa da edição de 24 de março, que, em letras miúdas, mas indispensável para a manchete do dia “Marcelo furioso com António Costa”, informa o público do seguinte: “Medina nas Finanças. Mulher lidera Defesa. João Costa na Educação” (ver Anexo 4). O autor decidiu comunicar novos rostos no Governo que viria a tomar posse em poucos dias, contudo, e apesar de mencionar os nomes dos ministros (homens) das Finanças e da Educação, o nome da nova ministra foi deixado de fora. Helena Carreiras, primeira mulher a tomar posse como ministra do Ministério da Defesa Nacional, viu o seu nome apagado ao lado de homens: todos são novos ministros, mas apenas uma não teve nome reconhecido como os seus iguais.

Ainda mais, importa recordar que esta investigação teve como um dos pré-requisitos a análise de sete géneros jornalísticos distintos, relembrando: notícia, breve,

reportagem, perfil, entrevista, artigo de opinião, nota editorial e infografia. O *Correio da Manhã* aposta na redação de notícias, breves, artigos de opinião e de notas editoriais. Note que não há qualquer peça jornalística que tenha por género a reportagem, o perfil ou a entrevista. As breves, enquanto género jornalístico, dominam a análise com 57% de peças publicadas, seguidas da notícia com 36% (Gráfico 8). Os artigos de opinião (4%) e as notas editoriais (3%) são residuais (Gráfico 8).

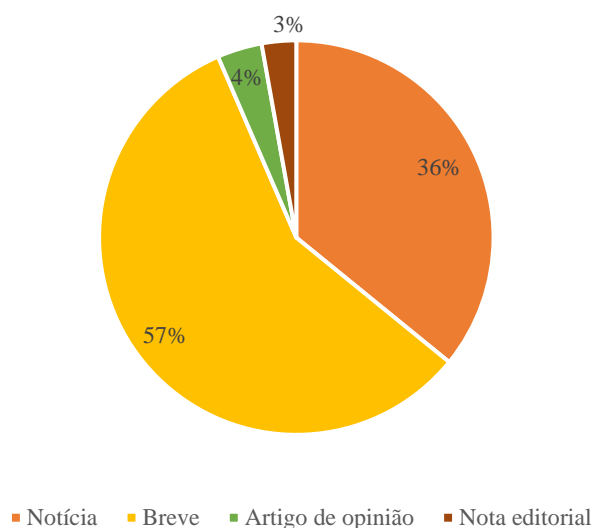


Gráfico 8. Géneros jornalísticos analisados.

Explica-se a preferência pela redação de breves ainda pela dimensão das peças a que se assistiu (Gráfico 9), tendo os jornalistas optado pela informação em forma de coluna. Este tipo de género jornalístico permite que o leitor retenha um período maior de atenção do que acontece nas notícias, por serem mais longas. 235 peças foram escritas em coluna, enquanto as peças de maior dimensão, como as de mais de uma página, se afastam bastante deste número, com a redação de 41 peças de uma página, 19 de página e meia, e 7 de duas ou mais páginas (Gráfico 9).

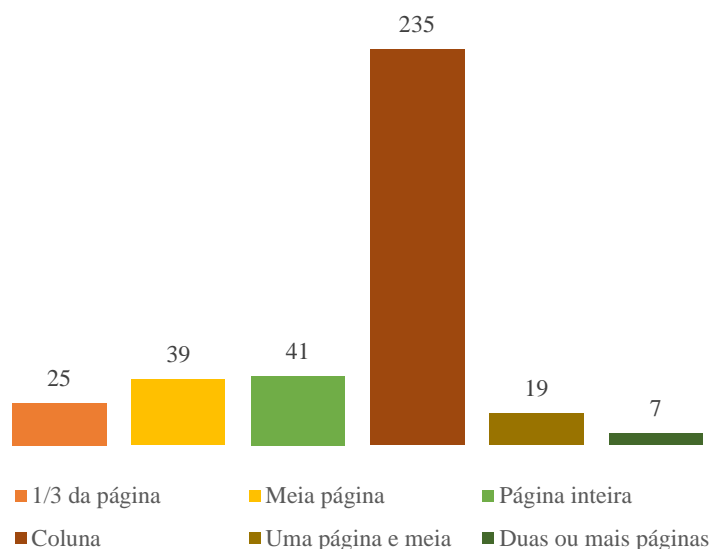


Gráfico 9. Dimensão das peças jornalísticas.

Uma outra estratégia, para além da escrita curta e direta, para atrair o leitor é a aposta nas imagens, que veremos mais à frente, e o uso de infografias, que podemos designar também de género jornalístico por providenciar informações ao público, de forma mais interativa, com imagens e/ou gráficos. Tal técnica foi utilizada em peças sobre a nova composição do XXIII Governo (por exemplo, a edição de 24 de março, nas páginas 4 e 5). Porém, apenas 5% das peças seleccionadas utilizaram infografias para informar o público (Gráfico 10). Não obstante, é notório o uso destas em notícias, para complementar a informação, visto que de 20 infografias, apenas uma foi utilizada numa peça de teor curto (Gráfico 11).

#### AS PEÇAS TÊM INFOGRAFIAS?

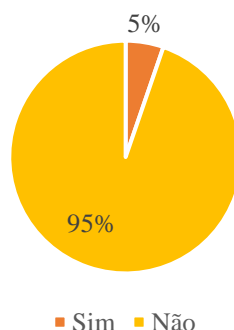


Gráfico 10. Peças com infografias.

## QUE PEÇAS TÊM INFOGRAFIAS?

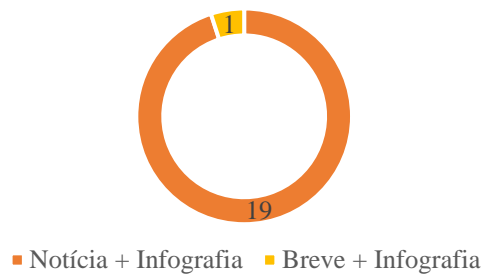


Gráfico 11. Gêneros jornalísticos com infografias.

### 4.3.2. Dimensão textual

Analisemos agora a dimensão textual. Aqui a análise permitiu-nos recolher informação sobre a origem da peça, do tema da peça, da descrição de um evento ou tema específico e a voz utilizada em texto. Dá-nos ainda informação relativa aos protagonistas políticos, os principais impulsionadores desta pesquisa, ao fornecer dados quantitativos acerca da sua identidade, cargo político, amigos, familiares e colegas, e entre outras variáveis.

Começamos pela origem das peças publicadas, que foram classificadas como “Nacional” ou “Internacional”, dependendo do local que a peça descreva, como exemplo qualquer presença no Parlamento português ou a ida do Presidente da República a Maputo (publicada a 21 de março, ocupando a página 30), respetivamente. Em 366 peças, 97% tiveram como local de notícia o território nacional, continental ou ilhas (Gráfico 12).

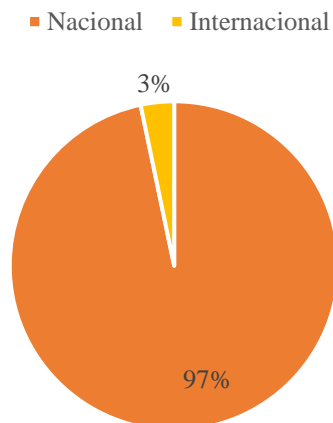


Gráfico 12. Origem das peças jornalísticas.

As peças são também analisadas a partir do tema que apresentam. Quase metade das peças (45%) se inserem no tema “Política” (Gráfico 13), indo de acordo à posição que a própria secção pontuou anteriormente. O segundo tema em que outra grande fatia de artigos se insere é em “Outro”, que pode descrever os mais diversos assuntos, como a economia, a cultura ou assuntos da vida pessoal do protagonista, assim este caracteriza 38% das peças (Gráfico 13). Apesar de se ter verificado durante o estágio curricular a opção constante por artigos sobre a Guerra na Ucrânia, só 7% das peças com protagonistas políticos portugueses se inseriram no tema “Guerra” (Gráfico 13).

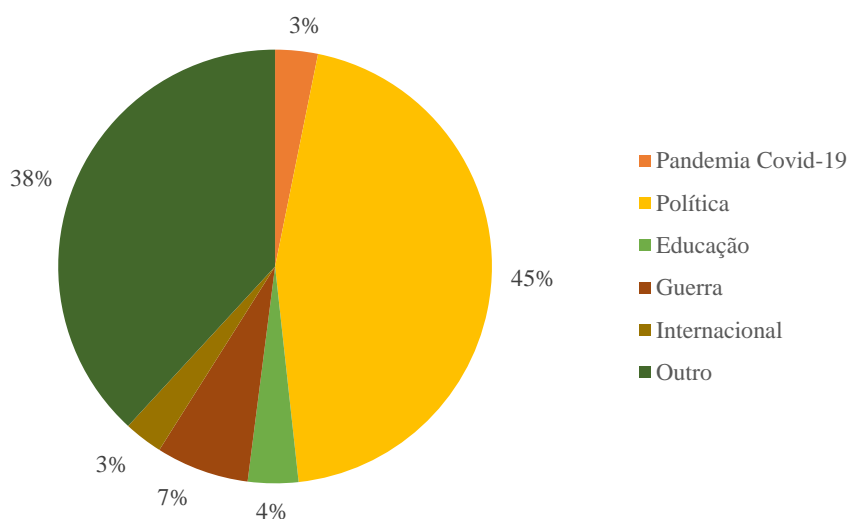


Gráfico 13. Temas das peças analisadas.

Complementar a esta variável, verificou-se que as peças se podiam inserir em “Evento (diversos temas)” e “Tema específico”. A primeira opção foi tida em conta nesta investigação pela frequência de reuniões de Conselhos de Ministros, por exemplo, onde diversos temas são discutidos. Estes podem ser objeto de artigos noticiosos pela sua diversidade de temas, porém, verificou-se que os jornalistas preferiram concentrar-se num único tema por peça, com os 99% do Gráfico 14.

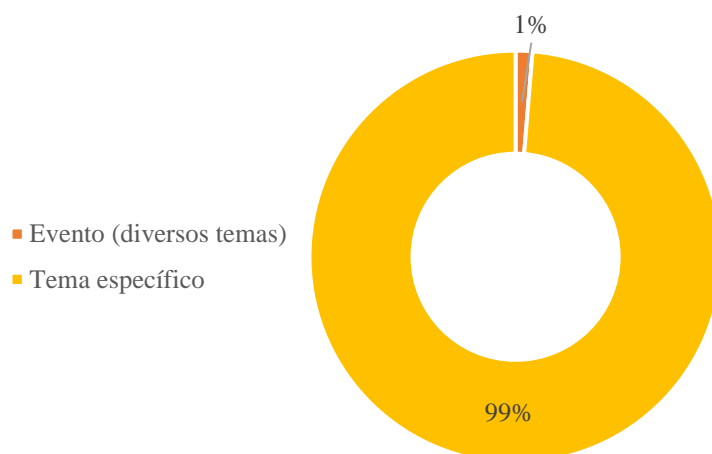


Gráfico 14. Peças retrataram eventos ou temas específicos.

Num artigo noticioso, existe sempre uma voz textual. Essa voz pode ser em forma da voz do(s) protagonista(s), de grupos ou associações, de família ou amigos, de fontes oficiais, de colegas de trabalho, de autoridades oficiais ou, até, não ter voz direta (“Sem citações”). Claramente, como se verificou noutras variáveis também esta não recorre a todos os parâmetros possíveis de análise, ao não ter qualquer voz de grupos, familiares, autoridades ou colegas de trabalho acerca do(s) protagonista(s). Não obstante, como consta no Gráfico 15, a voz mais lida foi a dos próprios protagonistas (57%), seguida da voz “sem citações” diretas dos personagens (42%). As fontes oficiais, apesar de importantes para o meio político para, a título de exemplo, divulgações, apenas foram usadas em quatro peças distintas (Gráfico 15).

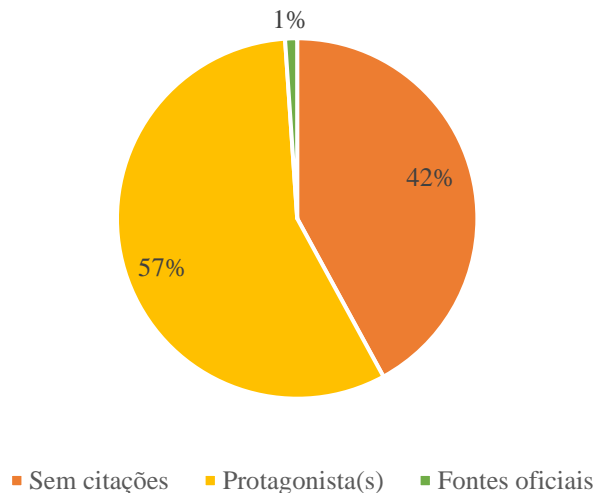


Gráfico 15. Voz nas peças analisadas.

O uso da voz do protagonista aproxima o leitor da informação, torna o artigo mais humano e real. Porém, existir, nas peças, citações indiretas por parte dos protagonistas não lhes retira esse possível efeito, pois a sua voz continua de certa forma presente através do discurso indireto das suas ações.

A segunda parte da análise da dimensão textual, prende-se nos protagonistas. Apesar do Governo, desde 2015, apostar mais na meta para atingir paridade no mundo político através da variedade de género e raça na composição dos vários Governos e, pela primeira vez, existirem mais ministras que ministros (antes da saída da ministra da Saúde, Marta Temido), a representatividade nos média não acompanha a evolução de igual forma.

A análise resultou numa amostra de protagonistas que não chega nem perto da paridade que o jornalismo deveria alcançar ao representar figuras políticas. Apenas 27% dos protagonistas são do sexo feminino (Gráfico 16).

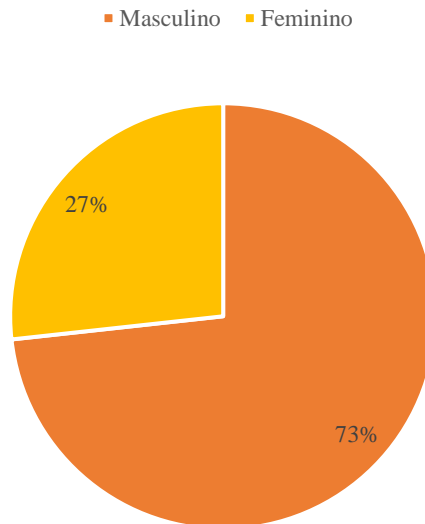


Gráfico 16. Sexo dos protagonistas.

Deste total, analisa-se ainda o número de protagonistas nas peças. 90% das peças têm um protagonista, e os restantes 10% (38 peças) têm dois ou mais protagonistas (Gráfico 17).

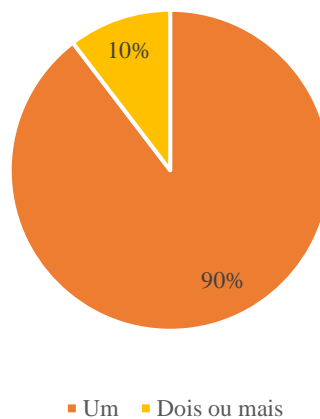


Gráfico 17. Número de protagonistas.

Quando se afigura mais de um protagonista, 53% são ambos homens (Gráfico 18). Das 47% das mulheres que partilham o pódio noticioso, 39% partilha-o com o sexo oposto (Gráfico 18). Em 38 peças, 18 partilham o protagonismo entre mulheres e homens ou entre mulheres (Gráfico 18).

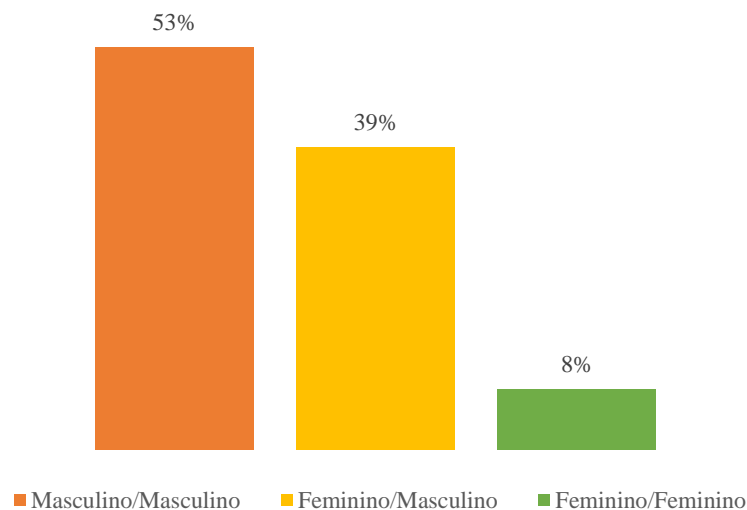


Gráfico 18. Partilha de protagonismo por sexo.

Outra grande variável presente neste estudo, é a de “Atributo profissional do(s) protagonista(s)”, que permite identificar os cargos políticos detidos pelos protagonistas das peças analisadas, para além de permitir identificar, com cruzamento de dados, como as mulheres são representadas. Os protagonistas com cargos de liderança de ministérios são os com mais representação nesta amostragem, com 38% da totalidade das peças (Gráfico 19). De seguida, os 20% são atribuídos ao cargo de deputado (Gráfico 19). Ambos os dados correspondem à realidade da política, em que são os detentores destes cargos que mais presença detêm nos espaços mediáticos e públicos, assim como o Presidente da República, que contou com uma representação de 17% (Gráfico 19). Na análise também foram incluídos políticos das Regiões Autónomas portuguesas e os eurodeputados, no entanto, não existe um grande grau de representatividade destes no *Correio da Manhã* durante o período analisado: representação de 1% de deputados das Regiões Autónomas, de igual valor de Presidentes dos Governos das mesmas e de eurodeputados (Gráfico 19).

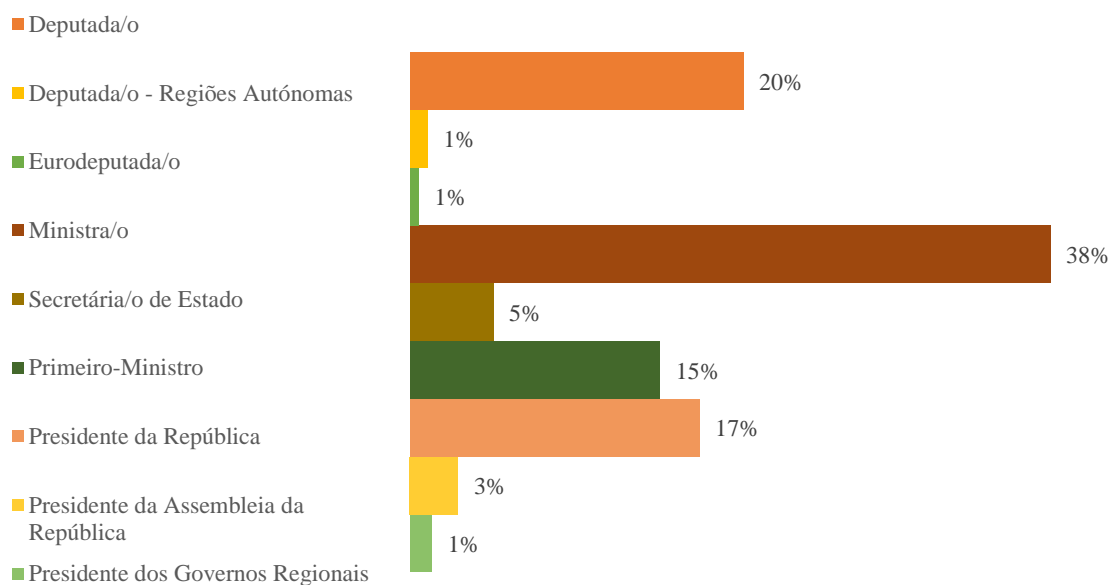


Gráfico 19. Atributos profissionais dos protagonistas.

Das mulheres representadas, 61% ocuparam ou ocupam o lugar de ministra (Gráfico 20) de um total de 27% mulheres analisadas (Gráfico 16). Seguem-se as mulheres que ocupam cargos de deputadas na Assembleia da República (33%) e uma representação mínima de 6% de secretárias de Estado (Gráfico 20). A maior percentagem de representação de ministras explica-se, como foi explicitado previamente, por o Governo atual deter mais mulheres em cargos de ministras que homens.<sup>130</sup>

<sup>130</sup> Marta Temido, ministra da Saúde, abandonou a pasta ministerial só depois do fim do período de análise das peças.

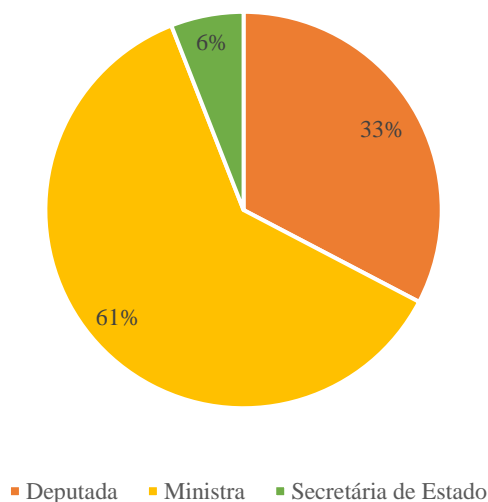


Gráfico 20. Representação de mulheres analisadas a partir de atribuição profissional.

No corpo de texto, os autores das peças têm por hábito referir o cargo profissional político antes de mencionarem o nome do profissional, de modo a introduzir e a clarificar a importância do cargo atribuído aos protagonistas. Assim, 69% das peças têm o cargo profissional posicionado antes do nome do protagonista (Gráfico 21). O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e o Primeiro-Ministro, António Costa, são diversas vezes apresentados pelo nome próprio, devido à proximidade que têm junto da população.

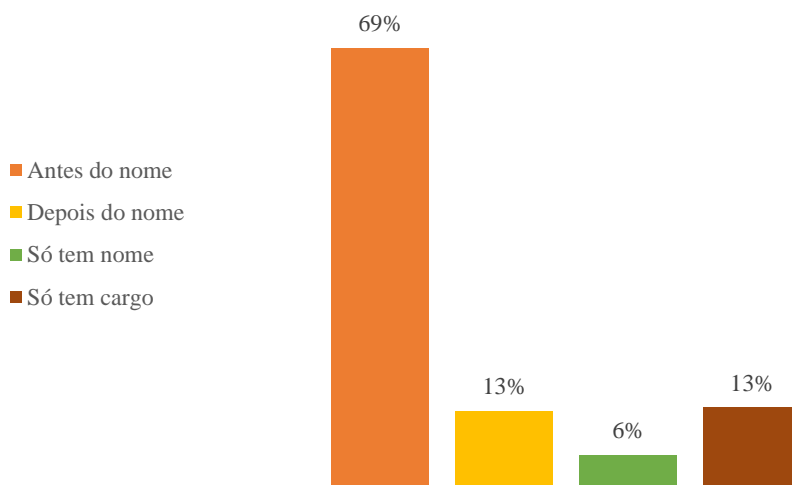


Gráfico 21. Posição textual do cargo profissional nas peças.

As últimas duas variáveis da dimensão textual dizem respeito à menção de outrem nas peças jornalísticas. A primeira dobra-se sobre a questão se, quando as peças têm um só protagonista, são mencionados outros sujeitos políticos portugueses, enquanto a segunda, com um ou mais protagonistas, questiona sobre se amigos ou familiares tomaram parte da narrativa da peça para, por exemplo, descrever o percurso de vida de protagonistas.

Conforme os dados obtidos, 22% das peças ao longo dos três meses mencionaram outros nomes políticos portugueses aquando da prévia menção do protagonista (Gráfico 22). E apenas 1% das peças tiveram intervenção da menção de nomes de familiares ou amigos, ou seja, 4 artigos noticiosos num total de 366 mencionavam algum membro próximo ao político (Gráfico 23).

PEÇAS COM UM PROTAGONISTA  
MENCIONAM OUTROS NOMES POLÍTICOS  
PORTUGUESES?

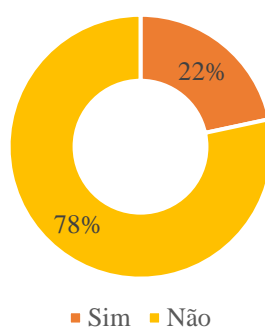


Gráfico 22. Peças com um protagonista mencionam outros nomes políticos?

### SÃO MENCIONADOS FAMILIARES OU AMIGOS DOS PROTAGONISTAS?

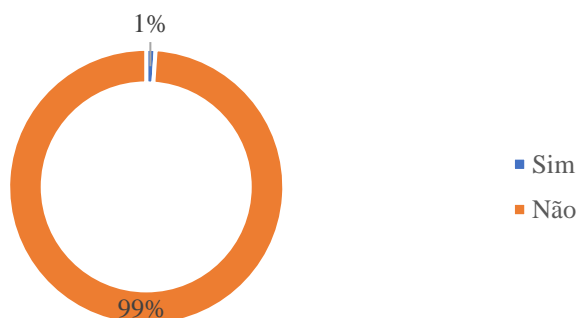


Gráfico 23. Peças com um ou dois ou mais protagonistas mencionam familiares ou amigos dos protagonistas?

### 4.3.3. Dimensão de imagem

A investigação termina com a análise da dimensão de imagem, que conta com sete variáveis que, como está explícito, estuda as imagens das peças jornalísticas. De recordar que nem todas as peças contavam com uma imagem a abrir ou acompanhar o texto, porém 72% fez-se acompanhar de pelo menos uma fotografia (Gráfico 24). Sendo que predominam as breves, não é de estranhar que 28% dos artigos não contenham acompanhamento de imagens (Gráfico 24).

### AS PEÇAS TÊM IMAGEM?

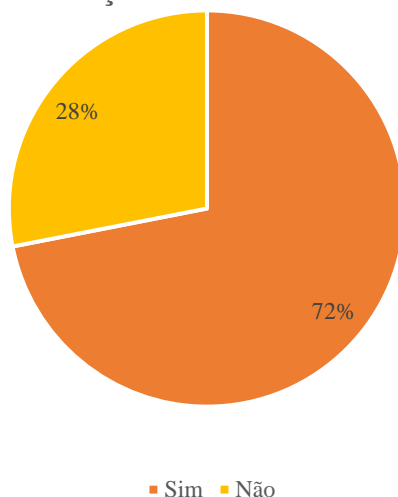


Gráfico 24. As peças têm imagem?

Para complementar a informação anterior, foram contabilizadas numericamente as imagens de cada artigo, visto que diversas imagens que os acompanhavam também retratavam outros sujeitos. As imagens são um importante fator para as peças, completando-as. Assim contabilizam-se que, na sua maioria, foram utilizadas uma única imagem nas peças (85%) (Gráfico 25).

### QUANDO TÊM IMAGEM, QUANTAS IMAGENS SÃO?

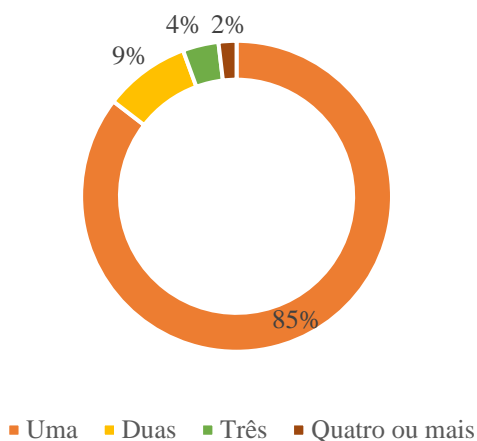


Gráfico 25. Quando têm imagem, quantas imagens são?

Na continuação de análise de peças com imagens, estuda-se o que a fotografia retrata: a fotografia genérica, os protagonistas políticos, outros sujeitos políticos e sujeitos não-políticos portugueses. Como na maioria das peças com imagem são utilizadas uma única imagem, o valor a representar o protagonista político será o mais alto, tal como se verifica no Gráfico 26, com a percentagem de 75 a amarelo. Outra fatia com o segundo valor mais alto é a da fotografia genérica (18%), retirada, normalmente, do arquivo de fotografias do *CM* ou as imagens que retratam espaços sem personagens específicas, como um posto de combustível ou manifestações de rua (Gráfico 26).

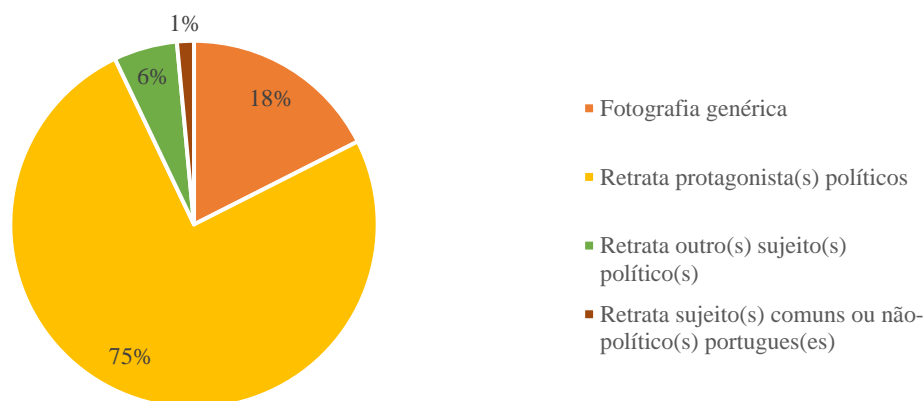


Gráfico 26. Se as peças têm imagem, o que trata?

A variável sobre o retrato dos protagonistas, dividiu-se em seis características, sendo elas: “apenas o protagonista”, “dois ou vários protagonistas”, “protagonista e outros sujeitos políticos”, “apenas um dos protagonistas”, “protagonistas e outros sujeitos políticos” e “protagonistas e fotografias genéricas”, de modo a conseguir classificar as diversas quantidades de imagens presentes nas peças. O Gráfico 27 demonstra que 67% das imagens retratam os próprios protagonistas. Estes ao protagonizarem as fotografias que acompanham os textos, origina mais curiosidade ao leitor para ler o conteúdo da peça, sobretudo através das próprias expressões faciais e corporais dos políticos, que serão analisadas brevemente. Para além de as imagens retratarem os protagonistas, retratam também outros sujeitos com cargos políticos, mas que, em corpo de texto, não protagonizam o conteúdo (10%) (Gráfico 27).

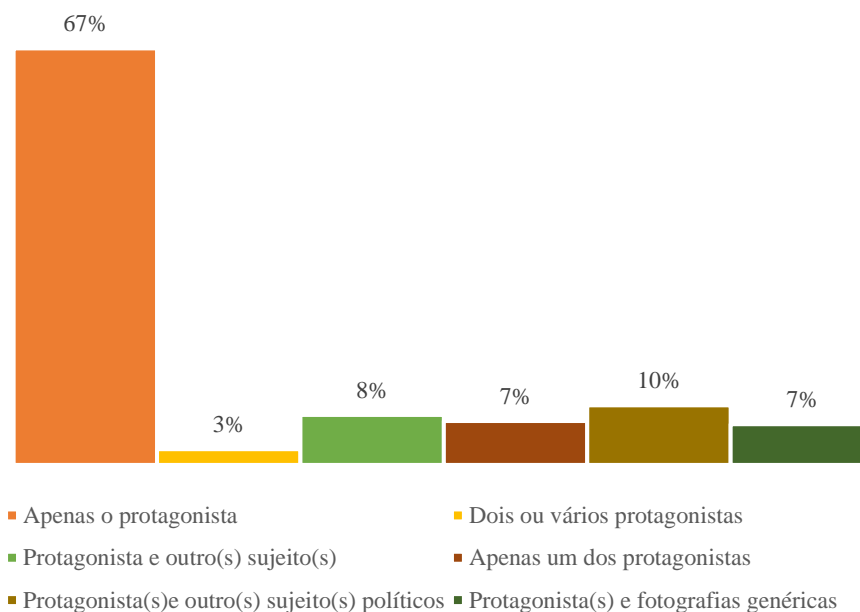


Gráfico 27. Quando o protagonista é retratado na imagem, quem mais protagoniza a imagem?

Já a “localização das imagens” serve para qualquer tipo de imagem utilizada nos artigos, e para analisar o tipo de instituição ou de espaço retratado. Sendo as notícias de teor político, a localização mais comum para estas imagens são as “instituições políticas” (25%) e o “Parlamento” (20%) (Gráfico 28). A opção “não identificável”, como o próprio nome indica, tem por propósito caracterizar as imagens que não têm um fundo nítido ou imagens cortadas; os 17% correspondem, portanto, a essa opção (Gráfico 28).

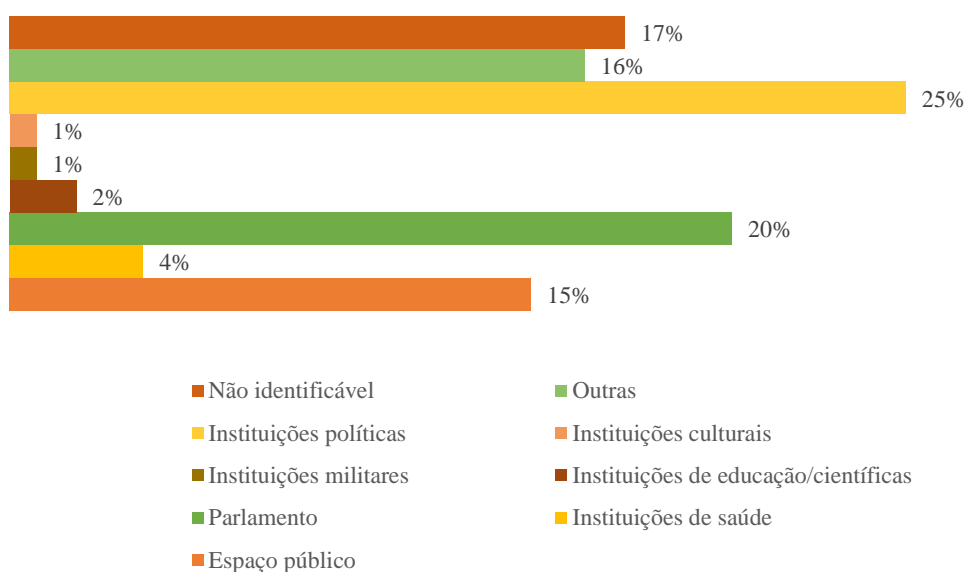


Gráfico 28. Localização das imagens.

Por último, analisa-se os protagonistas nas imagens: as suas expressões faciais e corporais: “aspeto dos protagonistas nas imagens” e “tipo de ação dos protagonistas nas imagens”. A política é tida como um meio profissional e sério, e são assim que os seus protagonistas são retratados nos meios de comunicação social. O Gráfico 29 mostra-nos que 44% dos protagonistas apresentam uma expressão “séria”, todavia, a segunda expressão mais comum nas imagens é “sorridente” com 35% (Gráfico 29). Esta última, a respeito de opinião observada enquanto estagiária, deve-se à editoria das peças em selecionar imagens fora do “comum” da política para, uma vez mais, atrair o público. Contudo, não se pode esquecer que várias personagens políticas são retratadas com esta expressão, como o Presidente da República. Em Parlamento, a partilha de ideias, e discussões, são constantes, o que origina as expressões como “defensivo”, “chateado” ou “acusador”, perfazendo 11% das expressões (Gráfico 29).

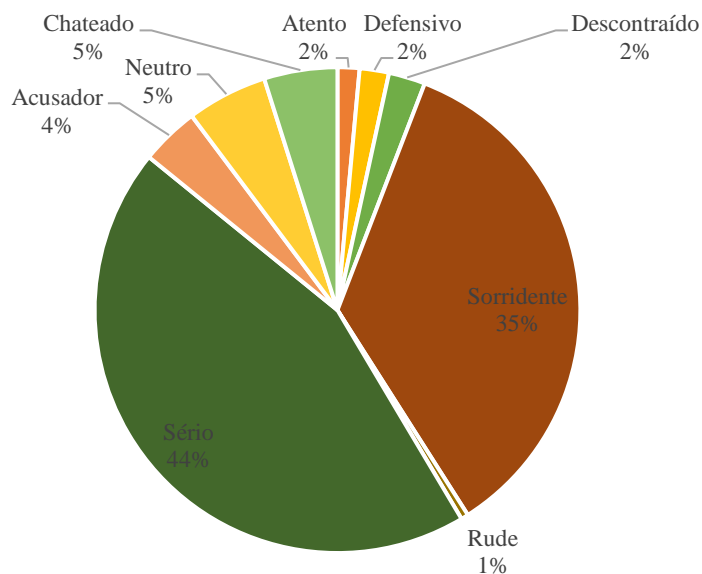


Gráfico 29. Aspeto dos protagonistas nas imagens.

Daqui importa analisar as expressões das mulheres com cargos políticos que protagonizam as várias peças. As mulheres analisadas caracterizam-se por serem “sérias” (42%), e, apesar de o valor de “sorridente” estar ligeiramente idêntico ao Gráfico 29, a sua diminuição é evidente com o aumento das percentagens de “acusadora”, de 4% para 10% (Gráfico 30).

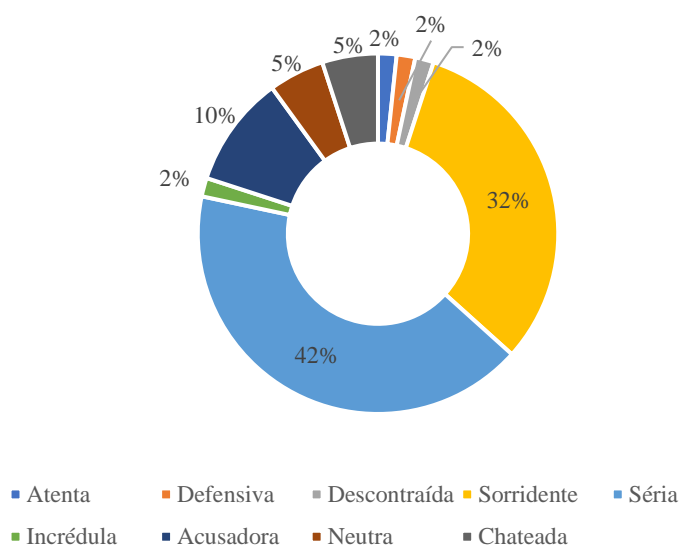


Gráfico 30. Aspeto das mulheres nas imagens.

Importa ainda analisar a última variável mencionada: o tipo de ação. As expressões faciais permitem averiguar emoções, mas não se pode esquecer da resposta do corpo a estas emoções, que muitas vezes podem não ser visíveis, porém o corpo denuncia-as. Nas imagens é evidente a tendência de fotografar políticos durante discursos ou diálogos, seja no Parlamento ou em conferências, traduzindo-se para os dados do Gráfico 31: 49% dos protagonistas são retratados em “diálogo/discurso”. Apesar dos níveis anteriores de aspeto das personagens, neste gráfico é possível concluir que, mesmo com expressões como “chateado” ou “sério”, não foi frequente assistir a imagens de ação como “ripostar” (2%) (Gráfico 31). A ação “sem ação” contabilizou 19%, a segunda maior percentagem, em que ou não foi possível perceber o tipo de expressão corporal ou era indetetável por um estado de humor neutro, sem expressões evidenciadas (Gráfico 31).

O Gráfico 32 foca-se no tipo de ação produzidas pelas mulheres analisadas. Os dados não divergem muito: ligeiro aumento nas ações “diálogo/discurso” (52%), “sem ação” (20%) e “ripostar” (3%), que cruzam dados com o Gráfico 30 ao demonstrar que as mulheres com cargos políticos têm tendência para comportamentos sérios e de acusação, mas permanecem neutras.

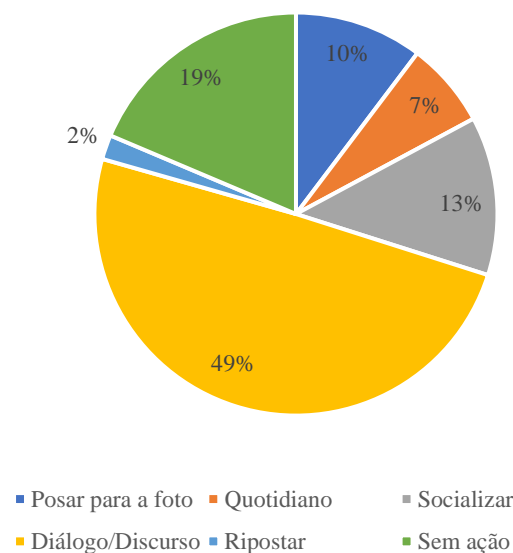
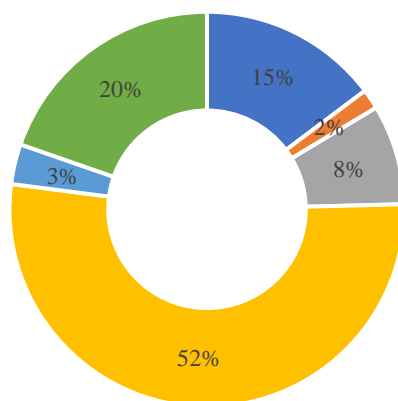


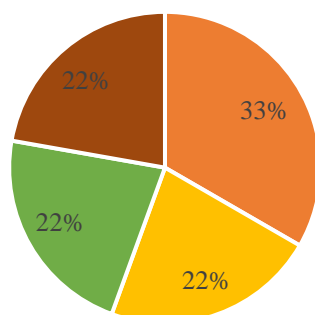
Gráfico 31. Tipo de ação dos protagonistas nas imagens.



■ Posar para a foto ■ Quotidiano ■ Socializar ■ Diálogo/Discurso ■ Ripostar ■ Sem ação

Gráfico 32. Tipo de ação das mulheres nas imagens analisadas.

Importa analisar, por último, o cruzamento de dados entre o número de protagonistas presente nas peças e as imagens nas peças selecionadas pelos autores. Nas peças que contam com dois ou mais protagonistas femininos ou femininos e masculinos e que são acompanhadas de imagem, 45% das peças com protagonistas de ambos os sexos privilegiam o retrato do homem sozinho ou da mulher acompanhada pelo homem (Gráfico 33). Numa totalidade de nove peças com estas variáveis, apenas três privilegiam o retrato da mulher e duas representam apenas uma mulher quando a peça é protagonizada por mais do que uma mulher.



■ Feminino em vez de masculino ■ Masculino em vez de feminino  
 ■ Feminino e masculino ■ Só um dos femininos

Gráfico 33. Quando tem dois ou mais protagonistas femininos ou femininos e masculinos e tem imagem, quem aparece?

## CONCLUSÃO

O estágio no *Correio da Manhã Online* enriqueceu-me em vários domínios. Por um lado, permitiu-me colocar em prática conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e mestrado, por outro enriqueci do ponto de vista profissional, adquirindo conhecimentos acerca do funcionamento de uma redação e do próprio mundo jornalístico. Esta experiência permitiu-me refletir sobre o meio jornalístico, os seus profissionais nas mais variadas áreas, e os seus métodos de trabalho. O estágio reforçou a ideia de que a rapidez, a necessidade ao minuto por informação, a falta de profissionais qualificados e de ferramentas e a falta de aposta em multimédia e jornalismo de profundidade condicionam o jornalismo e a sua prática, podendo levar a falhas de informação ou, inclusive, ao deterioramento da saúde, física e mental, dos profissionais. Estagiar numa redação e estudar o conteúdo produzido por estes profissionais proporcionou ainda uma visão diferente acerca do tipo de conteúdo que chega ao leitor, quando este é produzido por uma redação composta maioritariamente por homens. De uma forma ou outra, mesmo que o propósito do jornalismo seja ser objetivo ou sem enviesamentos, a linguagem (e até seleção de imagens em deterioramento de outras) é influenciada por quem a constrói.

Como foi possível verificar no segundo capítulo, as mulheres sempre contribuíram para a construção histórica da vida política, seja por ação direta na política ou indireta, através da literatura e outros meios de ação. Contudo, a política continua a ser *a men's club*. O machismo intrínseco na sociedade contribuiu para que a mulher fosse afastada do espaço político e para a sua sub-representação na esfera política e, ainda, na esfera mediática. As últimas décadas do século passado foram marcadas por grandes dificuldades na implementação da igualdade de género. Embora as últimas décadas tenham sido de combate às desigualdades, os estereótipos sociais e culturais continuam a afetar a vida das mulheres na sociedade portuguesa mas não apenas:

A materialização da nova cultura igualitária encontrou resistências numa realidade onde estavam enraizadas desigualdades nos papéis e nas relações de poder entre homens e mulheres (Martins, 2015, p.51).

A investigação presente demonstrou esta sub-representação. Apesar de o estudo se focar num dos Governos atuais com mais mulheres em cargos de liderança de ministérios (antes da saída de Marta Temido do ministério da Saúde), apenas 27% dos protagonistas nos conteúdos analisados foram mulheres. Isto é, em 366 peças analisadas,

com 389 protagonistas, apenas 104 mulheres foram representadas como personagem principal. O atributo profissional dos protagonistas mais mencionado nas peças jornalísticas foi o de ministra ou ministro, porém, mesmo com uma equipa de ministros com maioria feminina, as mulheres continuam claramente sub-representadas no *CM*. A investigação teve assim como objetivo refletir sobre a representação mediática de mulheres portuguesas com cargos políticos, através da análise de peças (notícias, breves, artigos de opinião e notas editoriais) publicadas no *CM*.

A feminização das redações jornalísticas é um ponto favorável para combater a invisibilidade das mulheres com cargos políticos nos meios de comunicação portugueses e para desconstruir a linguagem mediática que interfere com a “construção e difusão de referenciais de identidades” (Souza, 2014, p.92), porém também neste meio os cargos de liderança são protagonizados por homens (Subtil, 2009; Subtil & Silveirinha, 2017), exemplo do *CM* em que tanto a direção do grupo empresarial como os editores são na sua maioria homens:

É necessário estarmos conscientes destas subjetividades e entendermos o jornalismo enquanto uma produção simbólica para, assim, perceber de que forma os *media* contribuem para a perpetuação das desigualdades entre homens e mulheres (Souza, 2014, p.92).

A pergunta que orientou este estudo - *Em que medida a representação mediática da política tende a ser genderizada nas peças?* – levou a que se concluísse que, primeiramente, a mulher necessita de alcançar os cargos políticos, nos quais a aplicação da Lei da Paridade não se está a demonstrar totalmente eficaz. A liderança dos ministérios foi composta, como referido, por maioria feminina pela primeira vez, mas os restantes cargos políticos não contam com esta realidade excepcional (secretárias de Estado e deputadas). Na Assembleia, o número de mulheres não chega ao patamar dos 40% pretendidos pela Lei, apenas os partidos com menos lugares parlamentares – o BE, o PAN e o PCP – contam com maioria feminina ou com iguais repartições de lugares por género. Se às mulheres não lhes é dada a mesma oportunidade que aos homens numa carreira num mundo político ou em postos de liderança política, estas não irão alcançar os média e, conseqüentemente, o público da mesma forma que um homem na mesma posição:

Para que as mulheres adquiram visibilidade mediática, não é suficiente que estejam mais presentes nas instituições políticas, mas também que ocupem funções de maior responsabilidade (Martins, 2015, p.12).

Torna-se evidente de que a não-representação por parte da política portuguesa, restringe a possível representação mediática das mulheres nos órgãos de comunicação, no caso, o *CM*. Visto que,

Na produção jornalística, há uma tensão entre o compromisso com os princípios da igualdade e da não-discriminação e o trabalho quotidiano, em que os critérios de seleção informativa podem reproduzir, e mesmo agudizar, as desigualdades entre homens e mulheres na distribuição de poder na sociedade (Martins, 2015, pp.12-13).

Em segundo lugar, concluiu-se que a referida feminização das redações de jornalismo necessita de ser posta em prática de modo que a linguagem e construção de artigos jornalísticos mudem de rumo. De exemplo, verificou-se que no total das quatro peças que mencionaram amigos ou familiares dos protagonistas duas diziam respeito a protagonistas mulheres (que são acompanhadas por outros protagonistas) e duas a protagonistas homens. Nas duas peças com protagonistas homens, utilizam-se expressões como “próximo de” ou “dá-se bem com” para se referir a colegas de trabalho. Isto também acontece nas peças com protagonistas mulheres, porém nestas são utilizadas ainda outras expressões e dados que não são utilizados quando um homem é protagonista de uma peça. Por exemplo, numa das peças, em que ambas as protagonistas são mulheres, são incluídos graus de parentesco (“é filha de”) com ex-políticos e de proximidade com outros (“é próxima de”), para além de as caracterizar com a expressão “são amigas”. Na segunda peça, desta vez com uma mulher e com um homem, o mesmo acontece ao caracterizar a protagonista com um grau de proximidade com o protagonista (“é vista como a protegida de”), com grau de parentesco por afinidade (“foi aí que conheceu o marido”) ou, inclusive, caracterizando a protagonista com a descrição e a menção de percurso e notas académicas.

Assim, a pouca representação política remete automaticamente para a pouca representação mediática. O futuro para a desconstrução da imagem de invisibilidade das mulheres está nas mãos dos média e, inclusive, nos novos média, mesmo que estes, segundo Silveirinha, cometam os mesmos erros que os tradicionais ao reproduzir imagens negativas das mulheres (2012, p.97). Os média têm um papel essencial para mudar o panorama aqui estudado, é importante continuar a investigar a área da representação mediática de mulheres, principalmente de mulheres com cargos políticos, podendo concentrar-se na construção de soluções mais eficazes para responder ao problema da genderização e sub-representação das mulheres nos órgãos de comunicação social portugueses ou, mesmo, para o acesso às carreiras políticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista, C. (2017). Género e jornalismo parlamentar em Portugal. *Gênero & Direito*, 6(1), 143-171. [https://run.unl.pt/handle/10362/28614?locale=pt\\_PT](https://run.unl.pt/handle/10362/28614?locale=pt_PT)
- Bastos, H. (2009). Da implementação à estagnação: Os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal. In *Livro de Atas da SOPCOM*. (pp. 2513-2527). SOPCOM-Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. <http://hdl.handle.net/10216/25240>
- Bastos, H. (2015). Das utopias à realidade: Um olhar sobre duas décadas de ciberjornalismo. Ciberjornalismo: 20 anos *made in* Portugal. *Revista Estudos de Jornalismo*, (4), 9-18. <http://www.revistaej.sopcom.pt/edicao/61>
- Beauvoir, S. De. (1970). *O segundo sexo. Fatos e mitos*. (S. Milliet, Trad.) (4º ed). Difusão Europeia do Livro. (Obra original publicada em 1949). <https://materialfeminista.milharal.org/2012/08/02/livro-o-segundo-sexo-volumes-1-e-2/>
- Berger, A. A. (2016). *Media and communication research methods*. SAGE. <https://vdoc.pub/documents/media-and-communication-research-methods-7634pd513as0?fbclid=IwAR2mB0ITMgUgoHAPIUktZpXUs-CcV3XDX2E-CGxWgvuQy1kFNrn2m0paUxk>
- Bryman, A. (1988). *Quantity and Quality in Social Research*. Routledge. [https://www.academia.edu/28944371/Alan\\_Bryman\\_Quantity\\_and\\_Quality\\_in\\_Social\\_Research\\_Contemporary\\_Social\\_Research\\_?fbclid=IwAR21t01YmcLy rZQhysP0q6pLVpLt\\_GtlLNVjeYZ4wrMvQuupy9EF2gzSHnI](https://www.academia.edu/28944371/Alan_Bryman_Quantity_and_Quality_in_Social_Research_Contemporary_Social_Research_?fbclid=IwAR21t01YmcLy rZQhysP0q6pLVpLt_GtlLNVjeYZ4wrMvQuupy9EF2gzSHnI)
- Cardoso, G.; Paisana, M. & Pinto-Martinho, A. (2022). *Digital News Report Portugal 2022*. OberCom. [https://obercom.pt/wp-content/uploads/2022/06/DNRPT\\_2022\\_FINAL\\_14Jun.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2022/06/DNRPT_2022_FINAL_14Jun.pdf)
- Cofina. (2020). *Código de Ética e de Conduta da COFINA, SGPS, S.A.* [http://www.cofina.pt/~media/Files/C/Cofina/about/governo\\_sociedade/governance/20201124\\_Cdigo\\_de\\_tica\\_e\\_Conduta\\_COFINA.pdf](http://www.cofina.pt/~media/Files/C/Cofina/about/governo_sociedade/governance/20201124_Cdigo_de_tica_e_Conduta_COFINA.pdf)

- Cofina. (2021). *Plano para a Igualdade de Género 2022*. Cofina SGPS, S.A.  
[http://www.cofina.pt/press-releases/2021/2021-09-20.aspx?sc\\_lang=pt-pt](http://www.cofina.pt/press-releases/2021/2021-09-20.aspx?sc_lang=pt-pt)
- Cofina. (2022). *Relatório e Contas*. [http://www.cofina.pt/press-releases/2022/2022-04-07b.aspx?sc\\_lang=pt-pt](http://www.cofina.pt/press-releases/2022/2022-04-07b.aspx?sc_lang=pt-pt)
- Duarte, A. F. N. (2014). *Correio da Manhã: A realidade de um jornal diário generalista*. [Relatório de Estágio de mestrado, Escola Superior de Tecnologia de Tomar]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/8260>
- Esteves, J. (2001). Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1ª década do século XX. *Penélope*, (25), 87-112.  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2654444>
- Esteves, J. (2014). Da esperança à deceção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *Historia Constitucional*, (15), 471-507.  
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=259031826016>
- Ferreira, M. L. R. (2017). Prefácio. In M. Wollstonecraft, *Uma Reivindicação dos Direitos da Mulher* (pp.5-23). Antígona Editores.
- Gallagher, M. (2001). *Gender Setting: New Agendas for Media Monitoring and Advocacy*. Zed Books  
[https://books.google.pt/books/about/Gender\\_Setting.html?id=FXD7AVta6egC&redir\\_esc=y](https://books.google.pt/books/about/Gender_Setting.html?id=FXD7AVta6egC&redir_esc=y)
- Garcia, J. L. (2022). *A afirmação negra e a questão colonial*. Tinta-da-China
- Global Media Monitoring Project 2010. (2010). *Who makes the news?*  
<https://youcantbewhatyoucantsee.com/wp-content/uploads/2013/07/Global-Media-Monitoring-Project-2010.pdf>
- Global Media Monitoring Project 2020. (2021). *Portugal: National Report*. Who makes the news? <https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/Portugal-GMMP-2020.pdf>
- Gouges, O. de. (2021). *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* (A. M. Coutinho, Trad.) Instituto + Liberdade (Obra original publicada em 1791).  
<https://maisliberdade.pt/biblioteca/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada/>

- Guinote, P. (2015). Ana de Castro Osório (1872-1935). *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, (33), 181-183. [http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-68852015000100018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852015000100018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Lisboa, M. & Teixeira, A. L. (2016). Género e tomada de decisão na esfera política em Portugal. In I. H. de Jesus, P. G. Ribeiro, R. Mira, & Z. O. De Castro (Eds.). *Falar de mulheres. Dez anos depois* (pp.107-121). Húmus. <http://hdl.handle.net/10362/29724>
- Malinowska, A. (2020). *Waves of Feminism*. The International Encyclopedia of Gender, Media, and Communication. <https://doi.org/10.1002/9781119429128.iegmc096>
- Martins, C. (2015). *Mulheres, Liderança Política e Media*. Alêtheia Editores.
- Mill, J. S. (2006). A Sujeição das Mulheres. *Revista Género*, 7(1), 181-202. <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31106>
- Monteiro, R. (2011). A Política de Quotas em Portugal: O papel dos partidos políticos e do feminismo de Estado. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (92), 31-50. <https://doi.org/10.4000/rccs.3953>
- Neves, A. & Catarino, F. (Eds.). (2015). *Às Mulheres Portuguesas*. In A. de C. Osório, *Às Mulheres Portuguesas*. Bibliotrónica Portuguesa. (Obra original publicada em 1905). <https://bibliotronicaportuguesa.pt/livro/as-mulheres-portuguesas-ana-castro-osorio/>
- Pimentel, I. (2011). *A cada um o seu lugar. A política feminina do Estado Novo*. Temas e Debates.
- Rampton, M. (2008). *Four Waves of Feminism*. Pacific Magazine. <https://www.pacificu.edu/magazine/four-waves-feminism>
- Ribeiro, A. & Lagarto, M. (2021). *Feminismos antes do 25 de abril de 1974 (Portugal 1890-1949)*. FEM. <https://fem.org.pt/feminismos-antes-do-25-de-abril-de-1974-portugal-1890-1949/>
- Rosas, F. (Coord.) (1992). Portugal e o Estado Novo (1930-1960). In J. Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.). *Nova História de Portugal* (vol.XII). Editorial Presença.

- Santos, M. H. (2017). A Participação das mulheres na política – um olhar no poder local. CIG. <https://www.cig.gov.pt/2017/09/a-participacao-das-mulheres-na-politica-um-olhar-especial-no-poder-local/>
- Saraiva, A. P. (2014). Liderança política no feminino. As presidentes de câmara no poder local em Portugal. *Faces de Eva*, (37), p.41-91. <https://scielo.pt/pdf/eva/n37/n37a05.pdf>
- Silva, M. R. T. da. (1983). Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX. *Análise Social*, XIX(77-78-79), 875-907. [http://analisesocial.ics.ul.pt/?page\\_id=12](http://analisesocial.ics.ul.pt/?page_id=12)
- Silveirinha, M. J. (2012). Repensar as políticas públicas sobre as mulheres e os media –ou do quão cruciais são os estudos feministas da comunicação. *Ex Aequo*, nr25, 91-104. [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0874-55602012000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0874-55602012000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Souza, J. (2014). A invisibilidade das Mulheres nos Media: quando a representação de género define o sexo da notícia. *Media & Jornalismo*, 14(25), 91-103. <http://cicdigitalpolo.fcsh.unl.pt/pt/revista-media-jornalismo-no-25/>
- Subtil, F. (2009). Anotações sobre o processo de feminização da profissão de jornalista na década de 1990. In: J. L. Garcia (org.). *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses: Metamorfozes e Encruzilhadas no Limiar do século XXI* (pp.93-108). Imprensa de Ciências Sociais.
- Subtil, F. & Silveirinha, M. J. (2017a). Caminhos da feminização da profissão de jornalista em Portugal: da chegada em massa à desprofissionalização. In: J. N. Matos; C. Baptista & F. Subtil, F. (org.) *A Crise do Jornalismo em Portugal* (pp.122-133). Le Monde Diplomatique/Deriva.
- Subtil, F. & Silveirinha, M. J. (2017b). Planos de igualdade de género nos media: para uma (re)consideração do caso português. *Media & Jornalismo*, 17(30), 43-61. [https://DOI.ORG/10.14195/2183-5462\\_30\\_3](https://DOI.ORG/10.14195/2183-5462_30_3)
- Tavares, M. M. P. F. (2008). *Feminismos em Portugal (1947-2007)*. [Tese de Doutoramento, Universidade Aberta]. Repositório Aberto. <http://hdl.handle.net/10400.2/1346>

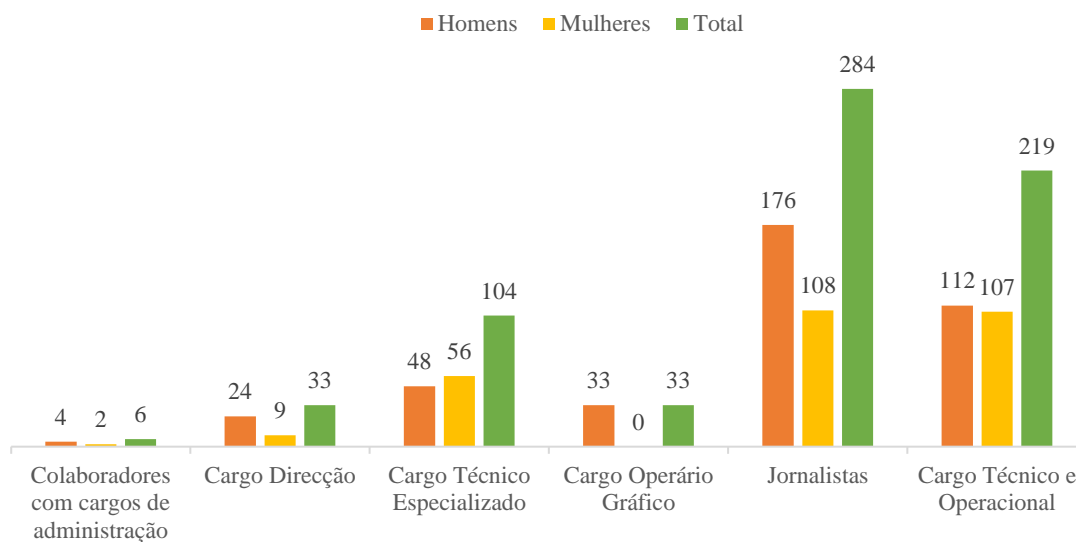
Vaquinhas, I. (2002). Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. *História*, 3, 201-221.  
<https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5120>

Wollstonecraft, M. (2017). *Uma Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Antígona Editores.

## ANEXOS

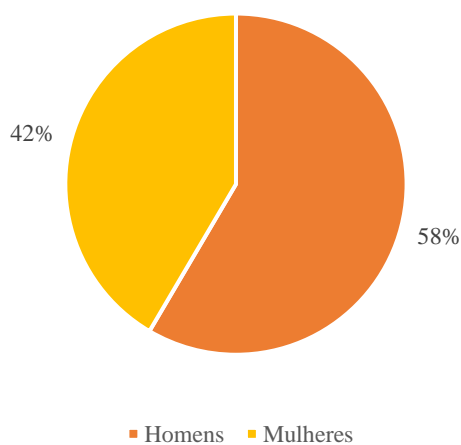
### Anexo 1. Dados sobre colaboradores ativos no grupo Cofina em 2021

#### Total de colaboradores ativos por categoria profissional



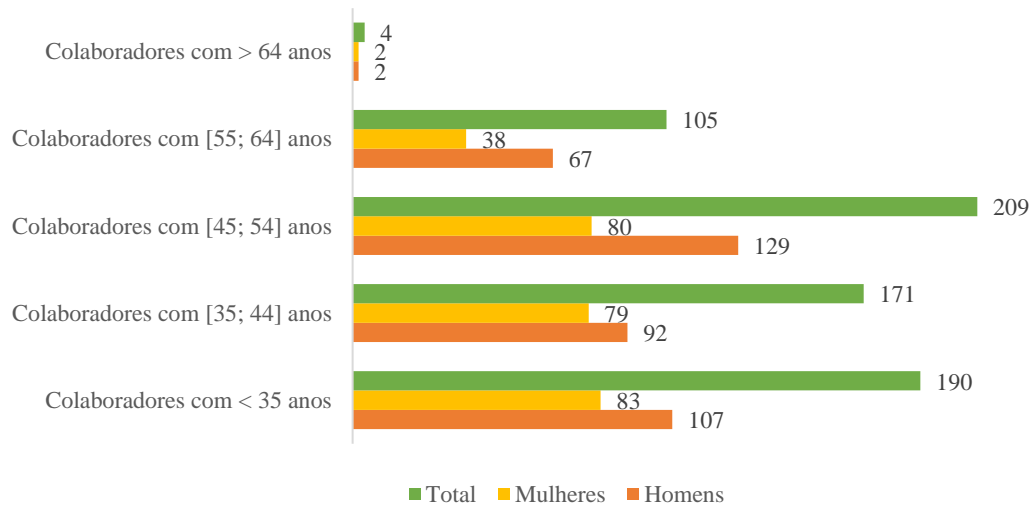
Total de colaboradores ativos por categoria profissional.

#### Total de colaboradores ativos por sexo



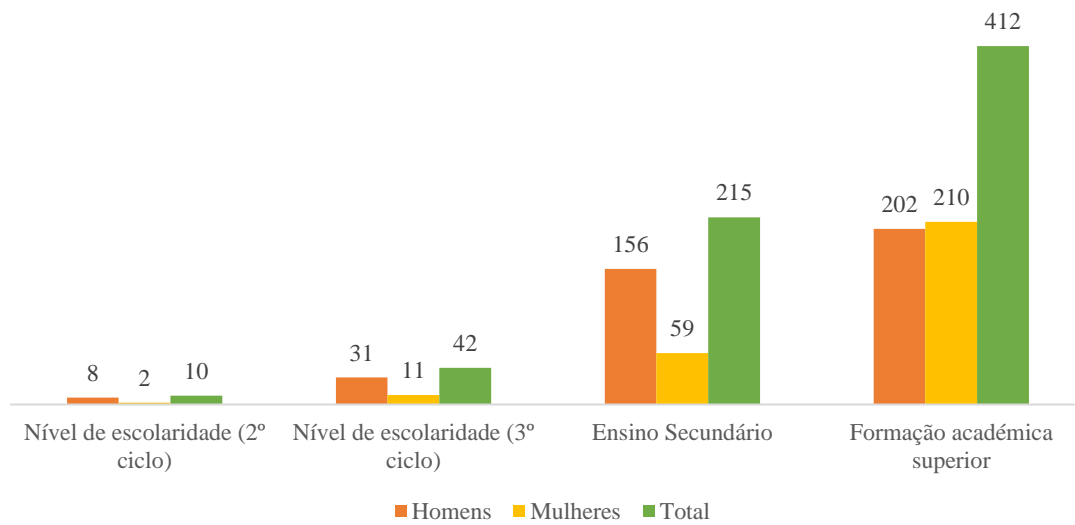
Total de colaboradores ativos por sexo.

### Faixa etária dos colaboradores



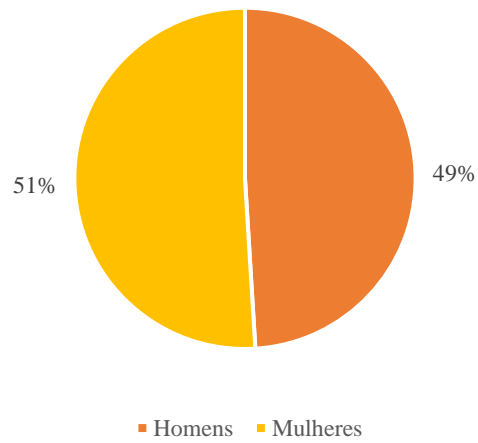
Faixa etária dos colaboradores.

### Nível de escolaridade dos colaboradores



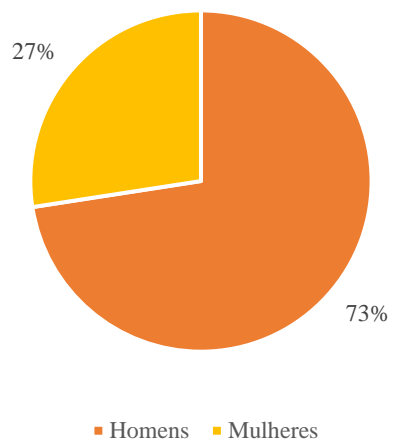
Nível de escolaridade dos colaboradores.

### Percentagem de formação académica superior por sexo



Percentagem de formação académica por sexo.

### Percentagem de nível de ensino secundário por sexo



Percentagem de nível de ensino secundário por sexo.

## Anexo 2. Peças publicadas no *Correio da Manhã*

Peças	Título	Secção	Data	Autor
<a href="https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/policia-judiciaria-apreende-mais-de-13-mil-doses-de-droga-na-regiao-norte-e-centro-do-pais">https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/policia-judiciaria-apreende-mais-de-13-mil-doses-de-droga-na-regiao-norte-e-centro-do-pais</a>	Polícia Judiciária apreende mais de 13 mil doses de droga na região Norte e Centro do País	Portugal	8 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/a-guerra-dos-tempos-modernos-jovens-ucranianas-recorrem-ao-tiktok-para-documentar-dia-a-dia-na-ucrania">https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/a-guerra-dos-tempos-modernos-jovens-ucranianas-recorrem-ao-tiktok-para-documentar-dia-a-dia-na-ucrania</a>	A guerra dos tempos modernos: Jovens ucranianas recorrem ao TikTok para documentar dia-a-dia na Ucrânia	Guerra na Ucrânia	8 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/esqueceram-se-da-guerra-por-alguns-momentos-violinista-protagoniza-momento-emocionante-num-abrigo-em-kharkiv">https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/esqueceram-se-da-guerra-por-alguns-momentos-violinista-protagoniza-momento-emocionante-num-abrigo-em-kharkiv</a>	Violinista protagoniza momento emocionante num abrigo em Kharkiv	Guerra na Ucrânia	8 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/tenista-andy-murray-anuncia-que-vai-doar-todos-os-premios-que-ganhar-as-criancas-da-ucrania">https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/tenista-andy-murray-anuncia-que-vai-doar-todos-os-premios-que-ganhar-as-criancas-da-ucrania</a>	Tenista Andy Murray anuncia que vai doar todos os prémios que ganhar às crianças da Ucrânia	Guerra na Ucrânia	9 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/sangue-de-veado-o-segredo-de-putin-para-aumentar-a-potencia-sexual">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/sangue-de-veado-o-segredo-de-putin-para-aumentar-a-potencia-sexual</a>	Sangue de veado: O segredo de Putin para aumentar a potência sexual	Mundo	9 de março de 2022	Correio da Manhã

<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/guatemala-aprova-lei-que-proibe-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/guatemala-aprova-lei-que-proibe-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo</a>	Guatemala aprova lei que proíbe casamento entre pessoas do mesmo sexo	Mundo	9 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/esta-e-a-nossa-expressao-de-luta-homem-ja-percorreu-150-quilometros-pelas-ruas-de-kiev-desde-o-inicio-da-guerra">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/esta-e-a-nossa-expressao-de-luta-homem-ja-percorreu-150-quilometros-pelas-ruas-de-kiev-desde-o-inicio-da-guerra</a>	"Esta é a nossa expressão de luta": Homem já percorreu 150 quilómetros pelas ruas de Kiev desde o início da guerra	Mundo	10 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/nova-variante-deltacron-da-covid-19-gera-preocupacao-a-oms">https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/nova-variante-deltacron-da-covid-19-gera-preocupacao-a-oms</a>	Nova variante 'Deltacron' da Covid-19 gera preocupação à OMS	Sociedade	10 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/bomba-retirada-de-apartamento-na-regiao-ucraniana-chernihiv">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/bomba-retirada-de-apartamento-na-regiao-ucraniana-chernihiv</a>	Bomba retirada de apartamento na região ucraniana Chernihiv	Mundo	14 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/congresso-da-guatemala-arquiva-lei-que-proibia-casamento-gay">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/congresso-da-guatemala-arquiva-lei-que-proibia-casamento-gay</a>	Congresso da Guatemala arquiva lei que proibia casamento gay	Mundo	17 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/menino-de-13-anos-conduzia-em-contramao-no-acidente-que-matou-jovem-portugues-nos-eua">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/menino-de-13-anos-conduzia-em-contramao-no-acidente-que-matou-jovem-portugues-nos-eua</a>	Menino de 13 anos conduzia em contramão no acidente que matou jovem português nos EUA	Mundo	18 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/irmaos-de-sete-e-nove-anos-sobrevivem-26-dias-perdidos-na-amazonia">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/irmaos-de-sete-e-nove-anos-sobrevivem-26-dias-perdidos-na-amazonia</a>	Irmãos de sete e nove anos sobrevivem 26 dias perdidos na Amazônia	Mundo	18 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/russia-celebra-8-aniversario-da-anexacao">https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/russia-celebra-8-aniversario-da-anexacao</a>	Rússia celebra 8.º aniversário da anexação	Guerra na Ucrânia	18 de março de 2022	Correio da Manhã

<a href="#"><u>aniversario-da-anexacao-da-crimeia-com-discurso-de-putin</u></a>	da Crimeia com discurso de Putin			
<a href="https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/homem-de-64-anos-detido-por-filmar-jovens-sem-consentimento-em-braga"><u>https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/homem-de-64-anos-detido-por-filmar-jovens-sem-consentimento-em-braga</u></a>	Homem de 64 anos detido por filmar jovens sem consentimento em Braga	Portugal	21 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/jovem-mata-duas-professoras-a-facada-numa-escola-secundaria-na-suecia"><u>https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/jovem-mata-duas-professoras-a-facada-numa-escola-secundaria-na-suecia</u></a>	Jovem mata duas professoras à facada numa escola secundária na Suécia	Mundo	22 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/venda-de-quadro-antiguerra-de-banksy-angariou-mais-de-96-mil-euros-para-hospital-de-kiev"><u>https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/venda-de-quadro-antiguerra-de-banksy-angariou-mais-de-96-mil-euros-para-hospital-de-kiev</u></a>	Venda de quadro antiguerra de Banksy angariou mais de 96 mil euros para hospital de Kiev	Guerra na Ucrânia	28 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/mulher-escapa-a-violacao-em-cascais-apos-festa-em-discoteca-suspeito-identificado-pela-ppsp"><u>https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/mulher-escapa-a-violacao-em-cascais-apos-festa-em-discoteca-suspeito-identificado-pela-ppsp</u></a>	Mulher escapa a violação em Cascais após festa em discoteca. Suspeito identificado pela PSP	Portugal	29 de março de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/acho-dificil-haver-simulacao-especialista-em-linguagem-corporal-examina-estalada-de-will-smith-a-chris-rock"><u>https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/acho-dificil-haver-simulacao-especialista-em-linguagem-corporal-examina-estalada-de-will-smith-a-chris-rock</u></a>	"Acho difícil haver simulação": Especialista em linguagem corporal examina estalada de Will Smith a Chris Rock	Cultura	30 de março de 2022	Correio da Manhã (Conteúdo exclusivo)
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/imagens-de-satelite-mostram-corpos-nas-ruas-de-bucha-11-dias-antes-das-tropas-russas-abandonarem-a-cidade"><u>https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/imagens-de-satelite-mostram-corpos-nas-ruas-de-bucha-11-dias-antes-das-tropas-russas-abandonarem-a-cidade</u></a>	Imagens de satélite mostram corpos nas ruas de Bucha 11 dias antes dos russos abandonarem a cidade	Guerra na Ucrânia	5 de abril de 2022	Correio da Manhã

<a href="https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/marco-de-2022-considerado-o-quinto-mais-quente-de-sempre">https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/marco-de-2022-considerado-o-quinto-mais-quente-de-sempre</a>	Março de 2022 considerado o quinto mais quente de sempre	Sociedade	8 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/pessoas-que-ainda-nao-tiveram-covid-19-terao-mais-problemas-de-socializacao-diz-medico-sul-coreano">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/pessoas-que-ainda-nao-tiveram-covid-19-terao-mais-problemas-de-socializacao-diz-medico-sul-coreano</a>	Pessoas que ainda não tiveram Covid-19 terão mais problemas de socialização, diz médico sul coreano	Mundo	8 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/sean-penn-diz-que-esta-a-pensar-em-pegar-armas-contra-a-russia">https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/sean-penn-diz-que-esta-a-pensar-em-pegar-armas-contra-a-russia</a>	Sean Penn diz que está “a pensar em pegar armas contra a Rússia”	Guerra na Ucrânia	12 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/funeral-de-jovem-que-morreu-na-viagem-de-finalistas-em-espanha-realiza-se-esta-quinta-feira-em-alcobaca">https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/funeral-de-jovem-que-morreu-na-viagem-de-finalistas-em-espanha-realiza-se-esta-quinta-feira-em-alcobaca</a>	Funeral de jovem que morreu na viagem de finalistas em Espanha realiza-se esta quinta-feira em Alcobaça	Portugal	13 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/olhe-para-cima-venus-marte-jupiter-e-saturno-va-estar-alinhados-no-ceu-este-mes">https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/olhe-para-cima-venus-marte-jupiter-e-saturno-va-estar-alinhados-no-ceu-este-mes</a>	Olhe para cima: Vénus, Marte, Júpiter e Saturno vão estar alinhados no céu este mês	Sociedade	20 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/cantor-gay-revela-que-teve-relacoes-sexuais-com-uma-mulher-depois-de-uma-saida-a-noite">https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/cantor-gay-revela-que-teve-relacoes-sexuais-com-uma-mulher-depois-de-uma-saida-a-noite</a>	Cantor gay revela que teve relações sexuais com uma mulher depois de uma saída à noite	Famosos	22 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/victor-saiu-de-casa-para-comprar-pao-mas-acabou-bombardeamento-em-kharkiv">https://www.cmjornal.pt/mais-cm/especiais/guerra-na-ucrania/detalhe/victor-saiu-de-casa-para-comprar-pao-mas-acabou-bombardeamento-em-kharkiv</a>	Victor saiu de casa para comprar pão mas acabou morto num bombardeamento em Kharkiv	Guerra na Ucrânia	22 de abril de 2022	Andreia Nogueira e

<a href="#"><u>morto-num-bombardeamento-em-kharkiv</u></a>				Pedro Zagacho Gonçalves
<a href="https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/pessoas-com-gatos-de-estimacao-sao-mais-atraentes-e-tem-mais-sexo-revela-estudo"><u>https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/pessoas-com-gatos-de-estimacao-sao-mais-atraentes-e-tem-mais-sexo-revela-estudo</u></a>	Pessoas com gatos de estimação são mais atraentes e têm mais sexo, revela estudo	Mundo	22 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/jovem-de-25-anos-acusado-de-matar-filha-recem-nascida"><u>https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/jovem-de-25-anos-acusado-de-matar-filha-recem-nascida</u></a>	Jovem de 25 anos acusado de matar filha recém-nascida	Mundo	22 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/casal-norte-americano-gasta-apenas-460-euros-no-casamento"><u>https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/casal-norte-americano-gasta-apenas-460-euros-no-casamento</u></a>	Casal norte-americano gasta apenas 460 euros no casamento	Mundo	22 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/crianca-leva-tequila-para-jardim-de-infancia-e-embebeda-colegas"><u>https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/crianca-leva-tequila-para-jardim-de-infancia-e-embebeda-colegas</u></a>	Criança leva tequila para jardim de infância e embebeda colegas	Insólitos	22 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/cidade-chinesa-obriga-a-testar-56-milhoes-de-pessoas-a-covid-depois-de-ser-detetado-um-caso"><u>https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/cidade-chinesa-obriga-a-testar-56-milhoes-de-pessoas-a-covid-depois-de-ser-detetado-um-caso</u></a>	Cidade chinesa obriga a testar 5.6 milhões de pessoas à Covid depois de ser detetado um caso	Mundo	28 de abril de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/marco-paulo-joao-mota-patricia-mamona-e-auriol-dongmo-condecorados-pela-presidencia-da-republica"><u>https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/marco-paulo-joao-mota-patricia-mamona-e-auriol-dongmo-condecorados-pela-presidencia-da-republica</u></a>	Marco Paulo, João Mota, Patrícia Mamona e Auriol Dongmo condecorados pelo Presidente da República	Portugal	2 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/mae-afoga-filho-de-dois-anos-para-o-proteger-dos-demonios-no-pais-de-gales"><u>https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/mae-afoga-filho-de-dois-anos-para-o-proteger-dos-demonios-no-pais-de-gales</u></a>	Mãe afoga filho de dois anos para “o proteger dos demónios” no País de Gales	Mundo	3 de maio de 2022	Correio da Manhã

<a href="https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/assembleia-municipal-de-lisboa-aprova-voto-de-pesar-pelo-falecimento-da-jornalista-marta-louro">https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/assembleia-municipal-de-lisboa-aprova-voto-de-pesar-pelo-falecimento-da-jornalista-marta-louro</a>	Assembleia Municipal de Lisboa aprova voto de pesar pelo falecimento da jornalista Marta Louro	Sociedade	3 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/idosa-brasileira-de-121-anos-diz-ser-a-mulher-mais-velha-do-mundo">https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/idosa-brasileira-de-121-anos-diz-ser-a-mulher-mais-velha-do-mundo</a>	Idosa brasileira de 121 anos diz ser a mulher mais velha do mundo	Insólitos	4 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/anitta-passou-horas-a-conversar-com-dicaprio-sobre-eleicoes-brasileiras-na-met-gala">https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/anitta-passou-horas-a-conversar-com-dicaprio-sobre-eleicoes-brasileiras-na-met-gala</a>	Anitta passou horas a conversar com DiCaprio sobre eleições brasileiras na Met Gala	Famosos	4 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/homem-condenado-por-torturar-o-filho-bebe-e-espancado-com-latas-de-atum-na-cadeia">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/homem-condenado-por-torturar-o-filho-bebe-e-espancado-com-latas-de-atum-na-cadeia</a>	Homem condenado por torturar o filho bebé é espancado com latas de atum na cadeia	Mundo	4 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/post-malone-anuncia-que-vai-ser-pai-pela-primeira-vez">https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/post-malone-anuncia-que-vai-ser-pai-pela-primeira-vez</a>	Post Malone anuncia que vai ser pai pela primeira vez	Famosos	4 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/esta-noite-nao-se-esqueca-de-olhar-para-cima-ha-chuva-de-meteoros-durante-a-madrugada">https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/esta-noite-nao-se-esqueca-de-olhar-para-cima-ha-chuva-de-meteoros-durante-a-madrugada</a>	Esta noite não se esqueça de olhar para cima: Há chuva de meteoros durante a madrugada	Sociedade	5 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/tom-cruise-chega-de-helicoptero-a-pre-estreia-do-filme-top-gun-2">https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/tom-cruise-chega-de-helicoptero-a-pre-estreia-do-filme-top-gun-2</a>	Tom Cruise chega de helicóptero à pré-estreia do filme Top Gun 2	Famosos	5 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/papa-francisco-surge-pela-primeira-vez-em-cadeira-de-rodas-veja-as-imagens">https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/papa-francisco-surge-pela-primeira-vez-em-cadeira-de-rodas-veja-as-imagens</a>	Papa Francisco surge pela primeira vez em cadeira de rodas no Vaticano. Veja as imagens	Mundo	5 de maio de 2022	Correio da Manhã

<a href="https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/filhos-adolescentes-ignoram-as-maes-estudo-diz-que-sim-e-explica-porque">https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/filhos-adolescentes-ignoram-as-maes-estudo-diz-que-sim-e-explica-porque</a>	Filhos adolescentes ignoram as mães? Estudo diz que sim e explica porquê	Sociedade	7 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/filho-de-nick-cave-morre-dois-dias-depois-de-sair-da-prisao-por-violencia-contr-a-mae">https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/filho-de-nick-cave-morre-dois-dias-depois-de-sair-da-prisao-por-violencia-contr-a-mae</a>	Historial de violência e abuso de substâncias: Filho de Nick Cave morre dias depois de sair da prisão	Famosos	9 de maio de 2022	Correio da manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/jovem-de-15-anos-alergica-a-agua-nao-pode-beber-nem-chorar">https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/jovem-de-15-anos-alergica-a-agua-nao-pode-beber-nem-chorar</a>	Jovem de 15 anos alérgica a água não pode beber nem chorar	Insólitos	11 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/modelo-nadador-de-competicao-e-barman-quem-era-andre-ratao-o-dentista-que-morreu-em-ferias-com-a-noiva-em-bali">https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/modelo-nadador-de-competicao-e-barman-quem-era-andre-ratao-o-dentista-que-morreu-em-ferias-com-a-noiva-em-bali</a>	Infeção matou André Ratão durante férias em Bali ao lado da noiva. Saiba quem é o dentista, modelo e barman	Famosos	11 de maio de 2022	Andreia Nogueira e Pedro Zagacho Gonçalves (Conteúdo exclusivo)
<a href="https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/restaurante-mais-romantico-de-londres-transforma-se-num-verdadeiro-pesadelo-apos-infestacao-de-ratos">https://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/restaurante-mais-romantico-de-londres-transforma-se-num-verdadeiro-pesadelo-apos-infestacao-de-ratos</a>	Restaurante “mais romântico” de Londres transforma-se num verdadeiro pesadelo após infestação de ratos	Insólitos	18 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/federacao-de-futebol-dos-eua-alcanca-acordo-historico-de-igualdade-salarial">https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/federacao-de-futebol-dos-eua-alcanca-acordo-historico-de-igualdade-salarial</a>	Federação de Futebol dos EUA alcança acordo histórico de igualdade salarial	Desporto	18 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/funeral-de-dentista-andre-ratao-este-sabado-familia-pede-que-se-use-roupa-branca">https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/funeral-de-dentista-andre-ratao-este-sabado-familia-pede-que-se-use-roupa-branca</a>	Funeral de dentista André Ratão este sábado. Família pede que se use roupa branca	Famosos	18 de maio de 2022	Correio da Manhã

<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/a-vitoria-da-nos-tempo-para-sonhar-casal-ingles-ganha-o-maior-premio-de-sempre-do-euromilhoes">https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/a-vitoria-da-nos-tempo-para-sonhar-casal-ingles-ganha-o-maior-premio-de-sempre-do-euromilhoes</a>	"A vitória dá-nos tempo para sonhar": Casal inglês ganha o maior prémio de sempre do Euromilhões	Mundo	19 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/morreram-os-sobrinhos-gemeos-de-fanny-rodrigues">https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/morreram-os-sobrinhos-gemeos-de-fanny-rodrigues</a>	Morreram os sobrinhos gémeos de Fanny Rodrigues	Famosos	19 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/rihanna-e-aap-rocky-pais-pela-primeira-vez-primeiro-filho-do-casal-ja-nasceu">https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/rihanna-e-aap-rocky-pais-pela-primeira-vez-primeiro-filho-do-casal-ja-nasceu</a>	Rihanna e A\$AP Rocky pais pela primeira vez. Primeiro filho do casal já nasceu	Famosos	19 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/homem-abraca-os-netos-pela-primeira-apos-receber-transplante-dos-dois-bracos">https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/homem-abraca-os-netos-pela-primeira-apos-receber-transplante-dos-dois-bracos</a>	Homem abraça os netos pela primeira vez após receber transplante dos dois braços	Mundo	23 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/nunca-me-empurrou-ou-pontapeou-o-que-disse-kate-moss-para-desmentir-amber-heard-e-defender-johnny-depp-em-tribunal">https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/nunca-me-empurrou-ou-pontapeou-o-que-disse-kate-moss-para-desmentir-amber-heard-e-defender-johnny-depp-em-tribunal</a>	"Nunca me empurrou ou pontapeou": O que disse Kate Moss para desmentir Amber Heard e defender Johnny Depp em tribunal	Famosos	25 de maio de 2022	Andreia Nogueira e Pedro Zagacho Gonçalves
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/kate-moss-recebe-apoio-de-naomi-campbell-apos-desmentir-agressoes-em-tribunal-no-caso-depp-heard">https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/kate-moss-recebe-apoio-de-naomi-campbell-apos-desmentir-agressoes-em-tribunal-no-caso-depp-heard</a>	Kate Moss recebe apoio de Naomi Campbell após desmentir agressões em tribunal no caso Depp-Heard	Famosos	26 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/jovem-tenta-novo-massacre-em-escola-do-texas-e-acaba-detido">https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/jovem-tenta-novo-massacre-em-escola-do-texas-e-acaba-detido</a>	Jovem tenta novo massacre em escola do Texas e acaba detido	Mundo	26 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/insolitos/detail/ratatouille-causa-o-panico">https://www.cmjornal.pt/insolitos/detail/ratatouille-causa-o-panico</a>	'Ratatui' causa o pânico num parque de cães em	Insólitos	27 de maio de 2022	Correio da Manhã

<a href="#"><u>num-parque-de-caes-em-nova-iorque-e-acabado-atacado</u></a>	Nova Iorque e acaba atacado. Veja o vídeo			
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/russia-acusa-eua-de-usar-variola-dos-macacos-como-arma-biologica"><u>https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/russia-acusa-eua-de-usar-variola-dos-macacos-como-arma-biologica</u></a>	Rússia acusa EUA de usar varíola dos macacos como arma biológica	Mundo	27 de maio de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/menor-condenado-a-oito-anos-de-internamento-por-arrancar-olhos-a-seguranca-de-hotel-em-espanha"><u>https://www.cmjornal.pt/mundo/detail/menor-condenado-a-oito-anos-de-internamento-por-arrancar-olhos-a-seguranca-de-hotel-em-espanha</u></a>	Menor condenado a oito anos de internamento por arrancar olhos a segurança de hotel em Espanha	Mundo	2 de junho de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/daniela-melchior-confirmada-no-filme-da-marvel-guardioes-da-galaxia-volume-3"><u>https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/daniela-melchior-confirmada-no-filme-da-marvel-guardioes-da-galaxia-volume-3</u></a>	Portuguesa Daniela Melchior confirmada no filme da Marvel 'Guardiões da Galáxia: Volume 3'	Famosos	2 de junho de 2022	Andreia Nogueira e Pedro Zagacho Gonçalves
<a href="https://www.cmjornal.pt/insolitos/detail/homem-quase-fica-sem-penis-depois-de-sexo-oral-provocar-acidente-de-carro"><u>https://www.cmjornal.pt/insolitos/detail/homem-quase-fica-sem-penis-depois-de-sexo-oral-provocar-acidente-de-carro</u></a>	Homem quase fica sem pénis depois de sexo oral provocar acidente de carro	Insólitos	3 de junho de 2022	Correio da Manhã
<a href="https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/johnny-depp-vai-lancar-um-album-com-guitarrista-jeff-beck"><u>https://www.cmjornal.pt/famosos/detail/johnny-depp-vai-lancar-um-album-com-guitarrista-jeff-beck</u></a>	Johnny Depp vai lançar um álbum com o guitarrista Jeff Beck	Famosos	3 de junho de 2022	Correio da Manhã

## Anexo 3. Exemplo de banners no Correio da Manhã

SEXTA-FEIRA 25 MARÇO 2022

08 | ATUALIDADE

**NOVA LEGISLATURA**

**ENFERMEIROS | EXIGÊNCIAS O SINDICATO DOS ENFERMEIROS DESAFIOU A MINISTRA DA SAÚDE A RESOLVER OS PROBLEMAS DA CLASSE PROFISSIONAL O "MAIS RAPIDAMENTE POSSÍVEL".**

**EDUCAÇÃO | SINDICATOS**  
Os sindicatos da Educação esperam que o novo ministro desbloqueie o diálogo. A nomeação de João Costa para liderar o Ministério da Educação tem a vantagem de colocar à frente do setor quem já conhece bem os problemas, concordam as federações sindicais.

**COMÉRCIO | BOAS RELAÇÕES**  
A CCP NÃO ESPERA GRANDES ALTERAÇÕES NA POLÍTICA DO GOVERNO PARA A ECONOMIA COM A NOMEAÇÃO DE ANTÓNIO COSTA SILVA, MAS CONTA COM UM BOM RELACIONAMENTO

COMPOSIÇÃO DO GOVERNO

# Costa assume pasta do MNE por dois dias

**BELÉM** ◊ Presidente da República nomeia interinamente o primeiro-ministro devido à saída de Augusto Santos Silva e ao contexto de guerra **TRANSITÓRIO** ◊ Acumulação de funções apenas entre 28 e 29 de março

**SALOMÉ PINTO**  
O primeiro-ministro, António Costa, vai acumular as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros por dois dias, entre 28 e 29 de março, devido à saída de Augusto Santos Silva para assumir a presidência da Assembleia da República e ao contexto de guerra na Ucrânia. A decisão é do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que ontem anunciou que vai "proceder à nomeação interina do primeiro-ministro". A tomada de posse realiza-se na próxima segunda-feira e os seus efeitos findam assim que o novo Governo tomar posse, no dia 30. Esta nomeação transitória é necessária "para garantir que não há interrupção, que há continuidade na política externa" até à posse do novo Governo, "porque o ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros tem de ficar liberto para, enquanto deputado, poder estar presente na instalação do Parlamento [no dia 29] e poder eventualmente ser eleito presidente do Parlamento", justificou o chefe de Estado. Na segunda-feira, "tomarão igualmente de novo posse os atuais secretária de Estado dos Assuntos Europeus, Ana Paula Zacarias, e secretário de Estado

**SALAZAR ACUMULOU FUNÇÕES DURANTE A II GRANDE GUERRA**  
de Guerra, o então primeiro-ministro do Estado Novo, António de Oliveira Salazar, também acumulou a pasta dos Negócios Estrangeiros até 1944, um ano antes do fim do conflito mundial. ◊

**Há 86 anos, em 1936, véspera da segunda Grande Guerra**

**Primeiro-ministro, António Costa**

**Chega ataca "máquina do PS"**  
O líder do Chega, André Ventura, acusou o primeiro-ministro de criar "confusão entre o Estado e a máquina do PS" e classificou a saída de Santos Silva do Governo, num contexto de guerra, como "uma certa traição ao País". ◊

**Liberais criticam Governo frágil**  
"Há um conjunto de ministros já fragilizados politicamente", disse Rui Rocha, novo deputado da Iniciativa Liberal, apontando os casos de Marta Temido, Pedro Nuno Santos, Gomes Cravinho e Fernando Medina. ◊

**PAN contra Medina nas Finanças**  
A líder do PAN, Inês de Sousa Real, está contra Fernando Medina nas Finanças, criticando a "falta de diálogo" que demonstrou na Câmara de Lisboa, e o "risco de pôr em causa o equilíbrio da contas". ◊

## OS MINISTROS INDEPENDENTES

**ELVIRA FORTUNATO** ◊ A cientista de renome que chegou à política pela porta grande **ANTÓNIO COSTA SILVA** ◊ O 'pai do PRR' que dizia que não ambicionava integrar o Governo

### DO SUCESSO ACADÉMICO E EMPRESARIAL PARA O GOVERNO

**ELVIRA FORTUNATO**  
MINISTRA DA CIÊNCIA

**ANTÓNIO COSTA SILVA**  
MINISTRO ECONOMIA E MAR

Elvira Fortunato é, antes de mais, uma cientista de enorme relevância, nacional e internacional, que liderou uma equipa que inventou o primeiro transistor de papel, iniciando um novo campo na área da eletrónica de papel. O Conselho Europeu de Investigação atribuiu-lhe uma bolsa de 3,5 milhões de euros, o maior montante alguma vez dado a um investigador em Portugal. Vencedora de mais de 18 prémios e distinções internacionais e elogiada por Marcelo Rebelo de Sousa pela importância do seu trabalho na área da eletrónica flexível, torna-se agora ministra da Ciência, Tecnologia e Ensino superior. Multifacetada, deu voz à personagem de uma cientista, na versão portuguesa do filme de animação 'Um Susto de Família 2'. E tornou-se um dos rostos da boneca Barbie para inspirar as meninas para a ciência. A nova ministra tem criticado a burocracia e o subfinanciamento da investigação científica em Portugal. Agora, terá oportunidade de introduzir as alterações que reclamava. ◊

António Costa Silva coordenou a preparação do Programa de Recuperação Económica e foi depois nomeado para presidir à Comissão Nacional de Acompanhamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). Tornou-se agora ministro da Economia e do Mar, com um ministério alargado a três secretários de Estado: Economia; Turismo, Comércio e Serviços; e Mar. Costa Silva integra assim o Governo depois de ter dito que tal não fazia parte das suas ambições, nem do seu ADN. Antes, foi presidente executivo da Partex, a petrolífera da Gulbenkian, mas passou também pela Sonangel e por muitos outros projetos internacionais de exploração de petróleo. Costa Silva, o gestor dos petróleos, nasceu há 70 anos em Angola, onde foi ativista político e chegou a ser preso e colocado frente a um pelotão de fuzilamento quando era um estudante universitário com 25 anos. "A minha vida depois disso é uma espécie de bônus", disse numa entrevista o engenheiro de minas que se assume de esquerda. ◊

Figura 1. Exemplo de banner com detalhes, com e sem fotos, do jornal de 25 de março de 2022.

Fonte fotográfica: Autoria própria.

## POLÍTICA

COMÍCIO



Comunistas juntaram num comício no Campo Pequeno cerca de sete mil pessoas, segundo a organização do encontro

# “PCP nada tem a ver com a Rússia” ou Putin

**JERÓNIMO** • Líder diz que partido “não apoia a guerra” e está a ser vítima de “vergonhosa calúnia”

ANDRESA PEREIRA

O secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa, classificou ontem como “uma vergonhosa calúnia” a ideia de que o partido que dirige está ao lado da Rússia e de Vladimir Putin e que dá o seu apoio à invasão da Ucrânia, queixando-se de que esta guerra tem sido “pretexto para uma nova campanha anticomunista”.

“O PCP não apoia a guerra. Isso é uma vergonhosa calúnia. O PCP tem um património inigualável na luta pela paz”, afirmou Jerónimo no comício comemorativo do 101.º aniversário do partido, no Campo Pequeno, em Lisboa. Frisou ainda que os comunistas portugueses “não têm

nada a ver com o governo russo e o seu presidente”, Putin, dizendo que a sua “opção de classe é oposta à das forças políticas que governam a Rússia capitalista e dos seus grupos económicos”.

Perante uma plateia com mais de sete mil apoiantes, segundo a organização, o secretário-geral

do PCP frisou que o partido “condena todo um caminho de ingerência, violência e confrontação” que, em sua opinião, conduziu ao “golpe de Estado de 2014 promovido pelos EUA na Ucrânia”, originando “a recente intervenção militar da Rússia e a intensificação da escalada belicista dos Estados Unidos, da NATO e da União Europeia”.

JOSÉ MATOS CORREIA

## Ex-aliado de Rui Rio pressiona saída da atual liderança do PSD

O antigo dirigente do PSD José Matos Correia, que chegou a integrar, enquanto coordenador, o Conselho Estratégico e Nacional do partido já durante a presidência de Rui Rio, insistiu ontem na necessidade de uma substituição rápida da atual liderança social-democrata.

“Não há nenhuma razão para deixar apodrecer uma liderança que se sabe que vai deixar de o ser e cuja permanência em funções não tem nenhuma consequência para o partido”, disse Matos Correia ao ‘Público’.

O antigo dirigente não é o único a pedir uma alteração rápida



Rui Rio quer ser líder até ao verão

na direção do PSD, após a derrota nas Legislativas. A mesma opinião tem sido avançada por vários líderes de distritais do partido e nomes como Miguel Pinto Luz ou Miguel Relvas. Já Rio diz que está disposto a manter-se até ao verão. O partido vai fechar a data do seu congresso e das diretas para escolher o próximo presidente numa reunião do conselho nacional a 14 de março.

**SOBE**  
**MIGUEL ALBUQUERQUE**  
LÍDER DO PSD MADEIRA



Disse que é tempo de o Estado “ultrapassar contornos centralistas” e que quer dialogar com o novo Governo da República.

**DESCE**  
**LUÍS MIGUEL ALBUQUERQUE**  
PRES. CÂMARA OUREM



O autarca do PSD é criticado pela oposição por ter contratado uma sociedade de advogados que integra ex-dirigentes do seu partido.

CIMEIRA

## Acordo de 95 milhões com Cabo Verde

Os governos de Portugal e de Cabo Verde assinam hoje, na cidade da Praia, no final da VI Cimeira entre os dois países, um Programa Estratégico de Cooperação até 2026, que vai envolver cerca de 95 milhões de euros. O primeiro-ministro, António Costa, que chegou ontem a Cabo Verde, assinará este protocolo com o seu homólogo Ulisses Correia e Silva. Na cimeira, os governos português e cabo-verdiano prepararam-se ainda para acertar um programa anual de cooperação técnico-policial, além de memorandos na área da Justiça e do desporto e juventude.



António Costa com o seu homólogo de Cabo Verde, Ulisses Silva

DIREÇÃO DO LIVRE

## Rui Tavares integrou lista mais votada

A lista candidata ao Grupo de Contacto (direção) do Livre, na qual o dirigente e deputado eleito Rui Tavares é o número dois, obteve ontem 67% dos votos, conquistando 10 de um total de 15 lugares. Os restantes cinco lugares foram ocupados por membros da Lista B, entre eles a dirigente Patrícia Robalo. No XII Congresso do Livre, que decorreu em Coimbra, o Grupo de Contacto, órgão executivo do partido, teve pela primeira vez na história duas listas candidatas à direção.

Figura 2. Exemplo de banner da categoria "Sobe/Desce", do jornal de 7 de março de 2022. Fonte fotográfica: Autoria própria.

## Anexo 4. Capa do *Correio da Manhã* de 24 de março de 2022

**Queres ser um super-comercial?**  
Agarra já a tua super-carreira em [alarms.prosegur.com](https://alarms.prosegur.com)

**CANDIDATA-TE-JÁ!**  
Formação de excelência  
Programa de carreira  
Identificação de talentos  
Candidato Internacional

QUINTA-FEIRA 24/03/2022 | DIÁRIO | € 1.40 (C./IVA)

**VIDAS P.41 A 45**  
**SEXY**  
CAROLINA CARVALHO  
"PARTE CORAÇÕES" EM LINGERIE

**NO CONSTITUCIONAL P.47**  
**SÓCRATES PERDE NOVO RECURSO**

**CHEFE DE ESTADO IRRITADO POR NÃO SER O PRIMEIRO A SABER ELENCO DO EXECUTIVO P.4 A 7**  
**MARCELO FURIOSO COM COSTA**  
PRESIDENTE CANCELA AUDIÊNCIA COM PRIMEIRO-MINISTRO  
**MÁQUINA DO PS GANHA PESO NO GOVERNO**  
VEJA A LISTA COMPLETA DOS MINISTROS

MEDINA NAS FINANÇAS. MULHER LIDERA DEFESA. JOÃO COSTA NA EDUCAÇÃO

**CONTRA A TURQUIA P.24 E 25**  
**SELEÇÃO OBRIGADA A GANHAR**

**ESPECIAL DE 8 PÁGINAS**  
**PAPA TEME TERCEIRA GUERRA MUNDIAL** P.10 A 17  
REPORTAGEM DO ENVIADO ESPECIAL CM/CMTV  
ALFREDO LEITE UCRAÍNA

**VILA VERDE P.18**  
**Viola e tenta matar em liberdade condicional**

**HOSPITAL DE VISEU P.26**  
**Médicos detetam AVC seis dias após sintomas**

**CERIMÓNIAS FÚNEBRES P.8 E 9**  
**HOMENAGEM NACIONAL A POLÍCIA ASSASSINADO**  
**FUZILEIROS FICAM EM PRISÃO PREVENTIVA**  
PAIS CHORAM POR FABIO

**SABADO NAO PERCA GRATIS**  
NOVA SÉRIE P.13  
**A MINHA GUERRA**

**idealista**  
A app imobiliária líder em Portugal

Figura 3. Capa disponível em <https://www.cmjornal.pt/mais-cm/capas/detalhe/cm-de-hoje-24032022>